

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
MESTRADO EM AGROECOSSISTEMAS**

**APRENDIZAGEM SISTÊMICA PARA O DESENVOLVIMENTO
TURÍSTICO EM PRAIA GRANDE (SC): UMA REFLEXÃO A PARTIR
DA *SSM – SOFT SYSTEMS METHODOLOGY***

GIANE KARLA BERTICELLI NUNES

Florianópolis, julho de 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

**APRENDIZAGEM SISTÊMICA PARA O DESENVOLVIMENTO
TURÍSTICO EM PRAIA GRANDE (SC): UMA REFLEXÃO A PARTIR
DA SSM – *SOFT SYSTEMS METHODOLOGY***



GIANE KARLA BERTICELLI NUNES

Florianópolis

2008

GIANE KARLA BERTICELLI NUNES

**APRENDIZAGEM SISTÊMICA PARA O DESENVOLVIMENTO
TURÍSTICO EM PRAIA GRANDE (SC): UMA REFLEXÃO A PARTIR
DA SSM – *SOFT SYSTEMS METHODOLOGY***

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Agroecossistemas,
Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas,
Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal
de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Luis Schlindwein

FLORIANÓPOLIS
2008

Nunes, Giane Karla Berticelli

Aprendizagem Sistêmica para o desenvolvimento turístico em Praia Grande (SC): uma reflexão a partir da *SSM – Soft Systems Methodology*/ Giane Karla Berticelli Nunes – Florianópolis: UFSC - CCA, 2008.

xiv, 115 f.; il..

Orientador: Sandro L. Schlindwein

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, 2008.

Referências Bibliográficas: f. 123-127

1. Aprendizagem sistêmica. 2. Desenvolvimento turístico. 3. Agroecoturismo. 4. *Soft Systems Methodology*. 5. Desenvolvimento rural - Teses. I. Schlindwein, Sandro Luis. II. Universidade Federal de Santa Catarina/CCA/PGA. III. Aprendizagem Sistêmica para o desenvolvimento turístico em Praia Grande (SC): uma reflexão a partir da *SSM – Soft Systems Methodology*.

GIANE KARLA BERTICELLI NUNES

APRENDIZAGEM SISTÊMICA PARA O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO EM
PRAIA GRANDE (SC): UMA REFLEXÃO SISTÊMICA A PARTIR DA
SSM – SOFT SYSTEMS METHODOLOGY

Dissertação aprovada em 14/07/2008, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Dr. Sandro Luis Schlindwein (UFSC)
Orientador

Prof. Dr. Alfredo Celso Fantini (UFSC)
Coordenador do PGA

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alfredo Celso Fantini (UFSC)
Membro (PGA/CCA/UFSC)

Prof. Dr. Sérgio Leite G. Pinheiro
Membro (EPAGRI/SC)

Prof. Dr. Phokion Sotirios Georgiou
Membro (FGV/SP)

Profª. Dr. Ana Lúcia de Faria L. Dantas
Membro (SOCIESC/ FGV)

Florianópolis, 14 de julho de 2008.

Dedico

este trabalho em memória ao condutor e amigo,

Rodrigo Roldão da Rosa († 04/04/2008),

um anjo que abriu as portas deste lugar tão especial que é Praia Grande,

compartilhando a beleza e a emoção de cada trilha.

Espero que esta discussão contribua para a continuidade de suas ações

na busca por um turismo consciente e sustentável para esta cidade.

Saudades!

Agradeço

*aos meus pais pelo incentivo “sem-fim” aos estudos,
mas principalmente pelo incentivo às viagens e seu mundo de descobertas.*

*Agradeço a minha irmã Michelle, companheira nestas viagens,
cuja arte está presente neste trabalho.*

*Agradeço ao meu orientador Sandro, pela dedicação,
pelo excelente trabalho de me guiar por esta metodologia,
e principalmente pelos constantes incentivos para que este trabalho alcançasse
seu objetivo.*

Obrigada!

*“From space, we see a small ball dominated not by human activity and edifice
but by a pattern of clouds, oceans, greenery, and soils. (. . .)
From space, we can see and study the Earth as an organism
whose health depends on the health of all its parts.”*

Parte do texto *From One Earth to One World* – relatório *Our Common Future*, 1987.

**APRENDIZAGEM SISTÊMICA PARA O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO EM
PRAIA GRANDE (SC): UMA REFLEXÃO SISTÊMICA A PARTIR DA
SSM – SOFT SYSTEMS METHODOLOGY**

Giane Karla Berticelli Nunes

Orientador: Prof. Dr.Sandro Luis Schindwein

RESUMO

Nas últimas décadas o turismo tem contribuído de forma significativa para o desenvolvimento econômico, social e cultural de um grande número de países e tem se tornado um negócio bastante lucrativo para a maioria das empresas envolvidas na prestação de serviços dos diversos ramos de atividades que dele tomam parte. O crescimento da atividade nos últimos 17 anos tem sido de 7% nos países em desenvolvimento, com destaque para aqueles que possuem importantes atrativos naturais, assim como o Brasil. Neste cenário, o Estado de Santa Catarina destaca-se pela diversidade de atrativos turísticos oferecidos aos seus visitantes, já participando com 16% do total de divisas que ingressam no país com a atividade turística. Destacado pelo potencial natural do seu entorno e caracterizado pelas transformações sociais do seu espaço rural através da pluriatividade rural e multifuncionalidade agrícola, percebe-se o pequeno município catarinense de Praia Grande num contexto bastante complexo, representado pelo conflito de interesses entre a prática agrícola convencional e a preservação/conservação da biodiversidade protegida pelo Parque Nacional de Aparados da Serra e Parque Nacional da Serra Geral. O objetivo desta dissertação é apontar possibilidades para o desenvolvimento turístico do município de Praia Grande, a partir do reconhecimento de sua potencialidade agroecoturística, e do conflito de interesses existente entre a prática convencional agrícola e a necessidade de preservação/conservação das áreas protegidas (Parques Nacionais) no município. As inter-relações que se estabelecem entre a atividade turística, a preservação/conservação dos recursos naturais e as demais atividades econômicas do município ilustram a necessidade da adoção de uma abordagem sistêmica para melhor orientar o processo de desenvolvimento turístico de Praia Grande. Neste sentido optou-se pela adoção da *SSM – Soft Systems Methodology* para promover uma reflexão estruturada sobre a situação-problema de Praia Grande, propondo-lhe melhorias, através de ciclos de aprendizagem – processo cíclico resultante da aplicação dos estágios da metodologia. Esta metodologia permitiu reflexões dos próprios atores do desenvolvimento turístico, como por exemplo, a necessidade de realização de oficinas para o levantamento do potencial turístico da região, como também de um estudo sobre o perfil do turista que visita a região, para que se conheça a demanda real e potencial, trabalhando o planejamento turístico a partir dela. Nesta dissertação foram destacados dois ciclos de aprendizagem observados no contexto de Praia Grande: Ciclo de Aprendizagem da Situação-problema (1) e Ciclo de Aprendizagem do (s) Observador (es). Ao permitir a manifestação destes dois ciclos de aprendizagem sistêmica, é importante destacar que o pensamento e a metodologia sistêmicos aqui aplicados não são somente importantes para “compreender as relações setoriais do turismo” – Ciclo de Aprendizagem da Situação-problema (1), mas também para “refletir sobre os processos desenvolvidos ao longo tempo associados ao planejamento/desenvolvimento turístico” – Ciclo de Aprendizagem do (s) Observador (es) (2).

Palavras-chave: desenvolvimento turístico, aprendizagem sistêmica, *SSM - Soft Systems Methodology*.

**SYSTEMIC LEARNING FOR TOURISTIC DEVELOPMENT IN
PRAIA GRANDE (SC): A SYSTEMIC REFLECTION BASED ON
SSM – SOFT SYSTEMS METODOLOGY**

Author: Giane Karla Berticelli Nunes
Adviser: Prof. Dr.Sandro Luis Schlindwein

ABSTRACT

In recent decades tourism has contributed significantly to economic, social and cultural development of a large number of countries and has become a very profitable business for most companies involved in providing services of different activities that tourism takes part. In the last 17 years, tourism has increased about 7% every year in developing countries, especially those with distinct natural attractions as well as Brazil. The state of Santa Catarina stands out for the diversity of tourist attractions it has offered their visitors, already participating with 16% of the total foreign exchange coming into the country with tourist activity. Featured by the potential of its natural surroundings and by the social transformations and the 'new rurality' of its countryside through rural pluriactivity and agricultural multifunctionality, Praia Grande is a small town down south of Santa Catarina, presenting a quite complex context, represented by the conflict of interests between the conventional agricultural practice and preservation / conservation of biodiversity protected by Aparados da Serra National Park and of Serra Geral National Park. The main goal of this dissertation is pointing possibilities for the tourism development of Praia Grande, from the recognition of their agroecotourism potential, and the conflict of interests between the conventional agricultural practice and the need for preservation / conservation of protected areas (National Parks). The inter-relations established between the tourist activity, preservation / conservation of natural resources and other economic activities of Praia Grande illustrate the need for a systemic approach to the economic and environmental resources management in order to give greater consistency to tourism development of Praia Grande. In order to achieve that goal, the author decided for *SSM - Soft Systems Methodology* as a way to reflect about the problematical situation of problem-Praia Grande. The *SSM* aims proposals for improvements to the problematical situation observed through (systemic) learning processes that the application of the methodology can promote. This methodology allowed reflections of the actors involved in the tourism development, such as the need to organize workshops to list and discuss the tourist potential of the region, as well as study the profile of the tourists that visit the region, in order to know their real and potential demand, and work for planning this activity. In this dissertation two learning cycles were observed in the context of Praia Grande: the Learning Cycle of the Problematical Situation (1) and the Learning Cycle of (the) Observer (s) (2). By allowing these two systemic learning cycles, it is important to emphasize that the systemic thinking and practice (methodology) applied here are not only important to "understand the relationship among different sectors of tourism" – the Learning Cycle of the Problematical Situation (1), but also to "reflect on the processes developed over time associated with tourism planning/development" - the Learning Cycle of (the) Observer (s) (2).

Key-words: tourism development, systemic learning, *SSM - Soft Systems Methodology*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura sistêmica arquetípica da exploração de recursos ambientais através da prática do turismo no Brasil.	27
Figura 2 – Localização do município de Praia Grande (SC).....	46
Figura 3 – Cânion Itaimbezinho – Parque Nacional de Aparados da Serra (à esquerda) e Cânion Fortaleza – Parque Nacional da Serra Geral (à direita).....	50
Figura 4 – Localização dos Parques Nacionais de Aparados da Serra (PNAS) e Parque Nacional da Serra Geral (PNSG).....	51
Figura 6 – Folder sobre o roteiro de turismo rural em Praia Grande.	58
Figura 7 – Ciclo de aprendizagem para a ação da SSM.....	64
Figura 8 – O Modo 2 da SSM e a 5ª atividade relacionada à reflexão sobre o processo.	66
Figura 9 – Os sete estágios da <i>Soft Systems Methodology</i> ou Modo 1 (CHECKLAND, 1981a).....	67
Figura 10 – A roda de aprendizado de Peter Senge et. al. (2000).	81
Figura 11 - Modelos de processos de aprendizagem segundo Argyris e Schön (apud Cunha, 2007, p. 24)	82
Figura 12 – Processo cíclico de aprendizagem entre Pensamento Sistêmico e Prática Sistêmica (SCHLINDWEIN, 2005).	83
Figura 13 - Elementos relevantes de qualquer pesquisa (Checkland & Holwell, 1998)	85
Figura 14 - O ciclo da pesquisa-ação em situações humanas (Checkland & Holwell, 1998).....	87
Figura 15 – Via de acesso aos atrativos e à comunidade da Pedra Branca – Praia Grande.	89
Figura 16 – Construção do Portal Turístico de Praia Grande.....	90
Figura 17 – Placa de acesso ao Parque Nacional da Serra Geral – Cânion Fortaleza.	90
Figura 18 – Aplicação de agrotóxicos (à esquerda) e preparação do solo para cultivo de arroz (à direita).	91
Figura 19 – Acampamento em área proibida: Trilha da Serra Geral/Cânion Malacara.	92
Figura 20 - Desenho rico (<i>rich picture</i>) sobre a situação-problema em Praia Grande.....	95
Figura 21 - Modelo conceitual do <i>Sistema para o desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos regionais integrados</i>	103
Figura 22 – Ciclos de aprendizagem da SSM.....	117
Figura 23 – Ciclo de Aprendizagem da Situação-problema (1) e Ciclo de Aprendizagem do (s) Observador (es) (2) decorrentes da aplicação da SSM na situação-problema de Praia Grande.	119

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 - Aspectos em que o turismo contribui para o desenvolvimento do município.....	23
Tabela 2 – Exportações mundiais de bens e serviços.....	29
Tabela 3 - Produto Interno Bruto 2005 - Praia Grande - SC.....	47
Tabela 4 – Demanda energética (por ha de eucalipto) para secagem de folhas de fumo produzidas em 2006.....	49
Quadro 1 – Ocorrências típicas (impactos) do desenvolvimento turístico e exploração dos recursos naturais.....	26
Quadro 2 – Resultado das análises 1, 2 e 3 da <i>SSM</i>	96
Quadro 3 – Possíveis transformações para a melhoria da situação-problema observada em Praia Grande.....	98
Quadro 4 - Matriz para comparação entre a situação-problema presente no mundo-real e o modelo conceitual elaborado para o desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos regionais integrados.	105
Quadro 5 - Resultados do questionário aplicado com AT1 sobre a comparação entre a situação-problema presente no mundo-real e o modelo conceitual elaborado para o desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos regionais integrados.	106
Quadro 6 - Resultados dos questionários aplicados com demais envolvidos na atividade turística de Praia Grande sobre a comparação entre a situação-problema presente no mundo-real e o modelo conceitual para o desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos regionais integrados.....	107
Quadro 7 - Sugestões dos entrevistados a partir das comparações entre a situação-problema presente no mundo-real e o modelo conceitual elaborado para o desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos regionais integrados.	111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABRATURR – Associação Brasileira do Turismo Rural
- ACEVAM – Associação dos Colonos Agroecológicos do Vale do Mampituba
- AMESC – Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense
- APCE – Associação Praiagrândense de Condutores para o Ecoturismo
- EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
- EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo
- EPAGRI/SC - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A.
- FGV/SP – Fundação Getúlio Vargas de São Paulo
- IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- MMA – Ministério do Meio Ambiente
- OMT – Organização Mundial do Turismo
- ONU – Organização das Nações Unidas
- PDA – Projetos Demonstrativos (Subprograma do MMA)
- PIB – Produto Interno Bruto
- PNAS – Parque Nacional de Aparados da Serra
- PNSG – Parque Nacional da Serra Geral
- SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação
- SSM – Soft System Methodology
- UC – Unidade de conservação
- WTO – World Tourism Organization

SUMÁRIO

RESUMO	IX
ABSTRACT	X
LISTA DE FIGURAS	XI
LISTA DE TABELAS E QUADROS	XII
1 INTRODUÇÃO	16
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E PROBLEMA	16
1.2 OBJETIVOS.....	20
1.2.1 <i>Objetivo Geral</i>	20
1.2.2 <i>Objetivos específicos</i>	20
1.3 JUSTIFICATIVA	21
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	29
2.1 A ATIVIDADE TURÍSTICA.....	29
2.1.1 <i>Origem e conceito</i>	30
2.1.2 <i>Os impactos do turismo</i>	30
2.1.2.1 O turismo e a economia.....	31
2.1.2.2 O turismo e o ambiente social-cultural	32
2.1.2.3 O turismo e o ambiente natural.....	34
2.1.3 <i>Tipos de turismo – segmentação de mercado</i>	35
2.1.3.1 Ecoturismo	37
2.1.3.2 Agroturismo/Turismo Rural	39
2.2 O PAPEL DO PLANEJAMENTO TURÍSTICO	42
3 METODOLOGIA	45
3.1 DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	45
3.1.1 <i>O município de Praia Grande</i>	45
3.1.1.1 Atividades econômicas.....	46
3.1.2 <i>Os Parques Nacionais: preservação dos recursos naturais</i>	49
3.1.3 <i>O turismo no município de Praia Grande</i>	52
3.1.3.1 O desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos pela ACEVAM	57
3.2 DESCRIÇÃO DA SSM - <i>SOFT SYSTEMS METHODOLOGY</i>	61
3.2.1 <i>Origem</i>	61
3.2.2 <i>Modo 1 – Os sete estágios da SSM</i>	67
3.2.2.1 Estágio 1 – Situação-problema não expressada	68
3.2.2.2 Estágio 2 – Situação-problema expressada.....	69

3.2.2.3	Estágio 3 – Definições essenciais de sistemas relevantes.....	70
3.2.2.4	Estágio 4 – Elaboração de modelos conceituais.....	72
3.2.2.5	Estágio 5 – Comparação entre situação-problema (2) e modelo conceitual (4).....	73
3.2.2.6	Estágio 6 – Identificando mudanças sistemicamente desejáveis e culturalmente viáveis.....	74
3.2.2.7	Estágio 7 – Ações para melhoria da situação-problema.....	75
3.3	O PROCESSO DE APRENDIZAGEM SISTÊMICA.....	77
4	APLICAÇÃO DA SSM NA SITUAÇÃO-PROBLEMA EM PRAIA GRANDE.....	84
4.1	A SITUAÇÃO-PROBLEMA DE PRAIA GRANDE (SC) NÃO EXPRESSADA (ESTÁGIO 1 DA SSM).....	87
4.2	EXPRESSANDO A SITUAÇÃO-PROBLEMA – DESENHO RICO (ESTÁGIO 2 DA SSM).....	93
4.3	ESCOLHENDO UM SISTEMA RELEVANTE E SUA DEFINIÇÃO ESSENCIAL (ESTÁGIO 3 DA SSM).....	98
4.4	ELABORANDO O MODELO CONCEITUAL (ESTÁGIO 4 DA SSM).....	101
4.5	COMPARANDO A SITUAÇÃO-PROBLEMA COM O MODELO CONCEITUAL (ESTÁGIO 5 DA SSM).....	104
4.6	IDENTIFICAÇÃO DAS MUDANÇAS SISTEMICAMENTE DESEJÁVEIS E CULTURALMENTE VIÁVEIS (ESTÁGIO 6 DA SSM).....	109
5	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	114
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	127
8	ANEXOS.....	133

CAPÍTULO 1

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E PROBLEMA

Nas últimas décadas o turismo tem contribuído de forma significativa para o desenvolvimento econômico, social e cultural de um grande número de países e tem se tornado um negócio bastante lucrativo para a maioria das empresas envolvidas na prestação de serviços dos diversos ramos de atividades que dele tomam parte.

A receita internacional com o turismo alcançou em 2003 aproximadamente 6% do total de exportações de produtos e serviços no mundo. Quando considerada somente a exportação de serviços, a participação do turismo neste montante cresce para 30%. O desenvolvimento da atividade está intimamente relacionado ao desenvolvimento econômico mundial, principalmente do Produto Interno Bruto dos países. Isso ocorre porque a demanda turística depende das condições econômicas dos mercados, pois quando a economia cresce o poder aquisitivo dos indivíduos também cresce, e parte destes recursos excedentes serão gastos no turismo, principalmente em países emergentes (WTO, 2007).

Estampado na capa da primeira revista quadrimestral de 2008 da WTO – World Tourism Organization¹ (WTO, 2008), a matéria principal apresenta o crescimento da atividade no mundo, superior a muitas outras atividades econômicas, destacando que nos últimos 17 anos o crescimento da atividade nos países em desenvolvimento tem sido de 7% ao ano contra 3% nos países desenvolvidos.

¹ Agência das Nações Unidas para a Organização Mundial do Turismo (OMT).

Neste contexto, os países têm percebido, cada vez com mais interesse, através da atividade turística, as possibilidades para o desenvolvimento econômico e social, assim como da geração de empregos em seus territórios. Isto tem encorajado grandes investimentos em infra-estrutura turística em países da Ásia e Pacífico, Oriente Médio, África e Américas Central e do Sul.

De forma semelhante, nos levantamentos realizados pelo Mtur – Ministério do Turismo, em parceria com o EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo e com a FGV – Fundação Getúlio Vargas, a atividade turística no Brasil apresentou grandes avanços, representando atualmente o 5ª item da pauta de exportações e um crescimento de mais de 14% no total de divisas que ingressaram no país em 2007, comparado a 2006. Durante o ano de 2007, ingressaram no país US\$ 4,953 bilhões em turismo, a melhor marca da série histórica disponível neste órgão, iniciada em 1969 (Mtur, 2008).

Com participação de aproximadamente 16% do total de divisas que ingressaram no país através da atividade turística, esta apresentou no estado de Santa Catarina um crescimento de 22% no ano de 2007 quando comparado a 2006, passando de US\$ 605 para US\$ 777 milhões. Segundos dados da SANTUR – Santa Catarina Turismo SA, tanto a ocupação da rede hoteleira (67,37% em 2006 e 70,16% em 2007) quanto o gasto médio por visitante (US\$ 24,84/dia em 2006 e US\$ 33,92/dia em 2007) foram pontos de destaque identificados pela pesquisa (SANTUR, 2008).

Recentemente premiado como o melhor estado brasileiro para viajar por duas grandes editoras especializadas na atividade turística nacional, Santa Catarina dispõe dos mais variados atrativos turísticos. Dadas as características geográficas do estado, a beleza de seu litoral e os cenários naturais existentes nas serras que se estendem até a região central catarinense, é possível realizar atividades como ecoturismo, turismo de aventura, turismo rural/agroturismo, turismo cultural, além de modalidades como, por exemplo, o turismo

religioso, turismo de eventos, turismo de negócios, turismo especializado para terceira idade, entre outros.

Uma destas modalidades, o turismo rural/agroturismo, desenvolvida atualmente em diversos estados brasileiros, passou a ser considerada uma atividade econômica e encarada com profissionalismo em Santa Catarina na década de 80, quando algumas propriedades rurais, apresentando dificuldades no setor agropecuário, resolveram diversificar suas atividades e passaram a receber visitantes.

Este fenômeno se insere em uma tendência mundial em que se presenciam transformações estruturais no modo clássico de desenvolvimento agrário pelo aumento da produtividade do trabalho, o crescimento da produção global de alimentos e a diminuição das populações que tradicionalmente ocupavam as áreas rurais. Estas transformações impactaram tanto as relações de produção quanto o papel reservado ao território rural (CAZELLA, MATTEI, 2002), provocando a busca por novas formas de reprodução do espaço rural, através do que passou a ser denominado de pluriatividade rural e multifuncionalidade agrícola.

A pluriatividade rural surge como proposta alternativa para diversificação das fontes de renda das famílias envolvidas na produção agrícola. O enfoque está sobre as atividades não-agrícolas desenvolvidas no espaço rural, e o turismo, como oferta de lazer e descanso para a sociedade urbana, é apontada como uma das atividades de maior expressão nesta nova paisagem rural. Por sua vez, a multifuncionalidade agrícola refere-se ao desenvolvimento de novas funções ligadas às atividades agrícolas, como por exemplo, a proteção do meio ambiente e a manutenção do capital cultural e do tecido econômico e social rural (MATTEI, 2006; LAURENT *apud* CAZELLA, MATTEI, 2002).

Neste contexto, o agroecoturismo (turismo rural/agroturismo + ecoturismo) surge como atividade característica desta nova realidade rural, tanto no desenvolvimento de

atividades não-agrícolas (turísticas) por agricultores e suas famílias, como nas novas funcionalidades agrícolas através dos aspectos que permitam o desenvolvimento rural a partir das características do próprio ambiente rural e da agricultura.

Marcado pela potencialidade existente para o desenvolvimento do agroecoturismo no extremo sul do Estado de Santa Catarina, Praia Grande é um pequeno município predominantemente rural que tem vivenciado as transformações sociais descritas anteriormente. A pluriatividade rural surge com atividades não-agrícolas que acabam por absorver parte do excedente de mão-de-obra da agricultura modernizada do cultivo de arroz, e o turismo é a principal atividade verificada, dada a posição geográfica do município na encosta da Serra Geral. Por também localizar-se dentro dos limites dos Parques Nacionais de Aparados da Serra e Serra Geral, a atividade turística no município de Praia Grande revela também a emergência de uma nova funcionalidade da agricultura aí praticada, através da valorização do território e da proteção do ambiente.

Todavia, a situação observada no município de Praia Grande apresenta-se bastante complexa e conflituosa. Há uma série de conflitos de interesses entre a prática agrícola convencional na região, a potencialidade turística dos atrativos naturais, e a preservação da biodiversidade protegida pelos parques nacionais. A prática do agroecoturismo apresenta-se, portanto, como oportunidade para acomodação destes conflitos, buscando oferecer melhores perspectivas quanto ao desenvolvimento sócio-econômico da comunidade e a preservação/conservação dos recursos naturais.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 *Objetivo Geral*

O objetivo geral desta dissertação é apontar possibilidades para o desenvolvimento turístico do município de Praia Grande (SC), a partir do reconhecimento de sua potencialidade agroecoturística, e do conflito de interesses existente entre a prática convencional agrícola e a necessidade de preservação/conservação das áreas protegidas (Parques Nacionais) no município.

1.2.2 *Objetivos específicos*

- Descrever o conflito de interesses quanto ao uso da terra no município de Praia Grande (SC), e sua inter-relação com a pluriatividade rural e multifuncionalidade agrícola;
- Aplicar a *SSM – Soft Systems Methodology* para a proposição de melhorias na situação-problema de Praia Grande (SC);
- Refletir sobre o processo de aprendizagem sistêmica desencadeado pela adoção da *SSM – Soft Systems Methodology* para o desenvolvimento turístico na situação-problema de Praia Grande (SC).

1.3 JUSTIFICATIVA

A investigação deste trabalho torna-se relevante ao se inserir em uma ampla discussão vinculada às atuais questões das transformações sociais no meio rural, à conservação dos recursos naturais, e ao crescimento da atividade turística já descrito anteriormente.

Inúmeras outras regiões do Brasil e do mundo dispõem de características bastante similares às de Praia Grande, e da mesma maneira pretendem encontrar uma forma para lidar com atividades conflitantes (como por exemplo, a produção agrícola convencional e a conservação ambiental), assim como explorar as possibilidades que se apresentam a partir da interdependência que existe entre as mesmas. Considerar as características locais e trabalhar para que diferentes atividades e objetivos sejam integrados e alcançados poderá ser a única forma de desenvolvimento sustentável para a comunidade de Praia Grande.

No que se refere ao ambiente rural, é imprescindível destacar que este se trata de um espaço em constante transformação. Apesar de estas mudanças terem sido observadas primeiramente em países da Europa, no Brasil já é possível perceber alterações nas relações existentes neste ambiente. Esta nova situação surge, num primeiro momento, como resultado de uma reestruturação das formas de classificação do rural e do urbano. A partir disto, o meio rural passa a ocupar na sociedade moderna um espaço bem mais diversificado, transformando a relação de antagonismo existente anteriormente (rural/urbano) para uma relação de complementaridade (WANDERLEY, 2000; VEIGA, 2003).

Segundo Del Grossi & Silva (2006), a simplificação das tarefas agrícolas foi o grande responsável pelo início das atividades não-agrícolas em residentes das áreas rurais. Estas atividades não-agrícolas absorveram o excedente de mão-de-obra da agricultura modernizada. Decorrente destas adaptações exigidas pelas transformações do espaço rural, novas atividades econômicas não-agrícolas passam a ser desenvolvidas no meio rural, compondo o que se

passou a denominar de pluriatividade. O conjunto de atividades não-agrícolas agrupadas sob esta denominação caracterizam, assim, uma forma alternativa de geração de emprego e renda para as populações rurais, independente dos fatores promotores, sejam estes econômicos, sociais, pessoais ou outros (CAZELLA, MATTEI, 2000).

De acordo com os princípios da pluriatividade, o turismo desenvolvido em espaços rurais se apresenta como uma oportunidade de diversificação tanto de atividade quanto de renda para os envolvidos na atividade agrícola. As características do ambiente rural de Praia Grande favorecem o desenvolvimento de atividades não-agrícolas que tenham como motivação as práticas rurais, valorizando a agricultura, a criação de animais e outras formas de produção no campo.

Resultados de pesquisa de Nunes (2004) realizada anteriormente no município sobre as transformações ocorridas, apontaram de alguma forma os impactos da atividade turística diretamente nas famílias envolvidas. Entre os dados coletados, com relação aos meios de hospedagem, por exemplo, seis dos oito estabelecimentos investigados afirmaram que o turismo representa 50% da renda bruta familiar, e os proprietários destes meios de hospedagem afirmam reconhecer o potencial da atividade turística:

Foi também questionado aos proprietários (dos meios de hospedagem) se o turismo tem auxiliado no desenvolvimento do município, e 100% deles concordaram que a atividade tem auxiliado no desenvolvimento local. Entre os comentários, alguns relataram que mesmo não sendo planejado de forma a consumir todo o potencial turístico existente, *"o pouco que é feito já ajuda"*; *"mas tem ajudado ainda muito pouco pelo potencial que tem. Não há apoio da SANTUR"*; *"o turismo tem sido fundamental, mas não há incentivos"*. Outros comentários relatados foram: *"tem incrementado o comercio, aumentado os salários, melhora na limpeza da cidade"*; *"a vida dos funcionários empregados na pousada tem melhorado bastante"*; *"traz benefícios para a comunidade em geral"* e *"o turista preserva o lugar que vem visitar"*. (NUNES, 2004).

Para os condutores locais de ecoturismo, quando questionados sobre os aspectos positivos da atividade turística (Tabela 1), o destaque foi para a geração de empregos diretos no município, com 89% das respostas. Em seguida, foram destacados: a possibilidade de novos conhecimentos e a convivência com outras culturas (78%); auxílio no desenvolvimento

da infra-estrutura do município (67%) e auxílio na manutenção dos recursos naturais da região, principalmente nos parques nacionais (67%).

Tabela 1 - Aspectos em que o turismo contribui para o desenvolvimento do município

Gerou mais empregos	89%
Possibilitou novos conhecimentos e a convivência com novas culturas	78%
Auxiliou no desenvolvimento da infra-estrutura do município	67%
Tem auxiliado na manutenção dos recursos naturais da região, principalmente nos parques nacionais.	67%
Melhorou a qualidade de vida da população local	56%
Proporcionou mais locais de lazer para a comunidade	56%
Contribuiu para a preservação dos aspectos culturais da comunidade	56%
Melhorou a qualidade dos serviços prestados	44%
Proporcionou maiores rendas para a população local	44%
Outros	22%
Não tem auxiliado no desenvolvimento do município	-

Fonte: NUNES, 2004.

Este diagnóstico contribuiu para desencadear uma reflexão sobre os impactos da atividade turística e a necessidade de estudá-la com o objetivo de integrá-la às demais atividades locais (principalmente à produção agrícola) e à conservação dos recursos naturais da região.

Quanto à questão dos parques nacionais presentes no entorno do município, o turismo, segundo Costa (2002), é a atividade que os viabiliza economicamente através do uso indireto dos recursos naturais (observação, interpretação ambiental, pesquisa científica, e lazer), e pelo pagamento das taxas de visitação.

Sendo assim, para manutenção destas áreas naturais protegidas, a administração dos parques nacionais devem buscar desenvolver ações integradas ao planejamento regional dos municípios em seu entorno. Isso ocorre, sobretudo porque os parques não apresentam infraestrutura necessária para atendimento da demanda turística, buscando no município do entorno os serviços e produtos para seus visitantes. Da mesma forma, o município encontra nos parques nacionais os recursos paisagísticos necessários para atrair os visitantes para a região (KINKER, 2002).

A inter-relação existente entre os Parques Nacionais de Aparados da Serra e Serra Geral com o município de Praia Grande, desde a reestruturação física das unidades de conservação em 1998, tem demonstrado esses fenômenos, seja na arrecadação de recursos para manutenção dos funcionários e equipamentos para conservação dos recursos naturais, seja pelo constante incremento de visitantes no município (o Parque Nacional de Aparados da Serra é o terceiro parque mais visitado do Brasil).

Abordar a relação entre turismo, a preservação de áreas naturais e as outras atividades econômicas da comunidade sob um viés diferente daquele proposto pelo modelo norte-americano², considerando as interdependências existentes entre as atividades, pode contribuir para uma maneira alternativa de promover o desenvolvimento em comunidades com características similares às do município de Praia Grande (atualmente 43% da área protegida por unidades de conservação no Brasil correspondem a parques nacionais – mais de 54 milhões de ha.).

Dentre poucos trabalhos que abordam o turismo e suas inter-relações, destaca-se o artigo dos autores Sperb, Seleme & Moutinho (2007), intitulado *Exploração econômica de recursos ambientais: identificando padrões sistêmicos a partir do caso da Ilha do Mel – PR*.

² Em 1872 o Congresso americano criou o Parque Nacional de Yellowstone, a primeira área natural protegida do mundo. A criação deste parque foi o ponto de origem para a conceituação de áreas protegidas idealizadas de acordo com a ótica que valoriza a manutenção das áreas naturais consideradas “ilhas” de beleza e importância estéticas, separadas o homem do seu ambiente (COSTA, 2002).

Apresentado no 3º Congresso Brasileiro de Sistemas, realizado em 2007, dentre 45 outros trabalhos que utilizaram uma abordagem sistêmica para lidar com situações complexas, este buscou refletir sobre os impactos da atividade turística em relação à utilização dos recursos ambientais (considerada uma situação problemática pelos autores). O objetivo do artigo foi verificar a existência de padrões sistêmicos na dinâmica econômico-social do turismo e sua influência no ambiente ao longo do tempo na Ilha do Mel, no Estado do Paraná. Os autores afirmam que estes padrões são comuns e ocorrem em diversas localidades brasileiras onde o turismo é uma atividade econômica importante e onde os recursos ambientais, freqüentemente junto a aspectos históricos e culturais, são seus principais atrativos. Foram identificadas fases bem definidas das ocorrências típicas de desenvolvimento e exploração dos recursos naturais através do turismo, e os impactos gerados pela atividade, que são apresentados no Quadro 1. A partir da descrição das ocorrências percebidas na Ilha do Mel, como a atratividade, a exploração econômica, o fluxo turístico, as ações de agentes públicos e privados e os impactos gerados, os autores identificaram seis fases, e com isso elaboraram uma estrutura que representa o padrão sistêmico decorrente de práticas comumente encontradas na exploração econômica de recursos ambientais no Brasil através da atividade turística.

Ainda que não esteja localizado na costa, nem mesmo seja uma ilha, o município de Praia Grande apresenta características bastante similares que o poderiam incluir nestas localidades descritas pelos autores, principalmente pela caracterização do principal atrativo turístico dado pelo seu ambiente natural. A evolução em fases, representada no Quadro 1, demonstra claramente o ciclo de vida da localidade como destino turístico, e reforça a necessidade de compreender a atividade em sua complexidade.

Para Butler (1980), o conceito de ciclo de vida de um destino turístico inclui um conjunto de decisões sobre planejamento, investimentos e questões sobre sustentabilidade. Quando o autor sugeriu que os destinos turísticos, assim como os produtos, têm fases

evolutivas (investimento, exploração, desenvolvimento, consolidação, estagnação e declínio ou rejuvenescimento), buscava conscientizar sobre a importância da definição destas fases como ferramenta mental de apoio à tomada de decisão para o futuro, e da compreensão sobre o passado, como formas de evitar repetir os erros já cometidos.

Quadro 1 – Ocorrências típicas (impactos) do desenvolvimento turístico e exploração dos recursos naturais.

OCORRÊNCIAS TÍPICAS EM CADA FASE					
	Atratividade	Exploração econômica	Fluxo turístico	Ação dos Agentes Públicos e Privados	Impactos gerados
FASE 1	Gerada pelas belezas e pelo caráter rústico	Incipiente e eventual	Incipiente e com perfil típico de eco turistas	PÚBLICOS: Federais: assistemáticos Locais: indiferentes PRIVADOS: desarticulados	Incipientes
FASE 2	Gerada pelas belezas e pelas facilidades de acesso	Pouco diversificada, mas crescente e desordenada	Crescente e constituído de turistas com pouca preocupação com conforto e disposição para gastos	PÚBLICOS: Federais: assistemáticos Locais: Incentivadores PRIVADOS: desarticulado	Pouco visíveis
FASE 3	Gerada pelo volume de turistas e por opções de divertimento	Diversificada e Aportada por grupos externos	Exponencial e despreocupada com questões de usufruto dos recursos ambientais	PÚBLICOS: Federais: Fiscalizadores Locais: incentivadores PRIVADOS: Articulados	perceptíveis
FASE 4	Diminuída pelas deficiências e pela degradação geradas	Estacionada e com perda de qualidade	Estacionado ou decrescente	PÚBLICOS: Federal-Punitivo Locais- Reguladores PRIVADOS: Conflitantes	acentuados
FASE 5	Diminuída pela queda de qualidade nas infra-estruturas e pela percepção dos impactos ambientais	Com Acentuada perda de qualidade e baixa taxa de	Decrescente e formada por um perfil de falta de preocupação com preservação e cuidados com o meio-ambiente	PÚBLICOS: Federal/Local -ação atenuada PRIVADOS: desarticulados	acentuados
FASE 6	Atratividade reduzida ou zerada	Decrescente ou Abandonada ou desativada	Declínio/abandono (alternativas válidas: estagnação ou revitalização)	PÚBLICOS: Federal/Local -ação atenuada PRIVADOS: desarticulados	ignorados

Fonte: Sperb, Seleme & Moutinho, 2007.

Após a definição e descrição das fases de desenvolvimento do turismo e exploração dos recursos naturais, Sperb, Seleme & Moutinho (2007) elaboraram uma estrutura sistêmica arquetípica que traduziu a exploração dos recursos ambientais através da prática do turismo no Brasil. Segundo Senge (et. al., 2000), a aplicação de um arquétipo³ tem como objetivo

³ Palavra de origem grega, *archetypos* significa “primeiro da sua espécie”. Utilizados no campo do pensamento sistêmico, os arquétipos sistêmicos foram desenvolvidos na *Innovation Associates* em meados da década de 80, transmitindo os conceitos da dinâmica de sistemas de um modo mais simples.

expor enredos mais completos, e mostrando relações de *feedback* (reforço e equilíbrio), os modelos representam visualmente a natureza interligada do nosso mundo. Enfim, nesta estrutura sistêmica arquetípica, representada na Figura 1, os autores Sperb, Seleme & Moutinho (2007) compartilharam o aprendizado sobre as ocorrências típicas da exploração econômica dos recursos naturais através do desenvolvimento turístico ao observar a dinâmica do sistema e seus padrões.

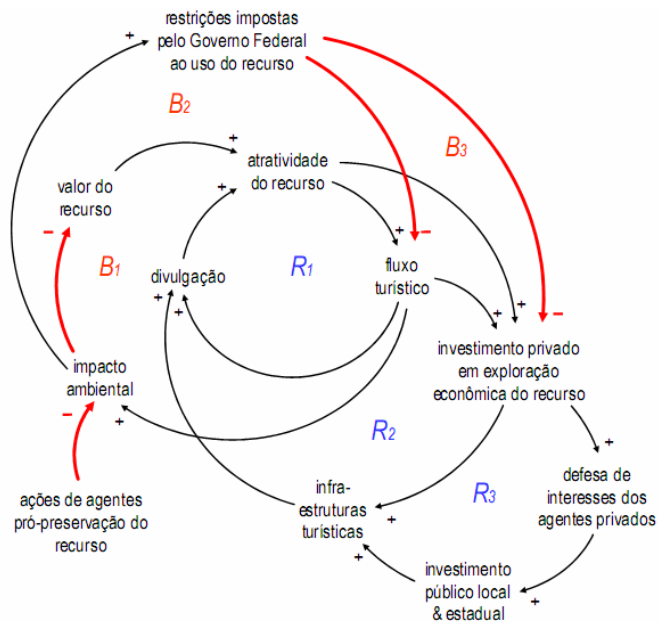


Figura 1 – Estrutura sistêmica arquetípica da exploração de recursos ambientais através da prática do turismo no Brasil.

Fonte: Sperb, Seleme & Moutinho, 2007.

Também para Carlsen (1999), a interdependência entre o desenvolvimento turístico e seus impactos ilustra a necessidade de uma abordagem sistêmica para a administração dos recursos econômicos e ambientais no sentido de dar consistência às ações de desenvolvimento. Assim, o planejamento torna-se um mecanismo de controle tanto da escala quanto da taxa de desenvolvimento turístico dando ao sistema humano a oportunidade de se adaptar à mudança.

Para refletir sobre a situação-problema presente no município de Praia Grande no que se refere à relação entre o turismo, proteção às áreas naturais e as demais atividades econômicas da comunidade, possibilitando posterior debate sobre as inter-relações características da atividade e convergência dos interesses das partes envolvidas, adota-se neste estudo uma prática sistêmica denominada *SSM – Soft Systems Methodology*. Com a adoção desta metodologia espera-se poder fazer emergir discussões mais coerentes e profundas sobre situações humanas, na inter-relação de diferentes tópicos, baseadas em diferentes pontos de vista (CHECKLAND & POULTER, 2006), como se verifica em Praia Grande.

CAPÍTULO 2

*“Harmonizar o desenvolvimento turístico implica, antes de tudo, desembaraçar o nó dos interesses, muitas vezes contraditórios, e estabelecer uma ordem de prioridades.”
Jost Krippendorf em Sociologia do Turismo (1989, p. 187).*

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A ATIVIDADE TURÍSTICA

Pertencente ao setor terciário da economia, ao contrário do que muitos autores defenderam entre as décadas de 50 e 70 como a “indústria do turismo”, a atividade turística contempla, em sua maioria, a prestação de serviços, sejam estes serviços de hospedagem, transporte, alimentação, recreação, entre outros, representando o turismo a inter-relação entre as mais variadas fornecedoras de serviços prestados aos visitantes (BOULLON, 2002).

Segundo dados da WTO (2008), são mais de 50 atividades econômicas envolvidas direta e indiretamente com a prestação dos serviços aos turistas. Como pode ser verificado na Tabela 2, em 2003 a participação dos serviços prestados no turismo já representava aproximadamente 30% das receitas mundiais de exportação de serviços (US\$ 525 bilhões).

Tabela 2 – Exportações mundiais de bens e serviços.

2003			
World Exports of merchandise and commercial services (Balance of Payments, Goods and Services Credit)			
	US\$ billion	Share (%)	Share (%)
Total	9,089	100	
Merchandise exports	7,294	80	
Agricultural products	674	7	
Mining products	960	11	
Manufactures	5,437	60	
Other	223	2	
Commercial services	1,795	20	100
Transportation	405	4	23
Travel	525	6	29
Other	865	10	48

Fonte: WTO, 2008.

2.1.1 *Origem e conceito*

O conceito de turismo sofreu constantes modificações ao longo dos últimos anos, resultado da incorporação de diferentes pensamentos e tendências sob as quais a atividade turística era analisada.

Para fins de estudos e pesquisas estatísticas sobre o turismo, a WTO define que “turismo compreende as atividades de viagens de pessoas e alojamento em locais fora do seu ambiente usual durante não mais que um ano consecutivo, por lazer, negócios e outros motivos”. Assim também o fez a Organização das Nações Unidas - ONU, que classificou as viagens como turísticas não por causa da natureza dessas viagens, mas por considerar prioritária a demanda significativa e constante de bens e serviços turísticos. (ANDRADE, 1998, p. 74).

Entretanto, neste trabalho preferiu-se utilizar uma definição mais completa, a do mexicano Torre (1980, p. 19), que descreve o turismo não como uma atividade responsável apenas pelo desenvolvimento econômico (resultados mais visíveis), mas sim responsável por relações entre os campos da sociologia, economia e cultura. O autor descreve que turismo:

(...) é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu lugar de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

2.1.2 *Os impactos do turismo*

O turismo representa, além de uma atividade que se manifesta em nossos dias como uma necessidade inerente da vida moderna, um instrumento potencialmente eficaz para o desenvolvimento sócio-econômico e cultural dos indivíduos e localidades envolvidos. A fim de que o desenvolvimento da atividade seja traduzido em benefícios coletivos, é preciso que o

turismo aconteça através de um desenvolvimento harmônico, equilibrado quanto aos impactos gerados pela atividade (TORRE, 1980).

A promoção da atividade turística está fortemente relacionada aos impactos por ela gerados, uma vez que foram os impactos do turismo que deram origem ao interesse de diversos países do mundo a promover esta atividade para contribuir com o seu desenvolvimento. A profissionalização do turismo tem permitido o desenvolvimento de regiões carentes, incremento na geração de emprego e renda, valorização e interação entre diferentes culturas, beneficiando a comunidade receptora. Entretanto, existem aspectos negativos do turismo que demandam reflexões sobre como integrá-lo com diferentes atividades, evitando prejuízos aos envolvidos no processo. A seguir serão discutidos os principais impactos desta atividade nos contextos econômico e ambiental (natural e social-cultural).

2.1.2.1 O turismo e a economia

Caracterizados com destaque nas primeiras definições sobre a atividade, os impactos econômicos são os mais discutidos na literatura sobre o turismo. Por envolver o deslocamento de pessoas e a oferta de diversos produtos e serviços para o atendimento da demanda do turista, os impactos na economia são mais facilmente percebidos (TORRE, 1980).

Em obra publicada recentemente, Lemos (2005, p. 53) destaca a ciência econômica, o valor e a economia do turismo, e afirma que nos últimos 10 anos temos assistido a uma verdadeira “explosão na produção literário-acadêmica no campo da investigação do turismo”. Segundo o autor, este fenômeno chamado “processo de cientificação do turismo”, associado

ao próprio desenvolvimento da atividade no mundo, é resultado do fato de que muitos países têm no turismo não mais uma atividade complementar, mas sua principal fonte de renda.

Os efeitos econômicos da atividade manifestam-se através da *geração de divisas*, destacando a contribuição do turismo para a balança de pagamentos (cobertura das importações), e a importância da atividade para o setor exportador; do *ingresso nacional* (mercado interno) através da contribuição ao produto interno bruto, como instrumento de redistribuição destas divisas e como efeito multiplicador resultante dos gastos dos turistas; da *geração de empregos*; e da *expansão do mercado nacional* através do consumo dos mais variados produtos pelos turistas (ACERENZA, 1986).

A partir destes, muitos outros efeitos do turismo impactam a economia da localidade envolvida na atividade, em todas as esferas: nacional, estadual, regional e local. Os itens descritos anteriormente permitem tomar conhecimento do significado da atividade sobre as principais variáveis macroeconômicas. No entanto, é insuficiente para conhecer o efeito global do turismo no contexto de uma economia nacional (ACERENZA, 1986).

Segundo Acerenza (1986), o turismo mantém uma estreita inter-relação com os demais setores produtivos, e em conseqüência demanda a realização de estudos mais aprofundados sobre estas inter-relações, a fim de avaliar o efeito intersetorial da atividade.

Entretanto, é importante destacar que mesmo representando atualmente uma atividade econômica de destaque no mundo, os efeitos do turismo sobre a economia nem sempre são positivos. A dependência econômica que uma localidade desenvolve em torno do turismo, em detrimento de outras atividades tradicionais, as pressões inflacionárias do mercado imobiliário e sobre os demais produtos e serviços oferecidos no mercado local, são alguns exemplos destes efeitos negativos da atividade (LEMOS, 2005).

2.1.2.2 O turismo e o ambiente social-cultural

Os efeitos da atividade turística sobre os ambientes social-cultural e natural são bastante recentes, mas vêm tomando espaço nos estudos sobre o turismo, pois têm demonstrado que o desenvolvimento desta atividade pode dar origem a trocas importantes na estrutura social, assim como nos padrões culturais das comunidades receptoras, como podem constituir importante instrumento para a preservação do ambiente natural (ACERENZA, 1986).

Segundo Torre (1980), o turismo se configura como um dos elementos mais importantes para a integração e difusão de uma cultura universalizada, visto que permite o intercâmbio de costumes e tradições, aspectos que, por sua vez, motivam a prática da atividade.

Entretanto, segundo Zouain & Cruz (2004), diversas são as dificuldades quanto à avaliação fidedigna sobre os impactos sociais gerados pela atividade turística. Para as autoras, os maiores obstáculos são: a inexistência de indicadores sociais específicos para o setor turístico, e a fundamentação e os critérios adotados na concepção de vários indicadores sociais, não se combinando com os entendimentos ideológicos de muitos estudiosos da área de gestão social do setor turístico.

Quanto ao aspecto social, o turismo gera contribuições a partir da busca pelo atendimento da demanda turística, como por exemplo, no desenvolvimento de um novo centro turístico: modificação da estrutura populacional (oferta de empregos), mudanças na estrutura ocupacional, mudanças nos costumes da população local (referente ao trabalho e às opções de recreação), um grande impacto na vida das mulheres (maior oportunidade de emprego, com salários similares ao dos homens, especialmente na hotelaria, com conseqüente emancipação), mudanças nos níveis de educação (necessidade de profissionalização) (ACERENZA, 1986).

Quanto ao aspecto cultural, Acerenza (1986) afirma que o turismo contribui ativamente para a proteção e preservação dos monumentos arqueológicos das culturas passadas. Neste sentido, pode-se dizer que o turismo tem sido um instrumento tradicionalmente empregado na valorização das culturas através das visitas aos diversos atrativos históricos e culturais da comunidade receptora. No entanto alguns efeitos negativos são observados, com a perda de identidade sobre a gastronomia típica, o vestuário, as manifestações folclóricas, o idioma e os costumes (TORRE, 1980).

Como descrito anteriormente, tanto no aspecto social quanto cultural, o turismo pode gerar repercussões negativas, principalmente em locais que são mais sensíveis à influência por suas estruturas sócio-econômicas em desenvolvimento, e que recebem um fluxo grande de turistas, como foi o caso do município de Tiradentes/MG relatado por Bolson & Ferreira (2006), que após aporte significativo de investimentos na recuperação do patrimônio cultural, sofre com os conflitos gerados entre a população local e os turistas decorrentes do fluxo excessivo de visitantes.

2.1.2.3 O turismo e o ambiente natural

Segundo Acerenza (1986), o turismo exige, na maioria dos destinos turísticos, a intervenção do homem na construção de infra-estrutura afim de que a demanda do turista por produtos/serviços seja atendida. Estas intervenções, aliadas aos grandes fluxos turísticos para a mesma localidade, transformam o aspecto físico do lugar e podem afetar a qualidade do ambiente natural que constitui o atrativo inicial para o visitante, o que atribui à atividade o poder de autodestruição.

A relação entre turismo e meio ambiente é bastante complexa porque o turismo não é uma atividade pontual e bem definida, mas uma série de atividades interdependentes. Os impactos da atividade turística na qualidade ambiental, de acordo com Oliveira (2004), dependem de dois aspectos: os impactos ambientais são resultado do tipo e da intensidade da atividade turística relacionada ao turismo (quantidade de turistas, as características destes turistas, a distribuição destes impactos espacial e temporalmente, etc; e estes impactos dependem das características do ambiente impactado, pois este apresenta uma capacidade limitada para absorver e recuperar-se dos impactos negativos.

Por outro lado, pode-se dizer que, graças ao turismo, tem sido possível conservar inúmeras áreas naturais, através da proteção da fauna e da flora, assim como recuperar e revitalizar o ambiente natural das regiões de menor desenvolvimento econômico, impactos chamados de externalidades ambientais positivas por Oliveira (2004).

De acordo com Molina (2001, p. 53), é preciso revisar profundamente o posicionamento frente aos recursos naturais: “Não se trata (...) de produzir mais ou menos suprimentos, e sim (...) aplicar uma tecnologia que valorizem os recursos naturais pelo que são, ou seja, mantenedores da vida”. Para Acerenza (1986, p.110), os impactos negativos da atividade são resultados de uma inadequada condução dos processos envolvidos, ou até mesmo a falta de qualquer planejamento turístico: *“Lo cierto es que si eventualmente el turismo llega a presentar aspectos negativos en este sentido, ello es culpa exclusiva de una mala planificación de su desarrollo, o de su inadecuada conducción”*.

2.1.3 Tipos de turismo – segmentação de mercado

Na década de 70, o turismo massivo, como era praticado, passa a dividir espaço com novas segmentações e desmassificações de mercado, com a necessidade de diferenciação dos

produtos/serviços oferecidos, influenciadas pelos movimentos que ocorram em todo o planeta no tocante às questões ambientais e de sustentabilidade (MOLINA, 2003).

A segmentação é entendida como uma forma de organizar o turismo para fins de planejamento, gestão e mercado. Os segmentos turísticos podem ser estabelecidos a partir dos elementos de identidade da oferta⁴ e também das características e variáveis da demanda⁵.

A partir da oferta, a segmentação define tipos de turismo cuja identidade pode ser conferida pela existência, em um território, de (Mtur, 2007):

- Atividades, práticas e tradições (agropecuária, esporte, manifestações culturais, etc.);
- Aspectos e características (geográficas, históricas, arquitetônicas, urbanísticas, sociais);
- Determinados serviços e infra-estrutura (de saúde, de eventos, de hospedagem, de lazer).

São inúmeras as modalidades existentes de turismo, e entre as reconhecidas e trabalhadas pelo Mtur - Ministério do Turismo estão: Turismo Social, Ecoturismo, Turismo Cultural, Turismo de Estudos e Intercâmbio, Turismo de Esporte, Turismo de Pesca, Turismo Náutico, Turismo de Aventura, Turismo de Sol e Praia, Turismo de Negócios e Eventos, Agroturismo/Turismo Rural e Turismo de Saúde (Mtur, 2007).

Para a discussão a ser realizada nos capítulos posteriores desta dissertação, usaremos duas das categorias descritas acima: o Ecoturismo e o Agroturismo/Turismo Rural. Estas modalidades enquadram-se nas definições da identidade local da oferta da localidade escolhida para este trabalho tanto pelas tradições e atividades praticadas no município de Praia Grande (SC), como pelos aspectos e características geográficas da região.

⁴ A oferta turística é entendida como as opções de serviços que estão à disposição do consumo do turista, a um determinado preço e durante um determinado período (BOULLON, 2002; MCINTOSH & GUPTA, 1983).

⁵ A demanda turística pode ser medida contabilizando-se o total de turistas que afluem a uma região, país, zona, centro turístico ou atrativo (BOULLON, 2002; MCINTOSH & GUPTA, 1983).

2.1.3.1 Ecoturismo

O termo ecoturismo foi introduzido no Brasil no final da década de 80, seguindo a tendência mundial pela valorização do meio ambiente e da sustentabilidade⁶. Em 1994, o EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo – em parceria com o Ministério do Meio Ambiente – MMA publicam o documento sobre as *Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo*, descrevendo-o como (EMBRATUR, 1994, p. 19):

(...) segmento de atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.

Para alguns estudiosos do fenômeno turístico, o ecoturismo representa muito mais do que uma nova modalidade ou segmentação da atividade turística, ele representa um turismo de nova geração⁷, regido por um conjunto de condições que superam a prática do turismo convencional de massas. Segundo Molina (2003), para a organização do autêntico ecoturismo é preciso contemplar algumas estratégias básicas abaixo destacadas:

- 1) oferecimentos aos ecoturistas de uma experiência autêntica, em cenários que conservam sua integridade ou que estão sujeitos a uma estratégia de desenvolvimento permanente;
- 2) combinação de diversos temas e atividades de baixo impacto ambiental;
- 3) aproveitamento de ecossistemas complexos, com abundante vida selvagem;

⁶ Esta tendência mundial foi marcada por inúmeros eventos a partir da década de 70, com destaque para a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, em Estocolmo, na Suécia, sob responsabilidade da Organização das Nações Unidas – ONU. Seu principal objetivo, além do levantamento da situação dos recursos naturais do planeta, era o de estabelecer compromissos entre as questões econômicas e ecológicas, a fim de encontrar um equilíbrio. Como resultado desta conferência, que representou o marco para o desenvolvimento de ações ambientalmente sustentáveis no planeta, foi publicado em março de 1987, o Relatório Brundtland. O documento (relatório) escrito por Gro Harlem Brundtland, líder responsável por levantar as questões necessárias para evitar a continuidade da degradação ambiental, e manter para as gerações futuras a possibilidade de um convívio equilibrado com o meio ambiente, chamado *Our Common Future* (Nosso futuro comum), relata as preocupações, os desafios e os esforços que o mundo tem em comum.

⁷ Quando utilizado neste sentido, o termo ecoturismo é sinônimo de turismo sustentável e turismo responsável.

- 4) geração constante de informações que facilite a administração estratégica e a evolução dos ecossistemas, a segurança dos turistas e das comunidades no entorno;
- 5) definição de sistemas que regulamentem os usos turísticos dos recursos existentes;
- 6) integração das comunidades locais, com o objetivo de consolidar a sustentação, em longo prazo, do ecoturismo em uma região, oferecendo-lhes oportunidades de trabalho;
- 7) a presença de empresas que equilibrem o uso turístico à integridade dos atrativos;
- 8) a existência de um serviço de apoio e de uma infra-estrutura: transportes, estradas ou vias de acesso, unidades de alojamento e de alimentação, serviços complementares;
- 9) estratégias de comercialização adequadas ao caráter do ecoturismo, evitando a massificação de sua prática, destacando que no ecoturismo a quantidade é contrária à qualidade, e elas são incompatíveis.

Para o EMBRATUR (1994), a prática do ecoturismo pressupõe o uso sustentável dos atrativos turísticos. Em uma abordagem mais ampla, visa promover a harmonia dos seres humanos entre si e com a natureza. Utilizar o patrimônio natural e cultural, como descrito na definição, representa a promoção de um turismo ecologicamente suportável em longo prazo, economicamente viável, assim como ética e socialmente eqüitativo para as comunidades locais.

Da mesma forma, a distribuição dos benefícios resultantes das atividades ecoturísticas deve contemplar as comunidades receptoras, de modo a torná-la protagonista do processo de desenvolvimento da região (EMBRATUR, 1994).

2.1.3.2 Agroturismo/Turismo Rural⁸

Embora a visitação a propriedades rurais seja uma prática antiga e comum no Brasil, apenas há pouco mais de 20 anos passou a ser considerada uma atividade econômica e caracterizada como Agroturismo. O deslocamento para áreas rurais começou a ser encarado com profissionalismo na década de 80, quando algumas propriedades em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, devido às dificuldades econômicas do setor agropecuário, resolveram diversificar suas atividades (Mtur, 2006).

O agroturismo pode ser explicado por duas razões: a necessidade que o produtor rural tem de aumentar sua fonte de renda e de agregar valor aos seus produtos; e a vontade dos moradores urbanos de encontrar e reencontrar raízes, de conviver com a natureza, com os modos de vida, tradições, costumes e com as formas de produção das populações do interior.

Sendo assim, a conceituação de agroturismo fundamenta-se em aspectos que se referem ao turismo, ao território, à base econômica, aos recursos naturais e culturais, à sociedade, e ao campo efetivo. Com base nestes aspectos, em 1999, o EMBRATUR e a ABRATURR – Associação Brasileira do Turismo Rural, definiram esta modalidade de turismo como o conjunto de atividades desenvolvidas no meio rural, envolvendo a produção agropecuária, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade (Mtur, 2006).

Trata-se de atividade turística praticada no espaço rural, constituindo um subproduto das atividades produtivas originais representadas pela agricultura, criação de animais e outras formas de produção rural, agregando a essas os recursos remuneratórios oriundos da atividade turística, como hospedagem, alimentação e entretenimento. Importante destacar a intenção de

⁸ Embora alguns poucos autores defendam particularidades entre os termos agroturismo e turismo rural, neste trabalho estes termos serão utilizados indistintamente para definir a modalidade de turismo praticada no meio rural. A partir deste item será utilizado apenas o termo agroturismo.

que o turismo seja uma atividade extra, mantendo as demais atividades e características da propriedade. As características da produção rural, a forma como se dá esta produção nos espaços natural e construído, o modo de vida dos trabalhadores rurais, a arquitetura típica, a culinária, o artesanato e demais manifestações culturais tradicionais formam o universo de atrativos almejados pelos visitantes.

Neste novo panorama sobre as transformações que ocorrem no espaço rural, o turismo tem se mostrado atividade relevante na busca por melhores condições de vida dos agricultores familiares, possibilitando a diversificação e ampliação de renda. Como consequência da identificação do agroturismo como alternativa para agricultores familiares, assistimos recentemente a criação de políticas públicas que incentivam cada vez mais a geração de emprego e renda neste espaço através de investimentos na atividade turística. O exemplo é a linha de crédito “PRONAF Turismo Rural”, apoiando agricultores familiares (MATTEI, 2006).

Apesar de identificado como alternativa para o campo, o agroturismo demanda análise aprofundada sobre suas potencialidades, entre elas a utilização do meio natural preservado, a valorização da cultura, e principalmente a geração de emprego e renda. Segundo Mattei (2006), as potencialidades podem ser representadas pela:

- Permanência das pessoas da família na unidade de produção para auxiliar no atendimento da demanda dos visitantes, reduzindo o movimento de êxodo rural;
- Rompimento do isolamento dos agricultores com o restante da comunidade;
- Diversidade de produtos e serviços ofertados (processados pela família);
- Diversidade de experiências – categorias de turismo diferentes ligadas à agricultura familiar (dependendo da região do país, costumes e tradições).

Entretanto, há limitações que precisam ser estudadas e minimizadas para que o agroturismo possa atingir objetivos, como por exemplo, o desenvolvimento local. A saber:

- Problemas financeiros enfrentados pelos agricultores decorrentes das dificuldades de inserção competitiva;
- Localização geográfica dos estabelecimentos, geralmente com rede de infra-estrutura básica deficiente, pouca oferta de transporte e condições de acesso precárias;
- Sazonalidade nas visitas, com uma rotina de baixo número de visitantes.

Sendo assim, o agroturismo precisa ser planejado, estar inserido num roteiro turístico, integrando regiões no entorno, para que haja viabilidade sócio-econômica e perspectivas de sustentabilidade.

Num estudo realizado recentemente pelo Instituto CEPA/SC (TORESAN; MATTEI & GUZZATTI, 2002), demonstrou-se que apesar de apresentar variações bastante significativas, a participação da atividade agroturística no total da renda familiar catarinense⁹ pode variar de 5% a 90%, com maior freqüência entre 5% e 20%. Após a avaliação das respostas dos entrevistados quanto aos impactos positivos e negativos da atividade, o estudo apresentou pontos que atualmente representam gargalos no desenvolvimento do agroturismo em Santa Catarina, a saber: condições de infra-estrutura básica, condições financeiras, articulação local, sazonalidade do fluxo turístico e capacitação. O estudo ainda destaca a importância do fator localização geográfica e dos roteiros turísticos, pois constituem elementos decisivos para o afluxo de turistas, com uma considerável importância no desempenho das atividades do agroturismo.

⁹ Para este estudo, foram utilizadas as informações coletadas no levantamento dos empreendimentos turísticos no espaço rural de Santa Catarina, no qual foram cadastradas 551 unidades de agroturismo, e se aprofundou o conhecimento específico de 17 propriedades que desenvolvem a atividade.

A implementação de uma atividade econômica ‘nova’ no âmbito da dinâmica das unidades familiares de produção no espaço rural requer um conjunto articulado de ações que nem sempre estão disponíveis e ao alcance destes atores envolvidos, relatam os pesquisadores do CEPA/SC. Enfatizam assim a importância no planejamento e desenvolvimento de roteiros agroturísticos, pois a constituição destes (TORESAN; MATTEI& GUZZATTI, 2002, p. 44):

(...) permite dar aos empreendimentos, individualmente, escala técnica e econômica e, ao seu conjunto, complementaridade, infra-estrutura técnica e física adequadas e densidade econômica e social. Além disso, a organização e a proximidade favorecem a obtenção de apoio administrativo, as atividades de capacitação técnica e o marketing.

2.2 O PAPEL DO PLANEJAMENTO TURÍSTICO

O planejamento pode ser entendido como a definição de estratégias e meios para sair de uma situação atual visando alcançar uma situação futura desejada, tratando assim de um processo dinâmico e contínuo de definição de objetivos, metas e ações, de forma integrada entre os diversos agentes sociais de interesse (MITRAUD, 2003).

O turismo, sem dúvida, pelos impactos que gera, e que já foram descritos em item anterior, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento das nações não só no campo econômico, mas também quanto aos aspectos sociais, culturais e políticos. Sua potencialidade para o desenvolvimento é digna dos esforços máximos de um país quanto ao seu planejamento (ACERENZA, 1986).

O estudo e a prática do planejamento no campo do turismo são bastante recentes, e surgiram a partir da percepção da importância da atividade como meio de sustentabilidade de algumas comunidades, e principalmente pela característica autodestruidora do turismo, como afirma Krippendorf (1985): o turismo destrói o turismo, por meio do consumo inadequado dos recursos naturais que representam a própria motivação para as viagens.

Hall (2001) destaca em sua obra a importância de uma visão de planejamento que promova a construção de processos integrados orientados à satisfação das necessidades das várias partes interessadas e incorporando a compreensão do mercado e das bases dos recursos turísticos. Assim, propõe o planejamento turístico estratégico como uma abordagem conceitual e uma ferramenta eficaz na condução desses processos com vistas a um turismo sustentável. Apresenta três pontos de destaque no processo: participação e envolvimento dos diversos setores ligados, direta ou indiretamente, à atividade turística, não na validação de planos pré-concebidos, mas em todo o processo de construção política que determina a filosofia, as metas, os objetivos e os alvos do plano; necessidade de se desenvolver métodos para a avaliação contínua e indicadores, que darão o *feedback* quanto ao andamento das ações tomadas; e uma análise dialética com ênfase na função do processo, visando compreender suas interdependências e seus inter-relacionamentos.

Com o planejamento turístico busca-se alcançar os objetivos propostos - maximizar os benefícios para a comunidade receptora e a satisfação do turista – como também controlar e minimizar, na medida do possível, as conseqüências indesejadas sobre os envolvidos, e principalmente sobre a utilização dos recursos naturais.

A identificação da necessidade de seguir um padrão de desenvolvimento turístico ambientalmente sustentável já está na segunda década de existência, mas pouco se conseguiu em termos de garantia de que futuros empreendimentos sejam ambientalmente compatíveis com os ideais de turismo sustentável (SPERB; SELEME & MOUTINHO, 2007).

Por tratar-se de um fenômeno essencialmente social, o planejamento, segundo Barreto (2003), deve ser conduzido pelo campo das Ciências Sociais, pois afirma a autora ser esta a forma mais adequada para discutir as percepções dos envolvidos, sejam os turistas, ou os residentes na comunidade receptora, e assim compreender e planejar a atividade:

Ajudar a entender os processos psicossociais desencadeados pelo fenômeno turístico, as expectativas, desejos, satisfações e frustrações das populações anfitriãs e dos turistas, as motivações para agir de uma ou outra maneira, a busca para além da

simples viagem, a dinâmica cultural em que o turismo está inserido, a diversidade de interesses e necessidades sociais que o turismo afeta, enfim, seus dilemas e paradoxos seria uma enorme contribuição das ciências sociais para o planejamento equilibrado de um turismo responsável. (BARRETO, 2003).

Reforçando a importância do processo de planejamento turístico, Oliveira (2004) defende a complexidade da relação meio ambiente e o desenvolvimento turístico baseado em três argumentos:

a dificuldade em definir e delimitar a atividade turística, os aspectos do turismo que impactam de maneira complexa o meio socioambiental, de forma direta e indireta, a curto, médio e longo prazos, em escalas locais, regionais e globais, e tanto os impactos positivos quanto negativos são distribuídos e percebidos de forma diferente entre os diversos atores sociais.

Assim, conclui o autor que a percepção cada vez maior dos impactos ambientais negativos do turismo na própria atividade turística e o crescente interesse em ecoturismo abrem a oportunidade para que os atores sociais que defendem formas alternativas de planejamento e desenvolvimento tenham legitimidade e sejam ouvidos.

CAPÍTULO 3

*“(...) Itaimbezinho
Ó que bela conquista
De braços abertos
Acolhe os turistas*

*Que linda é a natureza
Tudo com amor e carinho
Se pudesse era aí
Que eu fazia o meu ninho*

*Itaimbezinho dos belos pinhais
Quem beber
Da tua água
Não esquece jamais.”*

Poema de Zilma Rocha da Rosa, poeta e moradora de Praia Grande, 2002.

3 METODOLOGIA

No Capítulo 2 foi apresentada uma síntese sobre o turismo, envolvendo os impactos da atividade em diversos aspectos como o ambiente econômico, sócio-cultural e natural. Foram descritas as segmentações do turismo a serem abordadas neste trabalho e, além disso, buscou-se expor a importância do planejamento desta atividade para que a mesma, dado o seu crescimento histórico nos últimos anos, possa realmente constituir-se como vetor de desenvolvimento às comunidades onde ocorre.

No Capítulo 3 serão abordados dois aspectos deste trabalho: a descrição da área de estudo, Praia Grande (SC), e a descrição da metodologia adotada, *SSM – Soft Systems Methodology*.

3.1 DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

3.1.1 O município de Praia Grande

O município de Praia Grande está localizado às margens do Rio Mampituba, distante 290 km da capital catarinense Florianópolis, na fronteira com o Estado do Rio Grande do Sul (Figura 2). O nome Praia Grande foi inspirado na paisagem característica local, onde o movimento da água dos rios é responsável por formar grandes praias de seixos rolados, provenientes das paredes dos cânions da Serra Geral. O município possui uma população de 7.120 habitantes (IBGE, 2007), e ocupa uma área de 279 km².

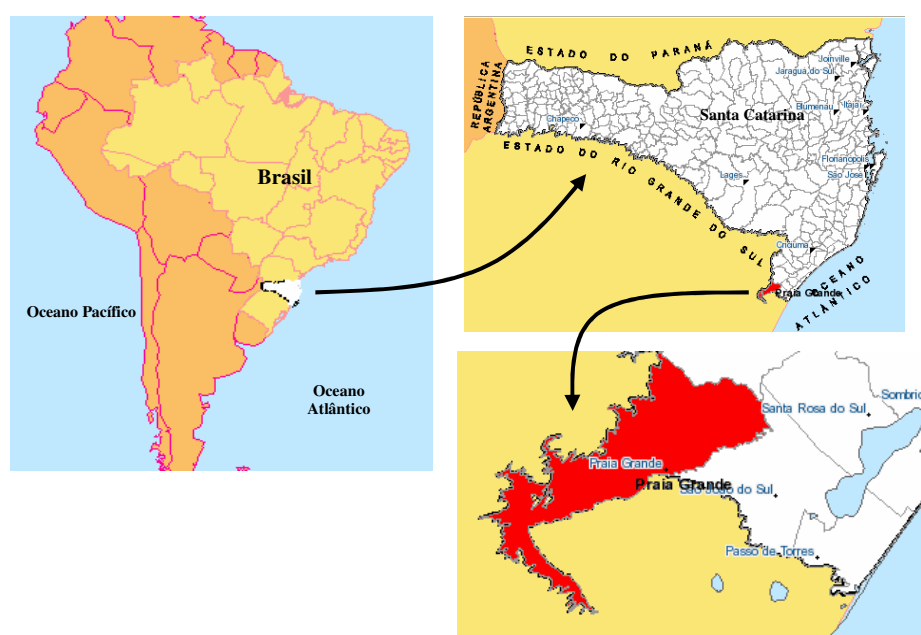


Figura 2 – Localização do município de Praia Grande (SC).

Fonte: IBGE, 2007

3.1.1.1 Atividades econômicas

As atividades econômicas no município de Praia Grande refletem a transição de comunidades que têm vocação e tradição rural, mas passam por período de urbanização e diversificação de atividades. A maior oferta de produtos e serviços, aliada ao crescimento das

atividades que agregam valor à produção primária dos municípios e mais recentemente do turismo, têm criado demanda de mão-de-obra para os residentes.

Quanto aos setores secundário e terciário da economia, atualmente o comércio é a atividade que conta com o maior número de estabelecimentos, seguido das indústrias de transformação e dos serviços. No entanto, as indústrias de transformação, da fabricação de móveis e de calçados, são as principais empregadoras, com mais de o dobro de pessoas ocupadas que o comércio, segundo maior empregador do município (IBAMA, 2003).

Com relação ao Produto Interno Bruto do município (IBGE, 2007), a participação relativa das diferentes atividades está descrita na Tabela 3:

Tabela 3 - Produto Interno Bruto 2005 - Praia Grande - SC

<i>Atividade</i>	<i>Valor R\$ (em mil)</i>	Participação (%)
Valor adicionado na Agropecuária	10.960	24
Valor adicionado na Indústria	6.565	14
Valor adicionado no Serviço ¹⁰	26.193	57
Impostos	2.233	5
PIB a Preço de mercado corrente	45.951	100

Fonte: IBGE, 2007

Produção agrícola¹¹

De relevante significado econômico para o município, a produção agrícola perde apenas para o setor de serviços, como descrito anteriormente, na composição do Produto Interno Bruto. A maior parte da área cultivável do município situa-se nas várzeas, onde o solo

¹⁰ O 'Valor adicionado no Serviço' contempla também o item comércio.

¹¹ A atividade pecuária também está presente neste contexto, no entanto com maior expressão no município de Cambará do Sul (RS), no alto da serra (IBAMA, 2003).

favorece a implantação de culturas de ciclo curto, com alta tecnologia. Nessas regiões o principal cultivo é o de arroz irrigado. No ano de 2006 esta cultura ocupava 79,31% da área do município, com uma produção de 21.450 toneladas de arroz, o que corresponde a 2% da produção estadual catarinense (IBGE, 2006).

Além do arroz, outros cultivos de ciclo curto se sobressaem como o trigo, milho, soja, feijão, mandioca e fumo. Estas atividades são exploradas em pequenas propriedades com mão-de-obra familiar. Nas encostas da Serra Geral, o relevo impõe limites ao uso de tecnologia “moderna” e nestas áreas o principal cultivo (extensivo) é a banana.

A rizicultura e a fumicultura são as atividades que mais se expandiram nas últimas décadas, incentivadas pelos pacotes tecnológicos e pela demanda do mercado. Neste contexto, os agricultores do município sofrem as conseqüências da crise generalizada da agricultura em pequena escala, à modernização do campo e às mudanças na distribuição espacial da população rural e urbana.

Ainda que o município não se destaque como grande produtor agrícola, a atividade - a partir da Revolução Verde, no final dos anos de 1970 - passa a responder cada vez mais à dinâmica produtiva regional. Porém, seus principais cultivos são considerados ameaças sérias aos ecossistemas locais, conforme exposto no Plano de Manejo dos Parques Nacionais de Aparados da Serra e Serra Geral (IBAMA, 2003), região da qual faz parte. Neste relatório, o IBAMA identificou uma série de atividades inapropriadas para o entorno dos parques nacionais, como cultivo do arroz caracterizado pelo uso indiscriminado de água na irrigação e de despejo de pesticidas, herbicidas e fertilizantes nos cursos d'água locais.

Quanto ao fumo, a preocupação está na utilização de agrotóxicos, além do custo e da dificuldade de atender a demanda energética das estufas de secagem das folhas do fumo. Estima-se que para cerca de 200 ha de fumo seja necessário cerca de 1.200 ha de eucalipto. Segundo dados da PAM – Produção Agrícola Municipal (IBGE, 2007) no ano de 2006,

resumidos na Tabela 4, a demanda energética para a secagem das folhas de fumo na Mesorregião de Araranguá (a qual Praia Grande faz parte) é de aproximadamente 100.000 ha de eucalipto. A escassez de biomassa cultivada como fonte energética poderá forçar a utilização da mata nativa, já bastante degradada (IBAMA, 2003). Estes são alguns dos conflitos quanto ao uso da terra que serão abordados Capítulo 4.

Tabela 4 – Demanda energética (por ha de eucalipto) para secagem de folhas de fumo produzidas em 2006.

<i>Região</i>	<i>Área Plantada de fumo (ha)</i>	<i>Demanda Energética (ha de eucalipto)</i>
Mesorregião Araranguá	16.275	97.650
Santa Catarina	138.714	832.284
Região SUL	467.210	2.803.260
Brasil	497.899	2.987.394

Fonte: IBGE, 2007

3.1.2 Os Parques Nacionais: preservação dos recursos naturais

De grande relevância biológica, geológica e paisagística, a região do município de Praia Grande e entorno destacam-se pelas cadeias montanhosas que seguem por todo o sul catarinense, algumas delas atingindo até 1150m de altura. Esta formação bastante acidentada, de encostas abruptas e vales profundos é denominada Serra Geral, onde é expressivo o número de rios límpidos e cachoeiras, compondo um visual paisagístico interessante e singular de transição entre a Mata Atlântica no pé da serra e planície costeira, e os Campos Gerais na parte superior dos cânions, no alto do planalto.

Com o intuito de proteger este patrimônio natural, foi criado em 1959¹², pelo então Presidente da República Juscelino Kubitschek, o Parque Nacional de Aparados da Serra (PNAS), onde está localizado o atrativo natural mais procurado da região dos cânions, o Cânion Itaimbezinho (Figura 3 – à esquerda).

Anos mais tarde, percebendo a necessidade de conservar a biodiversidade existente no entorno desta unidade de conservação, o IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - decidiu ampliar a área de proteção criando, em 1992¹³, o Parque Nacional da Serra Geral (PNSG), contemplando outros seis cânions, além de inúmeras nascentes de água. Dentre os atrativos mais conhecidos desta unidade está o Cânion Fortaleza (Figura 3 – à direita), com mais de 8 km de extensão e 1000m de altura.

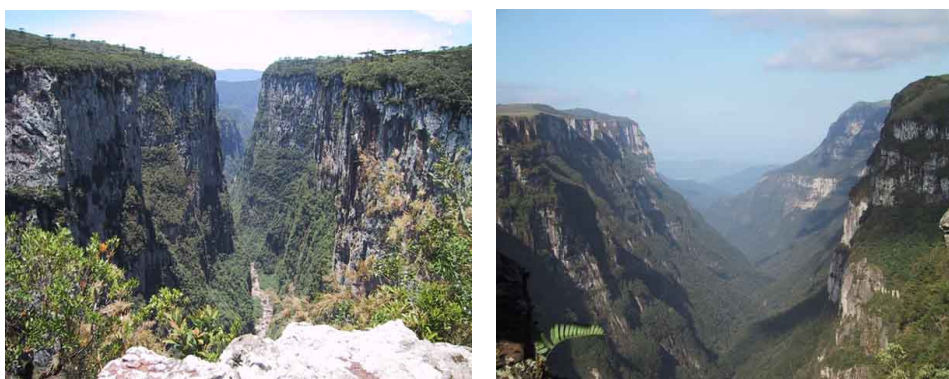


Figura 3 – Cânion Itaimbezinho – Parque Nacional de Aparados da Serra (à esquerda) e Cânion Fortaleza – Parque Nacional da Serra Geral (à direita).

Fonte: Giane K. B. Nunes, 2002.

Estas duas unidades de conservação (UCs), de expressiva relevância ecológica e beleza cênica, são classificadas pelo SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação – como áreas de proteção integral. Nesta modalidade de UCs podem ser realizadas atividades

¹² O Parque Nacional de Aparados da Serra foi criado pela Secção de Parques Nacionais do Serviço Florestal do Ministério da Agricultura através do Decreto nº. 47.446 de 17 de dezembro de 1959.

¹³ O Parque Nacional da Serra Geral foi criado através do Decreto nº 531 de 20 de maio de 1992, pelo então Presidente da República Fernando Collor.

3.1.3 O turismo no município de Praia Grande

Reconhecida em 22 de janeiro de 2004 pela Lei Estadual nº. 12.876 como a Capital Catarinense dos Cânions, o município de Praia Grande desfruta de uma posição geográfica privilegiada dentre os municípios que compõem a Região Caminho dos Cânions no estado de Santa Catarina. A cidade está localizada ao pé da Serra do Faxinal, distante apenas 27km da sede e centro de visitantes do PNAS, o terceiro parque nacional mais visitado do Brasil, interligando os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Do município é possível vislumbrar um panorama com alguns dos cânions protegidos por ambos os parques nacionais, e a partir da cidade inúmeras são as atrações naturais entre trilhas, cachoeiras, escaladas, rapel, bóia-cross, que podem ser oferecidas aos visitantes.

Decorrente destas belezas naturais, Praia Grande vem se beneficiando através do desenvolvimento da atividade ecoturística, característica do setor terciário da economia. Observa-se a cada ano um crescimento no número de visitantes que passam pelo município, principalmente a partir da reabertura dos dois parques nacionais em 1998, quando o IBAMA investiu em maior infra-estrutura para recepção de visitantes. De acordo com os resultados da pesquisa de Kinker (2002) realizada em três parques nacionais brasileiros, entre eles os dois parques nacionais aqui mencionados, o crescimento da atividade turística tem gerado, respectivamente, um aumento na demanda de serviços e produtos turísticos na região, pois municípios do entorno de UCs de proteção integral (parques nacionais), como é o caso de Praia Grande, devem constituir a infra-estrutura básica turística para servir de base ao turista. Com o desenvolvimento do turismo, parte da comunidade tem percebido melhorias na qualidade de vida através da geração de renda e oportunidades de negócios (KINKER, 2002).

O turismo, como conjunto de serviços disponibilizados ao turista, ainda é uma atividade bastante incipiente em Praia Grande. Mesmo tendo se intensificado no momento de

reabertura dos parques, o processo de desenvolvimento do turismo no município ainda é bastante deficitário. Além das dificuldades em suprir estas UCs da infra-estrutura necessária para receber os turistas, o município sofre também com a baixa qualidade destes serviços. Sendo o turismo uma atividade que, além de atrativos, também precisa dos equipamentos e infra-estrutura básica, torna-se fundamental o planejamento para integração e desenvolvimento econômico e social da região onde está sendo realizado para que se torne um benefício à comunidade.

Assim como descrito no Capítulo 2.1.4, o planejamento turístico apresenta-se como importante ferramenta para a construção de processos integrados orientados à satisfação das necessidades das várias partes interessadas, e incorporando a compreensão do mercado e das bases dos recursos turísticos. É somente nas comunidades do entorno que as UCs vão encontrar infra-estrutura e equipamentos de apoio para tornarem seus atrativos naturais um produto turístico, visto que este é um dos objetivos das UCs de proteção integral.

Sendo o ecoturismo uma “atividade que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas” (EMBRATUR, 2004), é possível perceber que integrá-lo ao consumo de bens e serviços é fundamental, ainda que isso não seja tarefa fácil. Ao possibilitar esta integração a região receptora do turismo beneficia-se com a atividade, que além de captar recursos financeiros para a comunidade, é compatível aos objetivos das UCs (KINKER, 2002).

Além da exploração turística dos recursos naturais, o município se destaca pelo potencial existente em agroturismo ou turismo rural, cuja conceituação fundamenta-se em aspectos que se referem ao turismo, ao território, à base econômica, aos recursos naturais e culturais e à sociedade. Com base nesses aspectos, o Ministério do Turismo (MTur, 2006, p. 11) define turismo rural como “o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio

rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade”.

Em função das mudanças ocorridas no campo, que exigiram a busca por alternativas à manutenção da família no meio rural, através de outras atividades como o turismo, e a necessidade de adequar os cultivos à realidade dos parques nacionais e à preservação dos recursos naturais (conflitantes com as práticas da agricultura convencional) através de práticas como a agroecologia, observa-se uma ênfase para a prática do agroecoturismo. Este segmento do turismo constitui um conjunto de princípios que valoriza, ao mesmo tempo em que utiliza, os recursos naturais da região através dos parques nacionais, assim como a valorização do patrimônio cultural através da vivência de sua realidade rural pelos turistas. Pelo potencial em serviços e produtos a serem desenvolvidos e integrados à região, a combinação destas atividades (agroturismo+ecoturismo) apresenta-se como alternativa compatível e viável para o turismo a ser desenvolvido no município e entorno, dentro das propriedades rurais.

Neste sentido, percebendo a necessidade de refletir sobre seus atrativos turísticos, em 19/09/2007 foi realizada no município a 1ª Oficina de Planejamento Turístico, com a participação de 30 pessoas de diferentes áreas relacionadas ao turismo, todas residentes em Praia Grande. O objetivo desta oficina era apontar as ações para alavancar o desenvolvimento turístico do município, através da elaboração e implantação do Plano de Desenvolvimento Turístico Municipal para o 2º semestre de 2007 e para o ano de 2008. Nesta oficina foram destacados 71 atrativos: 26 atrativos naturais, 13 atrativos culturais, 19 atrativos históricos, 11 eventos e manifestações populares e 2 atrativos em outros segmentos. Porém, nem todos os atrativos são produtos turísticos, isto é, opções que estão prontas para comercialização ao turista. Atualmente apenas 24 atrativos são considerados produtos turísticos, apesar de, conforme relato do próprio grupo que participou da oficina, necessitarem de algumas adequações (ROTA DOS CANYONS, 2008).

A partir deste levantamento, representantes do grupo que realizou a 1ª Oficina de Planejamento Turístico têm trabalhado em reuniões semanais para definição de ações e iniciativas a fim de que os objetivos desta oficina sejam alcançados. Todos os participantes acreditam que o turismo possa valorizar o município, gerar emprego e renda para a população e, conseqüentemente, representar o vetor do desenvolvimento municipal. Sendo assim, consideram-se os atores responsáveis por colocar em prática este trabalho, bem como acompanhar as ações para melhorar o receptivo turístico do município (ROTA DOS CANYONS, 2008).

Para ilustrar as relações descritas anteriormente sobre Praia Grande e região de entorno, a Figura 5 possibilita uma visualização das principais características do município. Dentre as relações, destacam-se as questões referentes ao desenvolvimento da agricultura convencional, as transformações sociais no campo e as restrições quanto ao uso da terra estabelecidas pela criação dos parques nacionais.

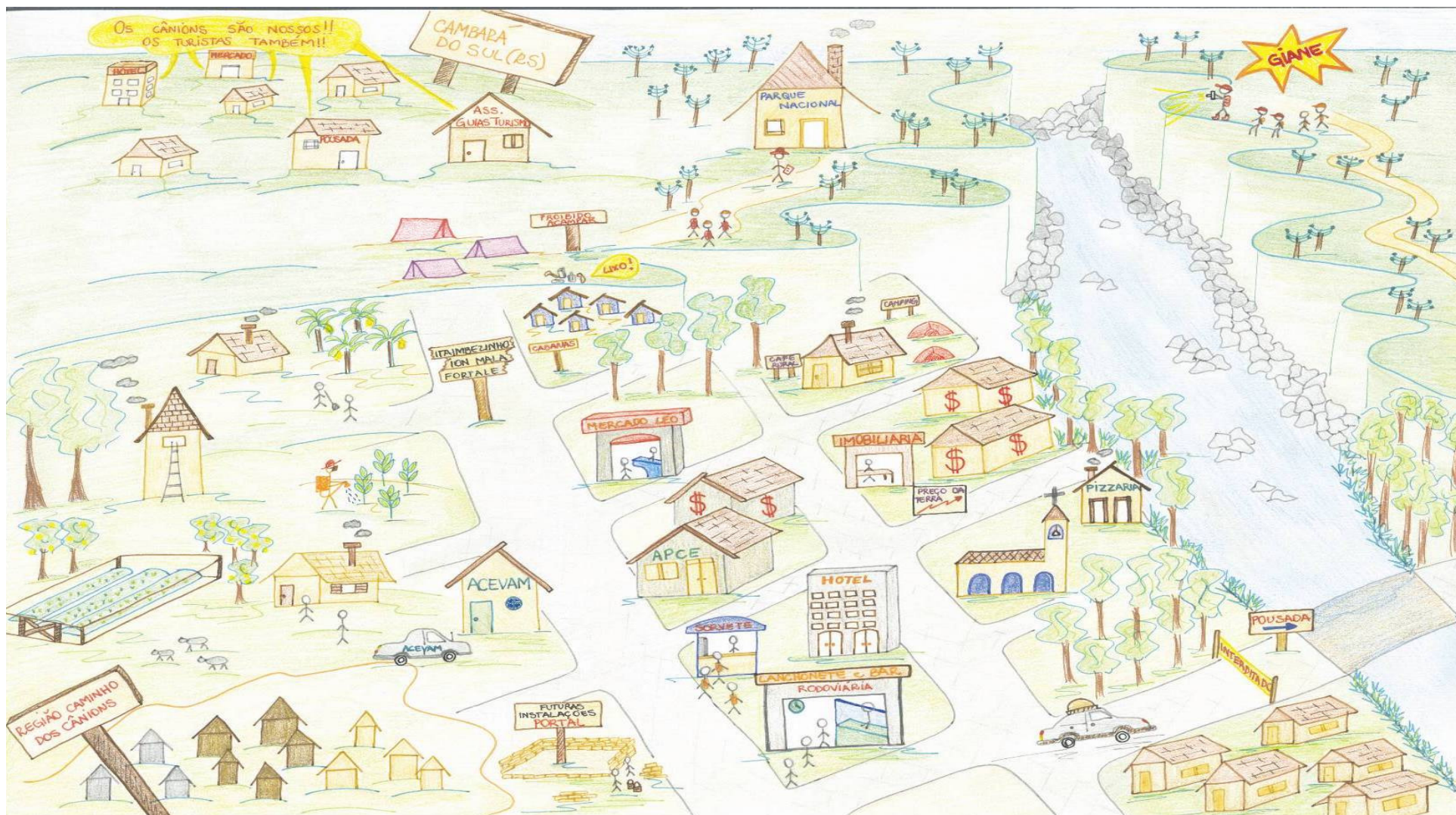


Figura 5 – Caracterização do município de Praia Grande

Ilustração de Michelle Berticelli Nunes, 2008.

3.1.3.1 O desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos pela ACEVAM

Além da oficina descrita anteriormente, uma outra iniciativa, no que se refere ao planejamento turístico, tem sido desenvolvida no município e merece destaque. Diante da potencialidade natural dos cânions da região, que atraem turistas de todo o país, assim como de diversos locais do mundo, e a existência de algumas poucas propriedades rurais que perceberam no fluxo turístico a oportunidade de incrementar a renda familiar, o município oferece atualmente aos seus visitantes um pequeno roteiro de turismo rural elaborado pela ACEVAM – Associação Colonos Agroecológicos do Vale do Mampituba – e que é apresentado na Figura 6.

Este roteiro é o resultado inicial de um trabalho que vem sendo desenvolvido pela ACEVAM em parceria com a APCE – Associação Praiagrandense de Condutores para o Ecoturismo, os Parques Nacionais de Aparados da Serra e Serra Geral, a EPAGRI/SC – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A., a Prefeitura Municipal de Praia Grande e o Centro Ecológico.



Figura 6 – Folder sobre o roteiro de turismo rural em Praia Grande.

Fonte: ACEVAM, 2007.

Este trabalho faz parte do projeto, intitulado “PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS DE AGROECOTURISMO NO CONTEXTO DA MATA ATLÂNTICA”, e tem como objetivo o uso sustentável dos recursos naturais por meio do ecoturismo em áreas de relevância ambiental. Segundo os colaboradores do projeto, esta é uma estratégia para enfrentar problemas como o uso de agrotóxicos nas lavouras, a descapitalização do agricultor familiar

e, conseqüentemente, o êxodo rural. O projeto, integrante do PDA¹⁴ Mata Atlântica, propõe implantar circuitos de agroecoturismo, fortalecer o artesanato local, disseminar alternativas sustentáveis em escolas, universidades, centros de convivências, entre outros, e demonstrar métodos de construções alternativos como a bio-construção¹⁵. Assim, visa trazer benefícios ao meio rural através da geração de renda e valorização da cultura local, incentivando e conscientizando os agricultores a adotarem práticas sustentáveis como a agroecologia, refletindo assim, na preservação dos recursos naturais.

Buscando oferecer um produto de fácil entendimento e altamente motivador, apresentado de forma clara e atrativa, o roteiro turístico é uma excelente ferramenta para se atingir um determinado público-alvo. Para Bahl (2006), dentre a diversidade de atividades inerentes ao planejamento turístico, a mais evidente é o desenvolvimento de roteiros turísticos cujos objetivos são a constituição de um produto turístico, pois resumem um processo de ordenação de elementos intervenientes na efetivação de uma viagem. Desenvolver roteiros turísticos pode estabelecer diretrizes, e como conseqüência gerar uma circulação turística posterior, constituindo determinados trajetos, criando fluxos e possibilitando um aproveitamento racional da região e dos atrativos.

No contexto do município de Praia Grande e região, o desenvolvimento de roteiros turísticos deveria levar em consideração a necessidade de integração, hoje ainda pouco

¹⁴ “O Subprograma Projetos Demonstrativos - PDA foi criado em 1995, entrando em operação em 1996, ano em que iniciaram os primeiros projetos. A sua construção resultou de um processo de negociação envolvendo Governo Brasileiro, organismos de cooperação internacional representando os países do G7 e as redes de Ongs e Movimentos Sociais da Amazônia e Mata Atlântica. Implementado pelo Ministério do Meio Ambiente no âmbito do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais PPG7, recebe apoio principalmente da Cooperação Internacional Alemã e tem como principais desafios demonstrar através de experiências inovadoras a possibilidade efetiva de construção, em bases socioambientais, de estratégias de promoção do desenvolvimento sustentável e, a partir dos aprendizados produzidos por estas experiências, estimular a formulação de políticas públicas que contribuam para a difusão e incorporação destas estratégias por outras comunidades, organizações e instituições governamentais” (MMA, 2007).

¹⁵ A bio-construção é um modelo de construção civil que combina conhecimentos tradicionais – arquitetura vernacular - com novas tecnologias e materiais, além de resgatar técnicas milenares. Entre as vantagens deste modo construtivo estão o aproveitamento de materiais próprios de cada região; maior isolamento térmico e acústico; economia de energia tanto na geração da moradia como na sua ocupação, e o emprego de sistemas alternativos de refrigeração e calefação (AMBIENTEBRASIL, 2008).

significativa, dos atrativos naturais com estabelecimentos comerciais e propriedades rurais do entorno, assim como dos demais municípios que compõem a Região Caminho dos Cânions, para o atendimento da demanda do visitante em serviços de hospedagem, alimentação, lazer, etc.

A organização e direcionamento deste fluxo turístico são capazes de gerar resultados bastante positivos para a comunidade, pois incrementa a movimentação de recursos financeiros entre a população através do efeito multiplicador da atividade turística.

Foi observando as características do município, como apresentado anteriormente, sua potencialidade turística, representada tanto pelas belezas naturais como pelos atrativos potenciais que demandam planejamento, os impactos positivos que o turismo pode trazer ao desenvolvimento local do município, a existência dos parques nacionais e a necessidade de compatibilização entre a atividade agroecoturística e os objetivos destas UCs de conservação dos recursos naturais, além das iniciativas aqui já descritas, que se identificou a necessidade de discutir as possibilidades para o desenvolvimento turístico no município de Praia Grande de uma perspectiva sistêmica.

Para isso, buscou-se uma metodologia que pudesse contemplar e considerar todas estas informações, além de ser capaz de apontar as possibilidades de melhorias através da reflexão sobre os conflitos existentes entre as atividades desenvolvidas no município e o encontro de pontos de acomodação. Desenvolvida há mais de 30 anos pelo professor inglês Peter Checkland, a *SSM - Soft Systems Methodology* foi a metodologia escolhida, pois trata-se de uma metodologia sistêmica que permite refletir sobre situações de complexidade. No próximo item a metodologia será detalhada, e no Capítulo 4 será descrita a aplicação da metodologia para o contexto do município de Praia Grande, caracterizado pela presença de um conflito de interesses no que diz respeito ao uso da terra, conforme já se descreveu.

3.2 DESCRIÇÃO DA *SSM - SOFT SYSTEMS METHODOLOGY*

3.2.1 *Origem*

Como metodologia amparada em uma abordagem que permite refletir e propor transformações em sistemas de atividade humana, a *SSM* vem sendo utilizada para lidar com as mais variadas situações de complexidade. Desenvolvida pelo professor inglês Peter Checkland e publicada pela primeira vez em 1972 (CHECKLAND & SCHOLE, 1990), resumidamente pode-se dizer que esta metodologia permite refletir sobre qualquer situação-problema em que se encontram pessoas com a intenção de agir e com o objetivo de melhorá-la (ISON *apud* CHECKLAND & POULTER, 2006).

Esta metodologia nasceu da tentativa de Checkland de aplicar uma abordagem de sistemas *hard*, fundamentada no paradigma funcionalista da Engenharia de Sistemas, à problemas de gestão, no caso da *Bell Telephone Laboratories*. Naquele momento, percebeu-se que a Engenharia de Sistemas não era rica o bastante para lidar com a complexidade e a *mess* existentes nas situações de gestão empresarial, sendo necessário o desenvolvimento de novos conceitos sistêmicos (CHECKLAND & POULTER, 2006).

Apesar desta metodologia ter sido desenvolvida dentro da universidade, é preciso destacar que, tanto para a emergência da *SSM*, quanto para as mudanças que nela ocorreram nestes últimos 36 anos, foi fundamental a aplicação destes conceitos em situações do mundo-real, em organizações fora do mundo acadêmico. Estas demandas exigiram da metodologia inúmeras adaptações, e contribuíram ainda mais para a construção do processo de aprendizagem que a adoção da *SSM* caracteriza (CHECKLAND & SCHOLE, 1990).

A *SSM* trata um conjunto de ações com propósito como um sistema de atividade humana, por entender que toda a situação-problema do mundo-real contém pessoas tentando

agir intencionalmente, em torno de um propósito. A natureza e a forma da *SSM* são baseadas no conceito de visão de mundo, ou *Weltanschauung* como utilizado por Checkland, que considera que a percepção particular das pessoas é que cria a realidade como uma situação, utilizando padrões e critérios para julgá-la. Essas diferentes visões de mundo permitem a construção de modelos conceituais de sistemas relevantes, que não deveriam representar descrições do mundo-real, mas sim formas alternativas e inovadoras de olhar e pensar sobre a situação-problema. São dispositivos intelectuais (COTA JÚNIOR, FREITAS & CHENG, 2007) utilizados como fonte de perguntas sobre a situação real, possibilitando que ela seja explorada de forma rica por meio de uma discussão qualificada, em busca de uma acomodação, ou seja, em busca de uma versão (melhorada) da situação com a qual diferentes pessoas, com diferentes visões de mundo e interesses, possam conviver.

Constituída inicialmente por sete estágios¹⁶, a *SSM* não deve ser confundida com um método, pois permite alterações e adaptações em seus estágios, para que sejam adequados à cada situação-problema. Com isso, a metodologia pode ser modificada (e assim o tem sido) para cada aplicação, permitindo a inclusão de novos estágios, ou até mesmo utilizando somente parte deles. Segundo Checkland & Scholes (1990), os sete estágios da *SSM* (Figura 9, p. 67) foram concebidos para estruturar uma situação-problema observada no mundo-real, analisar esta situação-problema estruturada sob a ótica do pensamento sistêmico, e a partir da formulação de definições essenciais de sistemas relevantes, elaborar um modelo conceitual de um sistema de atividades humanas, com o propósito de permitir um debate qualificado sobre possíveis mudanças necessárias na situação-problema para melhorá-la, desde que estas sejam sistemicamente desejáveis e culturalmente aceitáveis.

¹⁶ Este primeiro formato da metodologia, composto por sete estágios, recebeu anos mais tarde, o nome de Modo 1, para que pudesse ser diferenciado de uma nova formatação, cujas etapas foram adaptadas ao longo dos anos de aplicação (CHECKLAND & SCHOLES, 1990).

A metodologia por si só não deve ser aplicada como uma receita para alcançar um determinado resultado, mas como um conjunto de princípios para aumentar a qualidade da participação dos envolvidos com a situação-problema, elevando a qualidade da discussão voltada à sua melhoria (CHECKLAND & POULTER, 2006). A *SSM* é, assim, um dispositivo epistêmico para lidar com a complexidade em uma situação-problema, agindo sistemicamente sobre ela.

Os estágios da *SSM* constituem um ciclo de aprendizagem, e as ações tomadas para melhorar a situação-problema, promovendo mudanças que são sistemicamente desejáveis e culturalmente viáveis, dão início a um novo ciclo e a uma nova aplicação da metodologia sobre a situação-problema (CHECKLAND & POULTER, 2006), que pode ser, assim, “sem-fim”. A aprendizagem ocorre através do processo interativo utilizando conceitos sistêmicos para refletir e debater sobre as percepções do mundo-real, tomando as ações nesta situação, e refletindo novamente sobre os acontecimentos. A reflexão e o debate (entendido como acomodação sobre as diferentes visões de mundo) estão estruturados sistemicamente, considerando a inexistência de uma solução definitiva ou objetivo único para a melhoria da situação-problema (VON BULOW *apud* CHECKLAND, 1981a).

O ciclo de aprendizagem para a ação que decorre da adoção de *SSM* está representado na Figura 7. A partir desta concepção da metodologia em sete estágios, o que facilitou muito a sua difusão didática, a *SSM*, no entanto, tem sido constantemente modificada, adaptando-a a cada nova aplicação. Em 1988, Checkland percebeu como necessária a reflexão sobre uma linha de análise adicional à linha de análise baseada na lógica como já era praticado nas primeiras aplicações da metodologia (CHECKLAND & SCHOLE, 1990). Tratava-se de uma corrente de análise cultural, responsável por considerar a situação como uma cultura, ponderando as análises dos sistemas sociais e políticos presentes no contexto analisado, e incorporando estas informações à situação.

O fluxo da vida cotidiana

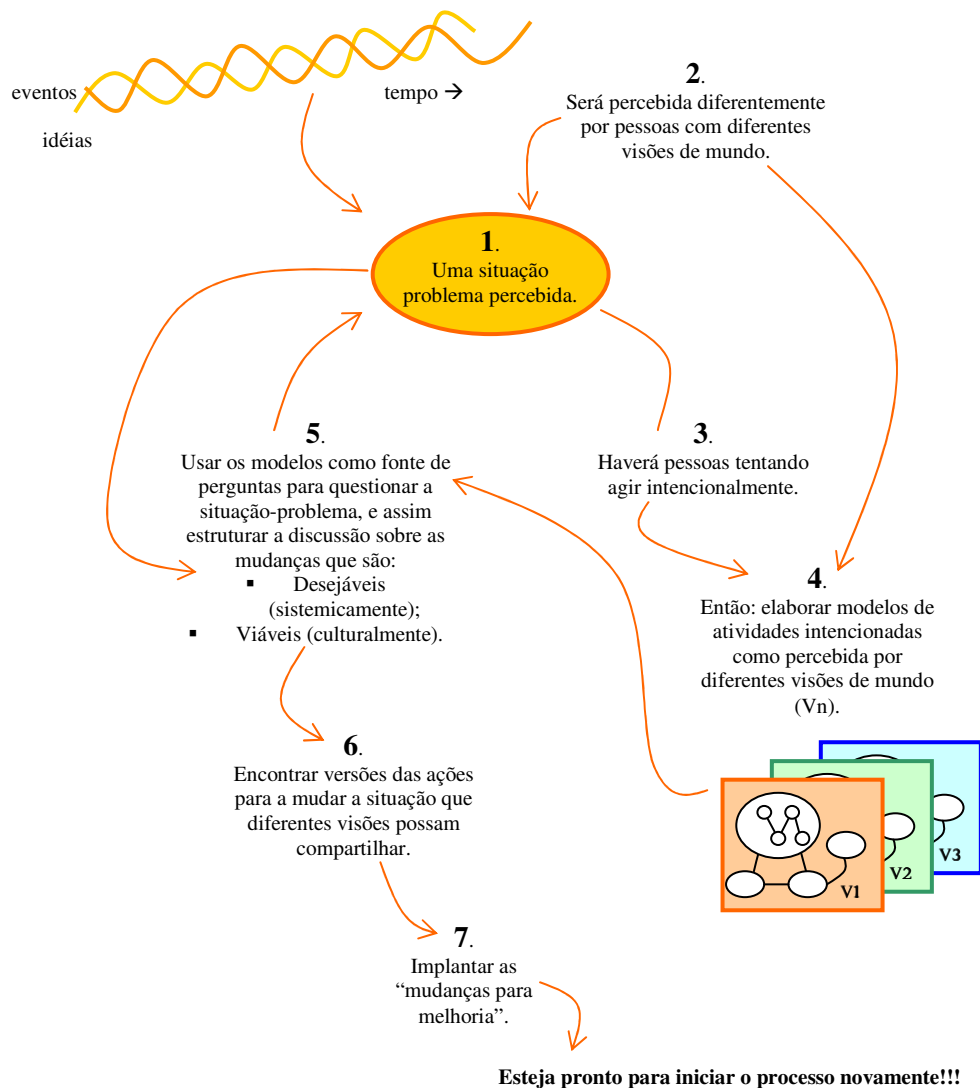


Figura 7 – Ciclo de aprendizagem para a ação da SSM (CHECKLAND & POULTER, 2006).

Em 1990, com a publicação do livro *Soft Systems Methodology in Action*, o modelo que contemplava os sete estágios não mostrava mais ser capaz de acompanhar o uso mais flexível da metodologia, assim como a utilização das duas correntes (lógica e cultural). A nova versão da metodologia passou então a ser aplicada a partir da utilização de quatro

atividades principais¹⁷ que foi chamada pelos autores de Modo 2, como uma forma resumida do Modo 1, possibilitando porém maior flexibilidade de aplicação à metodologia, e principalmente à reflexão quanto a sua aplicação (CHECKLAND & SCHOLLES, 1990). As quatro atividades principais do Modo 2 são:

- 1) Expressar a situação-problema, incluindo uma análise cultural e política;
- 2) Formular modelos de atividades intencionais relevantes;
- 3) Debater a situação, usando os modelos, buscando no debate (os aspectos 'a' e 'b' a seguir estão intimamente conectados e irão criar gradualmente um ao outro):
 - a) Mudanças que poderiam melhorar a situação e que são consideradas tanto (sistemicamente) desejáveis quanto (culturalmente) viáveis; e
 - b) Acomodações entre os conflitos de interesse que permitirão a tomada das ações para a melhoria.
- 4) Agir na situação-problema para alcançar melhorias.

No último livro que lançou, intitulado *Learning for Action*, Checkland e Poulter (2006) propõem a inclusão de uma quinta atividade bastante importante para o processo de aprendizagem pretendido pela metodologia: uma reflexão crítica sobre o processo completo (Figura 8). Esta reflexão está em nível diferente das quatro atividades descritas anteriormente, caracterizando-se como uma reflexão *sobre* estas atividades principais. Esta quinta ação é que garante que as lições aprendidas no processo sejam internalizadas, para que possam alimentar um novo ciclo de aplicação da metodologia.

¹⁷ A nova versão de aplicação da metodologia, caracterizada pela internalização de alguns aspectos presentes nas versões anteriores e maior flexibilidade, foi denominada de Modo 2 (CHECKLAND & SCHOLLES, 1990).

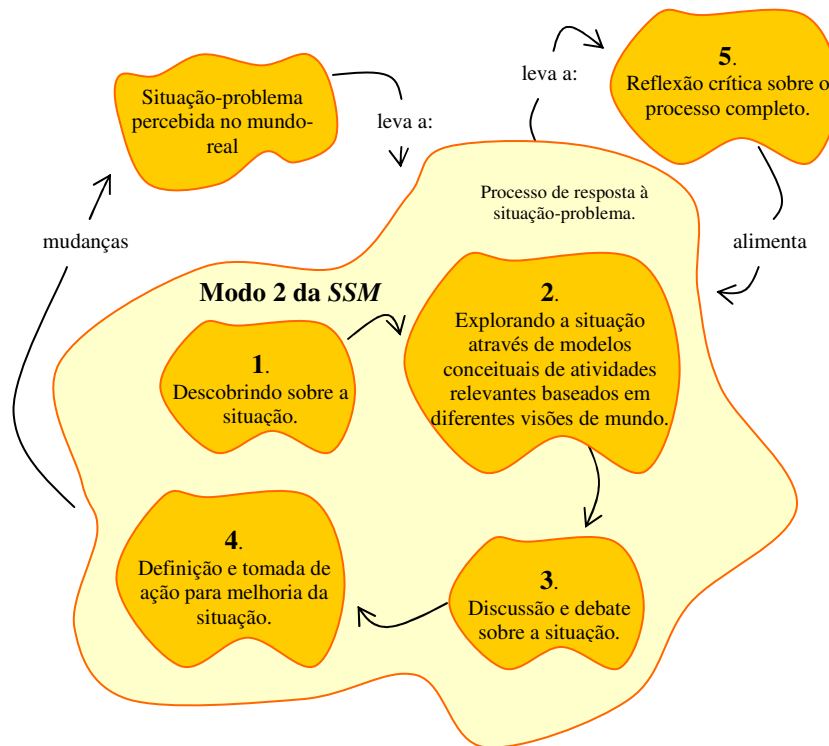


Figura 8 – O Modo 2 da SSM e a 5ª atividade relacionada à reflexão sobre o processo. (CHECKLAND & POULTER, 2006).

Para aplicação desta metodologia sistêmica na situação-problema do município de Praia Grande foi escolhido o Modo 1 da SSM, composto pelos sete estágios (CHECKLAND, 1981a), que serão melhor detalhados a seguir (vide também Figura 9). No entanto, para esta dissertação de mestrado, cujo objetivo é discutir as possibilidades para o desenvolvimento turístico, na aplicação da metodologia foram contemplados apenas os estágios 1 ao 6 (Capítulo 4), isto é, desde a configuração de uma situação-problema até a discussão sobre as mudanças sistemicamente desejáveis e culturalmente viáveis resultantes da comparação das ações do modelo conceitual com a atividade no mundo-real. O estágio 7, que compreende a execução das ações para melhoria da situação-problema, não foi contemplado neste trabalho pois demandaria um período de tempo maior do que o disponível para a realização desta dissertação e ultrapassaria os limites de seu escopo.

3.2.2 Modo 1 – Os sete estágios da SSM

A partir deste item, serão apresentados os sete estágios do Modo 1 da SSM, destacando, porém, de que se trata de um resumo com os elementos principais desta configuração inicial da metodologia, e que será utilizada nesta dissertação. Para um maior detalhamento dos estágios, é indicado ao leitor consulta a Checkland (1981a) – *Systems Thinking, Systems Practice*.

Segundo Checkland (1981a, p. 163), a metodologia SSM possui dois tipos de atividades, como ilustrado na Figura 9 a seguir:

os estágios 1, 2, 5, 6 e 7 são atividades do Mundo-Real, e necessariamente envolvem as pessoas compreendidas na situação-problema; já os estágios 3 e 4 são atividades do Pensamento Sistêmico, que podem ou não envolver as pessoas compreendidas na situação-problema, dependendo das circunstâncias específicas de cada estudo.

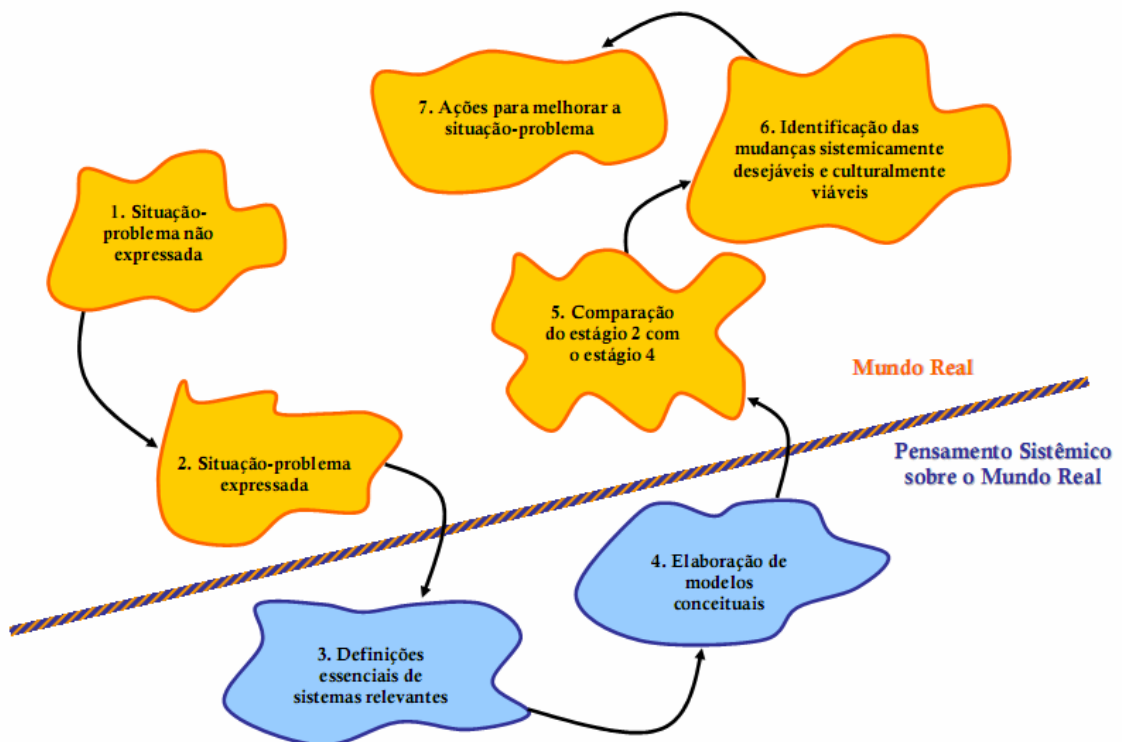


Figura 9 – Os sete estágios da *Soft Systems Methodology* ou Modo 1 (CHECKLAND, 1981a).

3.2.2.1 Estágio 1 – Situação-problema não expressada

Como seres humanos, experimentamos a vida diária como algo excepcionalmente complexo. Sentimo-nos arrastados por um fluxo constante e turbulento de acontecimentos, idéias, emoções, ações, todos em contínua mudança. Nossa resposta a esta corrente não é simplesmente a de experimentá-la. Muito além disso, “possuímos o desejo inato de encontrar significados nestes acontecimentos” (CHECKLAND & POULTER, 2006, p. 5). E ao atribuir estes significados, são estabelecidas as ‘situações’. Nada é intrinsecamente ‘uma situação’; é a percepção dos indivíduos que as cria de tal forma, e ao fazer isso percebem que as situações não são estáticas, suas fronteiras e seus conteúdos mudarão ao longo do tempo. Algumas das situações percebidas, dado o efeito que estas causam em seus observadores, causam nestes o sentimento de enfrentá-las, agindo sobre as mesmas, buscando sua melhoria.

Este primeiro estágio da metodologia representa a formação desta ‘situação’ pelo seu observador, a criação das fronteiras e do conteúdo desta ‘situação’ através da sua percepção, sua visão de mundo. Cada observador o faz através da busca por informações mais precisas sobre a situação-problema percebida. O objetivo deste estágio é identificar de forma clara as características da situação-problema amparando-se nas linhas de análise propostas na metodologia (análises 1, 2 e 3): a intervenção propriamente dita – análise 1 – (intenção de melhorar o processo); análise social – análise 2 – (entendimento mais detalhado sobre a “cultura” da organização ou do local onde a situação-problema ocorre); e a análise política - análise 3 – (esclarecimentos sobre as disposições de poder presentes na situação-problema). Descritas detalhadamente nas publicações mais recentes de Checkland, as linhas de análise social e política representam uma evolução da própria metodologia, porém nem todas as aplicações utilizam estas ferramentas da SSM (CHECKLAND & POULTER, 2006).

Este estágio é de extrema importância para a continuidade da aplicação da metodologia, pois são a partir das informações aqui reunidas que serão estabelecidos os próximos estágios, que proporcionarão discussões mais qualificadas entre as pessoas envolvidas com a situação-problema, através da comparação do mundo-real com os modelos conceituais dos sistemas relevantes concebidos através do pensamento sistêmico.

3.2.2.2 Estágio 2 – Situação-problema expressada

Com o objetivo de estruturar a situação-problema, utiliza-se comumente uma ferramenta denominada “*rich picture*”, ou “desenho rico”. Esta é uma das ferramentas utilizadas para expressar as inter-relações envolvidas na situação, e trata-se da elaboração de um desenho da situação abordada. Como a complexidade das atividades humanas é a complexidade das múltiplas interações entre os relacionamentos, e os desenhos expressam melhor uma situação do que as descrições lineares sobre estas relações (CHECKLAND & POULTER, 2006), o “desenho rico” retrata uma percepção mais completa da situação observada. Estas imagens são usadas pelo observador do problema e pelos demais envolvidos para ajudar na reflexão e debate sobre elementos-chave e foco do estudo, a fim de compreendê-lo melhor (ANDRADE, 2006).

Segundo Checkland & Scholes (1990) o desenho rico cumpre um papel muito importante na fase inicial de discussão com as pessoas envolvidas na situação, pois ao fazer isso, na verdade, propõem questionamentos como: “Esta é a forma como vemos a situação presente, seus principais envolvidos e suas questões. Conseguimos percebê-la corretamente sob seu ponto de vista?”

Os elementos do “desenho rico” permitem reconhecer as relações existentes entre as diversas atividades presentes na situação-problema. Através destas percepções é possível perceber a existência de inúmeros problemas (caracterizados assim pelos seus observadores) a serem trabalhados, e que serão os recursos para os próximos estágios de aplicação da metodologia. Vale lembrar ainda, que não é só através do desenho rico que a situação-problema pode ser expressada. Várias outras ferramentas podem ser usadas, de maneira isolada ou complementar, para este fim. Segundo Checkland & Poulter (2006) a situação-problema pode até mesmo ser exposta através de parágrafos detalhadamente descritivos. Ou então poder-se-ia ainda, como fizeram Cota Junior, Freitas & Cheng (2007) na aplicação da metodologia realizada na EMBRAPA/MG, utilizar discussões com os funcionários e gestores da empresa sobre as questões relativas ao processo. Estas discussões geraram as primeiras idéias da situação-problema, não utilizando representações gráficas, mas relatos sobre a situação.

3.2.2.3 Estágio 3 – Definições essenciais de sistemas relevantes

No estágio 3 da metodologia a tarefa consiste em escolher um sistema de atividade humana relevante para a situação-problema e a partir deste descrever claramente os seus propósitos através de uma definição bastante completa, que será a base para a elaboração do modelo conceitual no estágio seguinte. É importante destacar que a relevância do sistema escolhido está na capacidade deste sistema, quando ocorre a transformação que implica, promover a melhoria da situação-problema. Em todo caso, uma determinada situação-problema comporta vários sistemas relevantes, isto é, um sistema relevante é relevante a partir

do momento que é distinguido pelo observador como importante para propor a mudança que se vê necessária na situação-problema, a fim de melhorá-la.

Como pode ser verificado na Figura 9, este estágio é o primeiro a ser realizado no âmbito do “Pensamento Sistêmico sobre o Mundo-Real”, e é neste momento da aplicação da SSM que se busca formular claramente as definições essenciais dos sistemas relevantes selecionados, traduzindo precisamente o propósito destes.

Após a distinção de um sistema relevante, algumas técnicas são utilizadas para auxiliar na elaboração da definição essencial (“*root definition*” na nomenclatura original de Checkland, 1981a) deste sistema, a fim de esclarecer quem são os componentes do sistema relevante, qual a transformação que opera, o que o inspira, e o que constitui o seu ambiente. A definição essencial consiste na descrição verbal da essência dos processos envolvidos no sistema relevante, deixando claro qual o processo de transformação (T) pretendido. Para formular a definição essencial do sistema relevante, será utilizado o recurso desenvolvido por Checkland (1981a), sintetizado no mnemônico CATWOE, cujos elementos deverão estar presentes (ou podem ser reconhecidos), no Sistema Relevante:

C (*clientes*): as vítimas ou beneficiários de T;

A (*atores*): os responsáveis pela realização de T;

T (*processo de transformação*): a transformação da “entrada” em “saída”; o que o sistema relevante faz;

W (*visão de mundo*): a visão de mundo que faz de T significativo no contexto;

O (*proprietários*): aqueles que podem interferir em T; e

E (*limitações ambientais*): limitações do ambiente do sistema que influenciam T.

Outras ferramentas foram utilizadas em aplicações mais recentes, como por exemplo, a expressão: “*Do P by Q in order to contribute to achieving R*”¹⁸, cujo objetivo é responder a

¹⁸ “Realizar ‘P’ através de ‘Q’ para alcançar ‘R’”.

três perguntas: “*What to do?* (P); *How to do it?* (Q) e *Why do it?* (R)”¹⁹ (CHECKLAND & SCHOLES, 1990, p.A23). As três letras “P, Q e R” não possuem qualquer significado especial, e só foram alteradas da versão original “X, Y e Z” (Checkland, 1981a), pois se buscava evitar confusão da letra “Y” com a pergunta “*Why*” (Porque fazer?).

3.2.2.4 Estágio 4 – Elaboração de modelos conceituais

O estágio 4 compreende a elaboração de um modelo conceitual constituído pelas atividades necessárias (conjunto de ações descritas numa seqüência lógica) para se alcançar a transformação apontada pela definição essencial. Este é o momento de maior criatividade da metodologia, pois não se trata de modelos de “alguma coisa” (CHECKLAND & SCHOLES, 1990, p. A21) já existente ou não para serem implantados no mundo-real (CHECKLAND & POULTER, 2006), mas sim um exercício para identificar alternativas e possibilidades inovadoras para enriquecer o modelo conceitual, enriquecendo também o debate sobre a situação percebida como problema, ou seja, sobre o que é sistemicamente desejável e o que é culturalmente viável para o processo de melhoria da situação-problema, e que será objeto do estágio 6. Perceba-se que a elaboração do modelo conceitual ainda compreende uma etapa que se dá no âmbito do pensamento sistêmico (vide Figura 9, p. 67). É neste estágio que o técnico, o observador ou quem estiver engajado com a situação-problema e que está elaborando o modelo conceitual, deverá empregar todos os recursos do pensamento sistêmico que dispuser, o que pode incluir, inclusive a adoção de modelos formais.

A fim de auxiliar na definição das ações que irão compor este modelo conceitual, tendo como objetivo descrever a transformação indicada na definição essencial do sistema

¹⁹ “O que fazer? (P); Como fazer? (Q) e Porque fazer? (R)”.

relevante escolhido, Checkland & Poulter (2006) sugerem a observância dos seguintes passos: (a) usar verbos no imperativo, escrevendo as atividades necessárias para chegar à transformação proposta; (b) selecionar as atividades que podem ser realizadas sem depender de outras; (c) escrevê-las numa linha, descrevendo abaixo delas as atividades dependentes, e assim sucessivamente até que todas as atividades estejam listadas, indicando as dependências (através de setas); e por último (d) redesenhar as atividades evitando sobreposição de setas, adicionando ações de monitoramento e controle.

Com o intuito de possibilitar uma avaliação de desempenho no processo de transformação descrito pelo modelo conceitual, ou seja, se a transformação implícita no modelo conceitual é alcançada ou não, Checkland & Scholes (1990) propõem a inclusão dos “3 Es”: eficácia, eficiência e efetividade no modelo. Segundo os autores, a análise lógica da noção de transformação demonstra que qualquer conversão de “entrada” em “saída” poderia ser julgada com êxito ou não. Neste sentido, a primeira dimensão (eficácia) checa se as condições/meios escolhidos irão realmente produzir a saída; a segunda dimensão (eficiência) avalia se o processo de transformação está sendo conduzido com o uso mínimo de recursos; e a terceira dimensão (efetividade) considera o alcance ou não do objetivo no longo prazo.

3.2.2.5 Estágio 5 – Comparação entre situação-problema (2) e modelo conceitual (4)

O estágio 5 compreende a comparação da situação-problema percebida e estruturada no estágio 2 da metodologia com o modelo conceitual do sistema relevante elaborado no estágio 4. Segundo Checkland (1981a), este processo de comparação pode ser realizado de 4 formas: uma discussão informal com os envolvidos; a aplicação de um questionário formal;

uma descrição de um cenário baseado no operar deste modelo; e a tentativa de modelar o mundo-real com a mesma estrutura do modelo conceitual.

O questionário formal tem sido a escolha mais freqüente pelos praticantes da metodologia para comparar o modelo conceitual elaborado com a situação observada no mundo-real. Considerando que os modelos conceituais são usados como fonte de perguntas para questionamentos sobre o mundo-real, ao responder estas perguntas o debate é iniciado, e poderá ser conduzido da forma mais conveniente para a abordagem sobre os assuntos relevantes à situação-problema (CHEKLAND & SCHOLLES, 1990).

O questionário poderá ser montado descrevendo as atividades presentes no modelo conceitual, questionando a existência ou não destas no mundo-real, de que forma elas são realizadas, qual a importância das mesmas para o processo de transformação e, se possível, deixando espaço para idéias e sugestões que poderão ser adotadas tanto nas atividades quanto na forma como são realizadas.

3.2.2.6 Estágio 6 – Identificando mudanças sistemicamente desejáveis e culturalmente viáveis

Este estágio compreende uma espécie de seleção das sugestões geradas após o debate desenvolvido no estágio anterior, quando a situação-problema foi comparada ao modelo conceitual. Estas sugestões representam possíveis mudanças para a melhoria da situação-problema expressada. Para Checkland & Scholes (1990), se o praticante entender os conceitos de “sistemicamente desejável” e “culturalmente viável” terá entendido o processo da *SSM*.

Os modelos conceituais de sistemas relevantes construídos na *SSM* são selecionados esperando que sejam relevantes para a melhoria da situação-problema. Seu objetivo não é representar um modelo da situação, e é por este motivo que qualquer mudança proposta pelo

debate ao comparar o modelo conceitual com o mundo-real deva ser desejável, e não uma imposição. A discussão gerada pelo processo de comparação do estágio anterior (estágio 5) deverá ocorrer entre as pessoas da situação-problema, que se importam com esta situação, e que desejam agir sobre a mesma (CHECKLAND, 1981a).

As mudanças sistemicamente desejáveis apresentam-se como o resultado do conhecimento adquirido através dos estágios de definição essencial do sistema relevante e da construção do modelo conceitual (estágios 3 e 4). Para Checkland (1981a) são sistemicamente desejáveis quando consideradas por sua relevância e possibilidade de indicar melhorias à situação-problema através das inter-relações entre as diferentes atividades estabelecidas no sistema relevante.

Quanto às mudanças culturalmente viáveis é importante destacar que o propósito da comparação e do debate não é encontrar o consenso entre as pessoas, como muitos defendem (CHECKLAND & POULTER, 2006). A aplicação da metodologia procura permitir uma acomodação entre um grupo de pessoas com uma preocupação comum. Ao buscar encontrar esta acomodação dentre as diferentes visões de mundo de cada um dos indivíduos, este grupo de pessoas precisará encontrar uma ‘situação’ com a qual todos poderão viver. Identificar estas mudanças culturalmente viáveis no debate significa afirmar que estas mudanças são percebidas como significativas para a cultura dos indivíduos onde a situação-problema é observada, dentro das visões de mundo de cada um dos indivíduos envolvidos no processo (LUCKETT, NGUBANE & MEMELA, 2001).

3.2.2.7 Estágio 7 – Ações para melhoria da situação-problema

Após uma avaliação das ações a serem realizadas para a melhoria da situação-problema inicial, o estágio 7 compreende a implementação efetiva das ações sistemicamente desejáveis e culturalmente viáveis, resultante da acomodação de interesses promovida pelo debate realizado no estágio anterior. Para Cota Júnior, Freitas & Cheng (2007), é neste estágio que ocorrerão as ações/intervenções capazes de atingir os resultados positivos para a situação-problema como um todo.

A implementação destas ações promoverá a transformação da situação-problema de forma que esta constitua uma nova situação, e poderá, se assim for decidido, dar início a uma nova prática, num processo “sem-fim”, caracterizando o ciclo (processo) de aprendizagem que a adoção da metodologia *SSM* permite (CHECKLAND & POULTER, 2006).

3.3 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM SISTÊMICA

Aprender constitui ampliação de conhecimentos, desenvolvimento de competências e mudança de comportamento (MARIOTTI, 1999). O modo como se dá o conhecimento é um dos assuntos que há séculos instiga a curiosidade humana. Para entender este processo, é preciso, antes de tudo, entender a importância de nosso sistema atual de pensamento. Num intervalo de 14 séculos, entre Ptolomeu e Copérnico, a humanidade assistiu a uma mudança decisiva na sua história: fomos apresentados ao modelo heliocêntrico de movimento planetário. Esta descoberta no século XVI determinou o início da revolução científica, e retirou o homem da condição de observador pretensamente situado no centro do Universo e o colocou como um participante, em situação de relatividade com o todo (MARIOTTI, 1999).

Desde o Renascimento, o conhecimento tem sido visto como a representação fiel de uma realidade independente do observador, como se houvesse fatos e objetos “lá fora”, e que alguém os capta e os introduz na cabeça (MATURANA & VARELA, 2001). Esta forma de conhecer caracteriza o que Esteves de Vasconcellos (2002) chama de paradigma da ciência tradicional, constituído por três pressupostos epistemológicos fundamentais: crença na simplicidade, isto é, a crença de que analisando e separando em partes o objeto complexo encontrar-se-á o elemento simples, mais facilmente compreensível do que o todo; a crença na estabilidade, ou seja, que se trata de um mundo estável, “que já é como é” (p. 66) e que podemos prever e controlar os fenômenos determinados e reversíveis que constituem este mundo; e a crença na possibilidade da objetividade, isto é, a crença de que é possível e indispensável sermos objetivos na constituição do conhecimento verdadeiro do mundo, da realidade, por não fazermos parte da descrição dos objetos que nos interessam.

Estes pressupostos têm sido utilizados para lidar com as questões das *hard sciences* (ciências naturais), no entanto não têm sido satisfatórios para lidar com as questões das *soft*

sciences (ciências humanas). As características de complexidade, instabilidade e subjetividade das ciências humanas têm demandando uma forma mais adequada para lidar com estas situações (ESTEVES DE VASCONCELLOS, 2002), colocando-nos diante de uma outra transformação decisiva: a *complementação* (grifo meu) do modelo clássico de pensamento pelo modelo sistêmico, resultando no pensamento complexo (MARIOTTI, 1999). Para Esteves de Vasconcellos (2002), ainda que a ciência esteja revendo muito de seus conceitos, não chega, todavia, a estes novos pressupostos pelo abandono do procedimento científico, mas pela descoberta das limitações intrínsecas aos conceitos e métodos que até então utilizava.

A afirmação de Maturana & Varela (2001, p. 31) de que a “experiência de qualquer coisa ‘lá fora’ é validada de uma maneira particular pela estrutura humana, que torna possível ‘a coisa’ que surge na descrição” indica que cada ser vivo possui uma estrutura que determina seu domínio cognitivo. Estes autores defendem uma circularidade, um encadeamento entre ação e experiência, resumido nos aforismos-chave de seu livro *A árvore do conhecimento*, como ‘todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer’ e ‘tudo o que é dito é dito por alguém’.

Buscando descrever as características de um paradigma emergente da ciência contemporânea, Esteves de Vasconcellos (2002), propõe outras três dimensões epistemológicas: complexidade, instabilidade e subjetividade, sendo elas resultantes das limitações da ciência tradicional em lidar com alguns fenômenos. O pressuposto da complexidade reconhece que a simplificação obscurece as inter-relações entre os fenômenos do universo, assim como reconhece a causalidade recursiva; o pressuposto da instabilidade reconhece que o mundo está em processo de “tornar-se”, caracterizado pela imprevisibilidade de alguns fenômenos, e de sua irreversibilidade e incontrolabilidade; e o pressuposto da subjetividade reconhece a inexistência de uma realidade independente do observador,

descrevendo o conhecimento científico do mundo como uma construção social, por diferentes sujeitos/observadores.

Assim como afirmou Morin (1999) que ‘sistema é uma palavra-raiz para complexidade’, Esteves de Vasconcellos chama este paradigma emergente da ciência contemporânea, de pensamento sistêmico, porque para a autora “pensar sistemicamente é pensar a complexidade, a instabilidade e a subjetividade” (p. 147). Segundo Schlindwein (2005), a complexidade está na origem do pensamento sistêmico, e com ele pretende-se superar as limitações de um ‘pensamento disjuntor’, insuficiente para compreender fenômenos envolvendo totalidades.

O enfoque na abordagem de sistemas resultou do fato do esquema mecanicista das ‘séries causais isoláveis e do tratamento por partes’ ter se mostrado insuficiente para atender aos problemas teóricos, especialmente nas ciências bio-sociais, e aos problemas práticos propostos pela moderna tecnologia (BERTALANFFY, 1975). Apesar da Teoria de Sistemas de von Bertalanffy ter marcado o início do século XX, segundo Ackoff (*apud* Bertalanffy, 1975, p.25),

(...) evidentemente os sistemas já foram estudados há séculos, mas algo novo foi agora acrescentado (...) a tendência a estudar os sistemas como uma entidade e não como um conglomerado de partes está de acordo com a tendência contemporânea que não isola mais os fenômenos em contextos estreitamente confinados, mas abre-se ao exame das interações e investiga setores da natureza cada vez maiores.

A fim de que a complexidade e as demais características do ‘mundo-real’ não sejam compreendidas como limitações para o nosso entendimento (parcial e fragmentado) da realidade, é preciso aprender a lidar com estas situações (SCHLINDWEIN, 2005). Sob estas circunstâncias, mesmo sendo essencial que o observador compreenda que a complexidade da situação é causada pelas diversas inter-relações presentes nela, em alguns casos não é possível determinar com clareza o problema, nem mesmo identificar quais destas inter-relações são realmente significativas ou não para a situação observada (THE OPEN UNIVERSITY, 2002).

Segundo The Open University (2002), o objetivo de observar uma situação como um sistema está na possibilidade de gerar uma nova representação desta situação, afim de que se torne mais fácil pensar sobre ela de uma maneira diferente (um novo conjunto de idéias para a situação). Esta possibilidade está no que O'Connor & McDermott (1997) chamam da essência do sistema: processo de *feedback*. Para estes autores pensar sistemicamente é pensar em círculos e não em linhas retas. Dada a conexão direta ou indireta existente entre as partes do sistema, qualquer alteração em uma destas provocará uma onda de efeitos nas demais, e estas mudarão e provocarão um novo efeito na primeira, que responderá pela nova influência. A experiência do *feedback* está no retorno (retro-alimentação) das conseqüências das ações, influenciando o próximo passo. É importante destacar que o processo de *feedback* deverá provocar **mudanças** que irão influenciar nos próximos eventos do sistema. Por isso *feedback* é caracterizado como um círculo, e pensar em termos de *feedback* é pensar em ciclos (O'CONNOR & MCDERMOTT, 1997).

Peter Senge, quando escreveu seu livro A Quinta Disciplina (SENGE, 1994), buscou apresentar o pensamento sistêmico não como uma poderosa ferramenta para solução de problemas, mas como uma linguagem, aumentando e alterando os modos como pensamos e falamos a cerca dos temas complexos. As ferramentas disponíveis para esta forma de pensar permitem falar mais facilmente acerca das inter-relações, porque elas baseiam-se no conceito teórico de processos de retro-alimentação. A estrutura de canais pelos quais elementos de um sistema alimentam com informações e influenciam uns aos outros ao longo do tempo, pode produzir crescimento ou declínio (*feedback* de reforço), ou caminhar naturalmente para um estado de balanço ou equilíbrio (*feedback* de equilíbrio) (SENGE et. al, 2000).

O processo cíclico da retro-alimentação conduz à mudança, e ao aprendizado. Senge et. al. (2000) apresentam sua ferramenta preferida que consiste na passagem da ação para a

reflexão, de atividade para o repouso, isto é, ‘a roda de aprendizado’²⁰, conforme está representado na Figura 10.

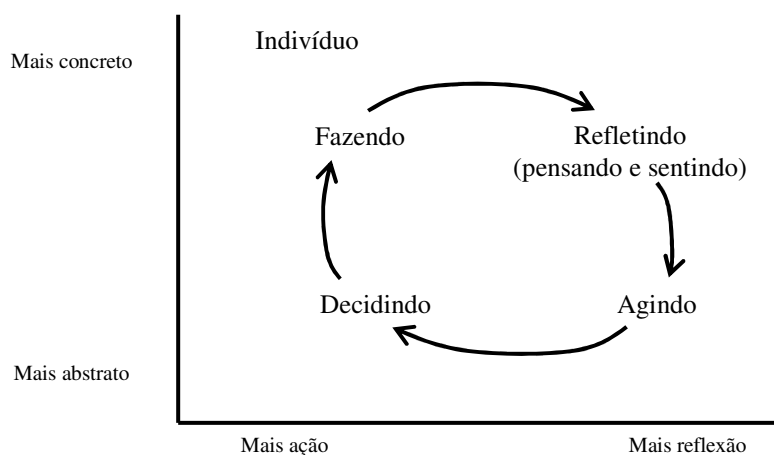


Figura 10 – A roda de aprendizado de Peter Senge et. al. (2000).

Sendo o pensamento sistêmico e a prática sistêmica competências-chave neste processo de aprendizagem (pensar e agir sistemicamente sobre o mundo onde se está imerso), algumas técnicas, caracterizadas pelas abordagens sistêmicas, são aplicadas em processos de tomada de decisão, em situações caracterizadas por conflitos de interesse, incertezas e múltiplas perspectivas, com o objetivo de melhorá-las (SCHLINDWEIN, 2005).

Em recente trabalho sobre aprendizagem sistêmica, Cunha (2007) realiza um breve histórico em que discute a mudança de paradigma das teorias da aprendizagem de abordagem behaviorista, para uma visão mais complexa da aprendizagem, apresentada por Piaget em sua teoria chamada Epistemologia Genética. Esta teoria é baseada nas teorias cognitivas, que por sua vez são teorias que “procuram investigar como os organismos conhecem seu ambiente, e

²⁰ A fonte primária sobre a roda de aprendizado de Senge et.al (2000) é o *Experiential Learning: Experience as the Source of Learning and Development* publicado por David Kolb em 1984. Kolb sintetizou e expandiu o trabalho do filósofo educacional John Dewey, do pioneiro da psicologia organizacional Kurt Lewin, e do filósofo do aprendizado Jean Piaget.

o foco de investigação está justamente no processamento interno ao sujeito aprendente.” (CUNHA, 2007, p. 20).

No que se refere à valorização da experiência em processos de aprendizagem, Cunha (2007) destaca também as pesquisas e idéias de Chis Argyris que, na mesma linha de Kolb, trabalhou para o desenvolvimento da aprendizagem organizacional, fazendo ao mesmo tempo progredir o entendimento da aprendizagem experiencial. Neste sentido a autora destaca as ‘teorias de ação’ de Chris Argyris e Donald Schön, e apresenta conceitos importantes quanto aos modelos de processo de aprendizagem, e as maneiras como os indivíduos, grupos ou organizações corrigirem seus erros, conforme ilustrados na Figura 11:

- Processo chamado “*single loop learning*” (aprendizagem de uma volta) no qual a correção do erro (e o aprendizado) ocorre através da modificação do comportamento; e
- Processo denominado “*double loop learning*” (aprendizagem de duas voltas) no qual a correção do erro (e o aprendizado) ocorre através da modificação do modelo mental - o qual determina o comportamento.

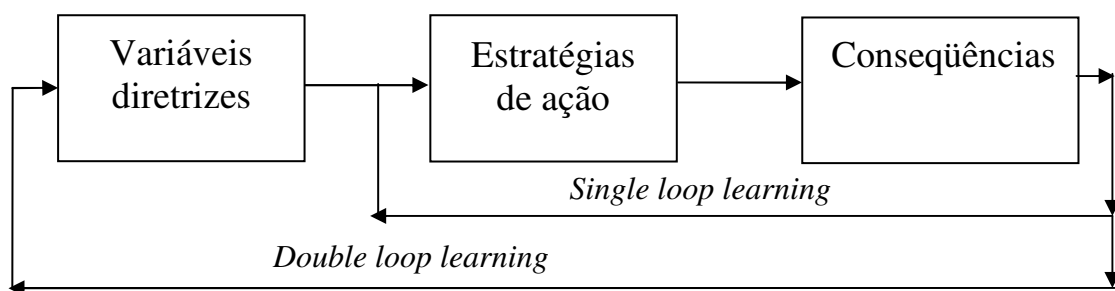


Figura 11 - Modelos de processos de aprendizagem segundo Argyris e Schön (apud Cunha, 2007, p. 24)

O processo de aprendizagem, a exemplo da roda de aprendizado de Senge e dos conceitos de Argyris e Donald Schön (*single loop learning* e *double loop learning*), pode ser também representado através do diagrama cíclico a seguir (Figura 12). Trata-se de um ciclo

“sem-fim”, que em cada nova passagem há uma alimentação para tornar melhor a capacidade de pensar sistemicamente, e a ação prática, mais efetiva.

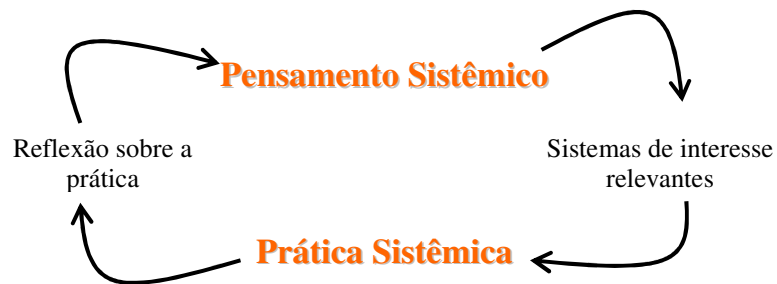


Figura 12 – Processo cíclico de aprendizagem entre Pensamento Sistêmico e Prática Sistêmica (SCHLINDWEIN, 2005).

Portanto, pode-se perceber uma conexão muito explícita entre as teorias e estudos abordados sobre a aprendizagem, e sua relevância a partir da aplicação da *SSM* no processo de melhoria da situação-problema de Praia Grande, já que segundo Cunha (2007, p. 28):

A maior parte dos problemas relacionados a questões ambientais e, mais especificamente, à gestão de recursos naturais origina-se do fato de haver muitos interessados na questão, muitos interesses diferentes, e alta interconectividade entre todos os envolvidos, o que gera muitas vezes situações de incerteza e conflitos. Esta natureza complexa que caracteriza as questões sobre recursos naturais tem realmente levado teóricos, políticos e gestores de recursos a adotarem, preferencialmente, a abordagem sistêmica em suas investigações.

CAPÍTULO 4

“(...) uma política de turismo que respeite o ser humano e o meio ambiente deve buscar o seguinte objetivo supremo: assegurar a satisfação a nível ótimo das múltiplas necessidades turísticas dos indivíduos de todas as camadas sociais, no âmbito das instalações adequadas e num ambiente intacto, levando em consideração os interesses da população autóctone.”

Jost Krippendorf em Sociologia do Turismo (1989, p. 175)

4 APLICAÇÃO DA SSM NA SITUAÇÃO-PROBLEMA EM PRAIA GRANDE

Por tratar-se da reflexão e debate sobre um fenômeno social (turismo), cuja principal característica é a não homogeneidade de acontecimentos ao longo do tempo (KEYNES *apud* CHEKLAND & HOLWELL, 1998), e com isso a impossibilidade da prática da replicabilidade (método de validação científica convencional), esta pesquisa está amparada em princípios de uma pesquisa-ação.

A pesquisa-ação descreve um ciclo de aprendizagem envolvendo observação, reflexão (teorização) e ação. Quando este ciclo de aprendizagem compreende mais do que um aprendizado individual para o pesquisador, como quando envolve todos os indivíduos da situação-problema, aqueles que apresentam um comprometimento em melhorá-la, passa a ser denominado de pesquisa-ação participativa (LUCKETT, NGUBANE & MEMELA, 2001). O uso de metodologias participativas e de pesquisa-ação neste contexto reflete um método flexível para um projeto que envolva grupos interdisciplinares e contato direto com a comunidade que será afetada pelas melhorias aos problemas detectados (THIOLLENT & OLIVEIRA DA SILVA, 2007).

Neste contexto, provavelmente os observadores engajados na pesquisa-ação, agindo de forma a reconhecer que a realidade social está continuamente sendo criada e recriada no processo social, concordariam com a idéia de Argyris *et al. apud* Checkland & Holwell

(1998) que os elementos fundamentais de uma abordagem de pesquisa que contempla como objeto a situação social são:

- um processo colaborativo entre pesquisadores e as pessoas envolvidas na situação;
- um processo crítico de investigação;
- foco na prática social, e
- um processo de discussão sobre a aprendizagem refletida.

Segundo Checkland & Holwell (1998), o mais importante princípio da pesquisa-ação é a sua susceptibilidade para mudança, durante a realização da pesquisa, de sua *estrutura de idéias* ('F - framework'), *metodologia* ('M - methodology') e *área de observação* ('A - area of concern'). Essa mudança, e por conseqüência o aprendizado que ela proporciona, ocorre a partir do fato de que o observador passa a se envolver no fluxo das situações sociais do mundo-real, preocupado não com a idéia de lidar com hipóteses – e a replicabilidade - mas com as lições (reflexão/aprendizado) que encontrará durante o processo, conforme representado nas Figuras 13 e 14.

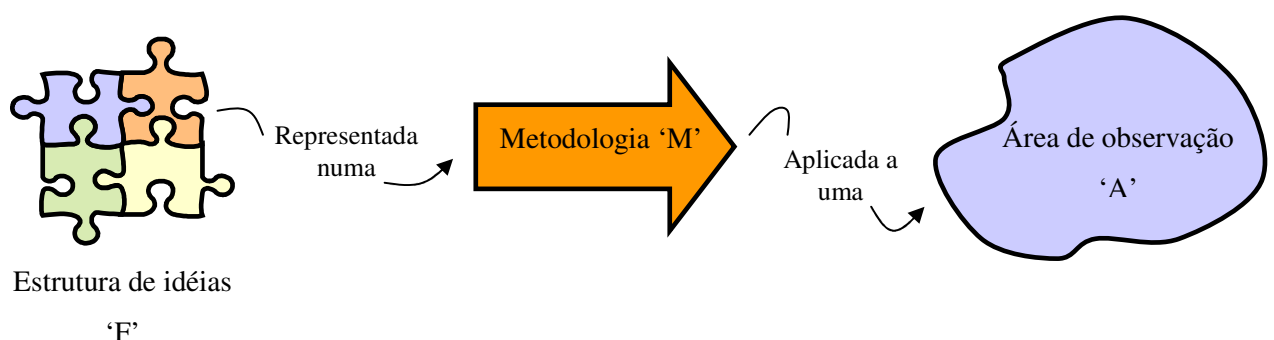


Figura 13 - Elementos relevantes de qualquer pesquisa (Checkland & Holwell, 1998)

Para Checkland & Holwell (1998), a validade da pesquisa-ação perante as demais formas de investigação está na característica de seu processo de pesquisa ser recuperável por

qualquer pessoa interessada na situação-problema. Diferentemente da replicabilidade para as ciências naturais, a possibilidade de recuperação do processo de pesquisa, desde que claramente definidos o conjunto de idéias e o processo envolvidos na metodologia, garante à pesquisa-ação organizada uma alegação verdadeira muito mais consistente do que a mera plausibilidade comum às pesquisas qualitativas aplicadas às ciências sociais.

Visto que a pesquisa que trata esta dissertação irá contemplar apenas os estágios 1-6 da *SSM*, não agindo efetivamente (promovendo mudanças) sobre o fenômeno observado, pode-se dizer que este trabalho caracteriza-se por uma pesquisa-ação de certo modo incompleta. Os próximos itens irão descrever a aplicação da *SSM* na situação-problema observada no “mundo-real” do município de Praia Grande, a fim de refletir sobre o desenvolvimento da atividade turística, conforme descrito anteriormente. Para isso serão seguidas criteriosamente as etapas do Modo 1 da *SSM*, com exceção do estágio 7, por não contemplar o objetivo desta dissertação.

Ao iniciar a aplicação da metodologia, decidiu-se por usar a *SSM* de maneira informal, isto é, sem o emprego da linguagem característica da metodologia, ou mesmo sem que os envolvidos com a sua utilização tivessem consciência dela. Assim como defendido por Cota Júnior, Freitas & Cheng (2007), a razão desta decisão é a necessidade de empregar a linguagem usual com a qual alguns atores estão acostumados, facilitando a participação e colaboração dos envolvidos na situação-problema.

A aplicação da *SSM* foi realizada em conjunto entre a autora desta dissertação e atores presentes na situação-problema observada. Os resultados dos estágios 1, 3, 4 e 6 da aplicação decorrem de reflexões da autora desta dissertação sobre a situação-problema de Praia Grande; já para os estágios 2 e 5 a autora contou com a participação de um grupo de seis pessoas envolvidas diretamente com a atividade turística no município de Praia Grande.

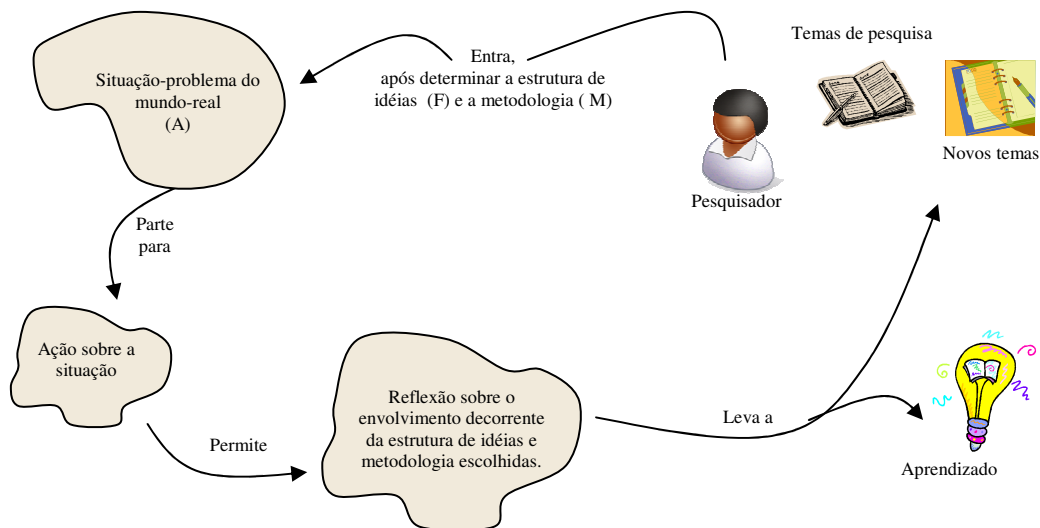


Figura 14 - O ciclo da pesquisa-ação em situações humanas (Checkland & Holwell, 1998)

4.1 A SITUAÇÃO-PROBLEMA DE PRAIA GRANDE (SC) NÃO EXPRESSADA (ESTÁGIO 1 DA SSM)

De certa maneira, esta etapa da aplicação da metodologia teve início em 2003, quando foi realizada a primeira viagem turística ao município de Praia Grande. Na ocasião foram realizadas algumas visitas a atrativos turísticos mais divulgados e utilizou-se dos serviços e produtos turísticos existentes no município. A potencialidade do lugar chamou a atenção não só como destino turístico, mas como um caso interessante a ser observado e estudado quanto ao desenvolvimento da atividade turística. Assim, direcionou-se o foco das viagens seguintes para a realização de uma pesquisa sobre a infra-estrutura ecoturística existente naquele momento no município, indicando oportunidades e possibilidades para a atividade, como conclusão do curso de Administração com Habilitação em Turismo e Hotelaria (NUNES, 2004). A pesquisa indicou a carência de outros estudos mais detalhados sobre o turismo, principalmente uma maneira mais adequada de refletir sobre o planejamento, que naquele contexto era necessário, e urgente.

Além disso, foi possível conhecer com mais detalhes não somente as questões envolvidas à atividade turística, mas o perfil do município, baseado no setor primário da economia (agricultura e pecuária), conforme já foi descrito no Capítulo 3. Com a inclusão desta variável, um novo campo de discussão surgiu representado pela sociologia rural e todas as modificações que vinham ocorrendo naquele espaço rural, com relação à pluriatividade das famílias agrícolas e da multifuncionalidade do meio rural e da agricultura. Estas eram características fundamentais para o contexto da região, e que não haviam sido abordadas no estudo de Nunes (2004).

Frente às informações já obtidas no estudo anterior, reconhecendo as mudanças ocorridas no espaço rural, e como estas influenciaram as relações no município como um todo (a crise no setor agrícola, por exemplo), para a aplicação da *SSM* buscou-se descrever algumas características adicionais do município, como se verá a seguir. Destacam-se as inter-relações existentes entre os parques nacionais, a produção agrícola convencional, e a intenção da prática do agroecoturismo na região, e com isso todos os conflitos de interesses (produção agrícola X conservacionismo) que emergem no âmbito destas inter-relações.

No que se refere à infra-estrutura turística do município, verifica-se grandes dificuldades na maioria das vias de acesso aos atrativos turísticos, que permanecem inacessíveis durante uma parte do ano em decorrências de fortes chuvas, como se pode verificar na Figura 15. Em março de 2007, após fortes chuvas e enchentes no município, a Serra do Faxinal permaneceu fechada por seis semanas, impedindo qualquer deslocamento até o parque. Esta rodovia (também é a Estrada Parque que divide as duas unidades de conservação) liga o município de Praia Grande até a sede do Centro de Visitantes do Parque Nacional de Aparados da Serra, onde está a Trilha do Cotovelo – Itaimbezinho – que é a trilha mais procurada pelos turistas que visitam a região.



Figura 15 – Via de acesso aos atrativos e à comunidade da Pedra Branca – Praia Grande.

Fonte: Giane K. B. Nunes, 2007.

A sinalização turística é fundamental para o deslocamento dos turistas, principalmente para a divulgação das opções de serviços e produtos para o consumo. Quanto a estes equipamentos turísticos, o município apresenta escassez na quantidade de placas para sinalização turística indicativa dos atrativos naturais e culturais, e na grande maioria das placas existentes, percebem-se sinais de má conservação.

Na falta de informações turísticas adequadas, o turista utiliza a cidade apenas como passagem, sem nela deixar qualquer divisa. Uma das maiores urgências para apoio à atividade turística no município está em construção. Trata-se do Portal Turístico, iniciado no segundo semestre de 2007 e que deve ficar pronto até o final do primeiro semestre de 2008 (Figura 16). Inclusive as placas indicativas das unidades de conservação estão em péssimo estado de conservação, como pode ser verificado na Figura 17. Durante todo o trajeto de Praia Grande até o cânion mais distante, Fortaleza, são raras as placas informativas sobre as unidades de conservação.

Quanto às formas de uso da terra, inúmeros são os conflitos resultantes da incompatibilidade entre a prática agrícola convencional e a existência dos parques nacionais. A situação fundiária não está totalmente regularizada, restando aproximadamente 30% da área do Parque Nacional de Aparados da Serra e 70% do Parque Nacional da Serra Geral a ser indenizada. Esta situação irregular quanto ao domínio da terra tem possibilitado a prática de

atividades conflitantes aos objetivos de preservação e conservação das áreas naturais, conforme previsto no Plano de Manejo das duas unidades de conservação, publicado em 2003. Entre elas, estão a utilização indiscriminada de agrotóxicos nas lavouras agrícolas (Figura 18 à esquerda), além do despejo destes materiais diretamente nos córregos e rios da região, a retirada da mata ciliar e desvios dos leitos destes córregos para irrigação das lavouras de arroz (Figura 18 à direita), que resultam em impactos diretos sobre os poucos remanescentes de água existentes, gerando desde a fragmentação dos ambientes florestais até o ressecamento dos solos paludosos como resultado da drenagem artificial (IBAMA, 2003).



Figura 16 – Construção do Portal Turístico de Praia Grande.

Fonte: Giane K. B. Nunes, 2008.



Figura 17 – Placa de acesso ao Parque Nacional da Serra Geral – Cânion Fortaleza.

Fonte: Giane K. B. Nunes, 2004.



Figura 18 – Aplicação de agrotóxicos (à esquerda) e preparação do solo para cultivo de arroz (à direita).

Fonte: Giane K. B. Nunes, 2007.

Nas áreas internas dos parques, território já regularizado pelo IBAMA, há ainda outras dificuldades que vêm sendo enfrentadas, como o controle e a eliminação de espécies exóticas e a remoção do reflorestamento de áreas próximas ao limite do parque (zona de amortecimento) feito com espécies inadequadas. Quanto à visitação, apesar de amplamente divulgado, muitos turistas continuam violando regras sobre acampamentos (Figura 19) na área interna do parque, além da realização de trilhas em locais proibidos e sem fiscalização, oferecendo grande risco aos visitantes.

Da mesma forma, são importantes para conhecimento da situação os conflitos decorrentes da própria atividade turística da região, como a especulação imobiliária, e o elevado preço da terra; a expansão não planejada da oferta de produtos e serviços turísticos, gerados com baixa qualidade; enfraquecimento das relações entre instituições municipais, como APCE, ACEVAM, proprietários dos meios de hospedagem, e outros estabelecimentos pela ausência de uma entidade que unifique as forças para o desenvolvimento local; e a disputa entre os municípios de Praia Grande e Cambará do Sul pelos turistas e pelas divisas

por estes deixadas, ao invés do trabalho conjunto na adequação da infra-estrutura turística para receber o turista que visita tanto a parte interna dos cânions quanto o alto da serra.



Figura 19 – Acampamento em área proibida: Trilha da Serra Geral/Cânion Malacara.

Fonte Giane K. B. Nunes, 2005.

Além dos problemas já apontados, são inúmeros os obstáculos enfrentados para o desenvolvimento da atividade turística em Praia Grande: a inexistência de uma linha rodoviária saindo da capital catarinense para o município é um dos fatores que dificulta o deslocamento de visitantes de Florianópolis (grande pólo turístico receptor de visitantes do Estado) para o município; a sazonalidade da demanda turística no município, concentrando os visitantes nos meses de janeiro, fevereiro, junho e julho; a falta de apoio das organizações públicas envolvidas com o turismo na divulgação deste atrativo turístico no Estado, no país e no mundo; entre outros.

Apesar do potencial turístico natural presente no município, localizado entre o litoral e a serra, e a existência de dois parques nacionais, a cidade presencia o desenvolvimento de uma atividade não planejada, resultado de uma propaganda “boca-a-boca” realizada por aqueles que já visitaram o local e que o divulgam para amigos e familiares.

Com as dificuldades para o desenvolvimento do turismo na região, é fácil encontrar comerciantes, proprietários de meios de hospedagem, e outros investidores/atores envolvidos com a atividade, perdendo suas esperanças quanto ao retorno de seus investimentos. Observa-se muitas vezes um sentimento de frustração e descrédito por parte daqueles que investiram o pouco recurso que possuíam na intenção de explorar a dita promissora atividade turística.

Para a comunidade em geral, que assiste ao desenvolvimento desta atividade há quase 10 anos, o turismo ainda não foi capaz de atingir os resultados que pretendia quando apresentado como atividade econômica alternativa às dificuldades enfrentadas no campo. Parte da comunidade Praiagrandense, aquela que não crê na potencialidade do turismo como fator de desenvolvimento da comunidade, passa a desprezar a atividade, assim também como o visitante.

De maneira geral, a percepção que se tem sobre o histórico da administração pública do município nestes últimos seis anos é de que a atividade turística não constitui uma prioridade para o desenvolvimento da cidade, e assim disputa espaço, na agenda e nos escassos recursos destinados a Praia Grande, com demais obras e investimentos.

4.2 EXPRESSANDO A SITUAÇÃO-PROBLEMA – DESENHO RICO (ESTÁGIO 2 DA SSM)

Para Bellini, Rech & Borenstein (2004) o uso de gráficos encoraja a formação de idéias e facilita a observação de relações e conflitos, ainda que não haja desenhos ricos ou convenções gráficas típicas ou ideais.

No desenho rico elaborado sobre a situação-problema observada no município de Praia Grande (Figura 20), buscou-se destacar os elementos abordados na contextualização realizada no estágio anterior. Dentre eles, os principais referem-se ao conflito de interesses entre o

desenvolvimento econômico do município através da agricultura convencional, a existência das unidades de conservação e o seu papel na preservação dos recursos naturais, bem como a pluriatividade e a multifuncionalidade agrícola no espaço rural presenciada nos últimos anos, e que tem na atividade turística o elemento principal.

Com o objetivo de resumir o cenário apresentado na descrição realizada no Estágio 1 e as situações apresentadas no desenho rico estruturado no Estágio 2 da metodologia *SSM*, seguem abaixo alguns segmentos da situação-problema observada no município de Praia Grande, e que servirão como base para as análises 1, 2 e 3 (intervenção propriamente dita, análise sócio-cultural e análise política) da *Soft Systems Methodology*:

- Eu gostaria de apresentar ao município de Praia Grande oportunidades e possibilidades para o desenvolvimento do agroecoturismo;
- Ausência de informações turísticas (sinalização turística) aos visitantes que chegam ao município de Praia Grande;
- Necessidade de maior suporte às propriedades agrícolas familiares para investimento nos serviços de atendimento ao turista (recursos alternativos);
- Ausência da efetiva integração entre unidades de conservação e comunidades do entorno para oferta de infra-estrutura e atendimento ao visitante;
- Divulgação insuficiente da região para o Estado de SC e do Brasil, comprometendo a entrada de divisas nas comunidades do entorno;
- Uma pequena parte da comunidade ainda acredita nos resultados da atividade turística, envolvendo-se com o planejamento da atividade. Observa-se a necessidade de engajar toda a comunidade para perceber o turismo como uma atividade importante para o desenvolvimento sócio-econômico do município;



Figura 20 - Desenho rico (rich picture) sobre a situação-problema em Praia Grande.

- Diversas propriedades agrícolas familiares, que realizam atividades não-agrícolas, como os serviços ao turista, estão isoladas dos atrativos turísticos. A ausência de um roteiro/fluxo turístico dificulta o planejamento turístico integrado da região, comprometendo a permanência destas famílias no campo;

A fim de ilustrar as análises 1, 2 e 3 mencionadas, o Quadro 2 a seguir busca assim facilitar o entendimento sobre a situação observada em Praia Grande, relacionando os exemplos de segmentos da situação com as questões culturais e políticas envolvidas, através da participação de atores do município nos diferentes segmentos da situação-problema. Segundo Georgiou (2008), a *SSM* permite aos observadores focarem sobre certos aspectos da situação-problema, como os atores envolvidos, suas relações de poder, assim como as dinâmicas sócio-culturais percebidas. Ao permitir estas análises, a metodologia proporciona a geração e estruturação de um significativo número de informações.

Quadro 2 – Resultado das análises 1, 2 e 3 da *SSM*

Segmentos da situação	Análise 1	Análise 3	Análise 2
	Quem/O que	Poder	Dinâmica sócio-cultural
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Eu gostaria de apresentar ao município de Praia Grande oportunidades e possibilidades para o desenvolvimento do agroecoturismo; 	Eu/desenvolvimento turístico de Praia Grande.	Poder de convencer através do diagnóstico turístico.	Observadora externa à situação-problema/estudante.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ausência de informações turísticas (sinalização turística) aos visitantes que chegam ao município de Praia Grande; 	Prefeitura Municipal e Secretarias Municipais.	Poder político-administrativo.	Dependência de licitações/projetos.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Necessidade de maior suporte às propriedades agrícolas familiares para investimento nos serviços de atendimento ao turista (recursos alternativos); 	Prefeitura Municipal, Secretarias Municipais (Turismo, Meio Ambiente, Planejamento, etc.)	Apresentar oportunidades do turismo e dar suporte à preparação necessária para prestar atendimento	Problemas para integração entre diferentes instituições públicas e privadas.
	EPAGRI	Suporte técnico quanto à nova dinâmica social do campo	
	Agências financiadoras de crédito rural.	Disponibilizar recursos para financiar as atividades alternativas	

<ul style="list-style-type: none"> Ausência de uma efetiva integração entre unidades de conservação (UC) e comunidades do entorno para oferta de infra-estrutura e atendimento ao visitante; 	IBAMA	Poder para estabelecer plano de manejo para os parques nacionais em conjunto com os municípios do entorno	O histórico de relacionamento do IBAMA com a comunidade prejudica novas tentativas de trabalho integrado, isolando a UC do entorno; assim como a atividade turística não representar prioridade para investimentos sob o ponto de vista da administração municipal
	APCE e ACEVAM	Estabelecer atividades que envolvam os Parques Nacionais e as comunidades do entorno através do ecoturismo e da agroecologia	
	Conselho de Turismo	Realizar o planejamento/execução para a adequação da oferta turística de serviços frente a demanda turística	
	Secretaria de Turismo	Realizar o planejamento/execução para a adequação da infra-estrutura turística	
<ul style="list-style-type: none"> Divulgação insuficiente da região para o Estado de SC e do Brasil, comprometendo a entrada de divisas nas comunidades do entorno; 	Secretaria Estadual de Turismo	Poder de divulgação do produto turístico.	Disputa com o Estado do RS, dando preferência a outros produtos turísticos estaduais.
<ul style="list-style-type: none"> Uma pequena parte da comunidade ainda acredita nos resultados da atividade turística, envolvendo-se com o planejamento da atividade. Observa-se a necessidade de engajar toda a comunidade para perceber o turismo como uma atividade importante para o desenvolvimento sócio-econômico do município; 	Proprietários dos meios de hospedagem, estabelecimentos comerciais	Poder de conduzir as atividades no município, viabilizando o atendimento da demanda dos turistas.	Cultura bastante relacionada à agricultura convencional, dificultando o direcionamento do foco para o desenvolvimento de alternativas como o turismo.
	Condutores para o ecoturismo	Poder de conduzir as atividades no município, viabilizando o atendimento da demanda dos turistas.	
	Comunidade em geral	Poder de disseminar os benefícios/prejuízos do turismo, receber bem o turista, cuidar da cidade, participar do planejamento das suas atividades.	
<ul style="list-style-type: none"> Diversas propriedades agrícolas familiares, que realizam atividades não-agrícolas, como os serviços ao turista, estão isoladas dos atrativos turísticos. A ausência de um roteiro/fluxo turístico dificulta o planejamento turístico integrado da região, comprometendo a permanência destas famílias no campo. 	ACEVAM e APCE.	Poder para elaborar e promover um roteiro turístico integrado.	Conflitos de interesse (agricultura X agroecologia), transformações sociais no campo.
	IBAMA	Poder para permitir atividades conscientes em áreas localizadas dentro dos parques nacionais, conduzindo à uma consciência ambientalista	
	Propriedades agrícolas familiares	Poder para oferecer produtos típicos da região e a vida do campo (produtos com valores agregados)	

4.3 ESCOLHENDO UM SISTEMA RELEVANTE E SUA DEFINIÇÃO ESSENCIAL (ESTÁGIO 3 DA SSM)

A partir do engajamento com a situação-problema, e das demais informações adquiridas nos dois primeiros estágios da metodologia, é possível observar uma série de transformações que poderiam promover melhorias à situação-problema apresentada e estruturada, representados no Quadro 3.

Quadro 3 – Possíveis transformações para a melhoria da situação-problema observada em Praia Grande.

Input	→	Output
Propriedades particulares dentro da área dos parques nacionais	→	Regularização fundiária e realocação das famílias de acordo com o plano de manejo
Produção agrícola convencional (uso de agrotóxicos)	→	Práticas agrícolas alternativas baseadas na agroecologia
In-observância das restrições de uso de áreas naturais protegidas por lei (parques nacionais)	→	Equipamentos turísticos que possam efetivamente promover a consciência ambiental e contribuir para o conhecimento/pesquisas
Deslocamento de famílias de agricultores para os centros urbanos	→	Manutenção da família no campo com recursos alternativos de atividades não-agrícolas
Mão-de-obra excedente nas propriedades de agricultura familiar	→	Prestadores de serviços turísticos de qualidade
Atrativos naturais, estabelecimentos comerciais e serviços turísticos isolados	→	Integração dos atrativos naturais, estabelecimentos comerciais e serviços turísticos em roteiros 'agroecoturísticos'

Para dar continuidade à aplicação da metodologia SSM nesta situação de complexidade, decidiu-se adotar *Sistema para o desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos regionais integrados* como sistema relevante para a situação-problema, sendo este a base para o desenvolvimento dos demais estágios da SSM. Optou-se pelo sistema

relevante dos roteiros agroecoturísticos regionais integrados porque são capazes de reunir os atrativos naturais às demais potencialidades turísticas locais como pequenas propriedades de agricultura familiar, tipicamente rurais, onde se pode vivenciar a rotina do campo. Estes roteiros serão denominados neste trabalho como “agroecoturísticos” por contemplarem e valorizarem a produção agrícola familiar e as atividades relacionadas à conversação da natureza.

A escolha por este sistema relevante foi motivada não somente pela relevância do tema perante a situação-problema descrita nos estágios 1 e 2 da aplicação da metodologia, como também devido às oportunidades de renda e emprego que o agroecoturismo pode propiciar à comunidade de Praia Grande e à preservação e conservação dos recursos naturais dos parques nacionais. Além disso, atualmente existem duas iniciativas consistentes com a adoção deste sistema relevante, em Praia Grande: o projeto “PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS DE AGROECOTURISMO NO CONTEXTO DA MATA ATLÂNTICA” desenvolvido pela ACEVAM; e o trabalho de planejamento turístico que vem sendo desenvolvido por todos os atores envolvidos na atividade turística através da 1ª Oficina de Planejamento Turístico, realizada em 19/09/2007 na Pousada Cabanas Magia das Águas em Praia Grande.

Utilizando o mnemônico CATWOE como ferramenta para a elaboração da definição essencial (*root definition*) do sistema relevante (CHECKLAND, 1981a), estão dispostos, a seguir, os elementos que deverão estar presentes (ou podem ser reconhecidos) no Sistema Relevante:

- **C (*clientes*):** visitantes e as comunidades dos municípios de Praia Grande e entorno, e (*vítimas*): agricultores do modo convencional e parte da comunidade que não acredita no turismo como um vetor do desenvolvimento sócio-econômico, não desejando o seu planejamento;

- **A (atores):** IBAMA, Secretarias Municipais de Turismo, Meio Ambiente, Cultura e Planejamento de Praia Grande e dos municípios do entorno, Prefeituras Municipais, AMESC – Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense, ACEVAM e APCE.
- **T (processo de transformação):** Atrativos naturais, estabelecimentos comerciais e serviços turísticos isolados → Integração dos atrativos naturais, estabelecimentos comerciais e serviços turísticos em roteiros 'agroecoturísticos'.
- **W (visão de mundo):** ações integradas de definição, divulgação e manutenção dos roteiros agroecoturísticos geram melhores resultados em termos de desenvolvimento sócio-econômico regional (integração dos atrativos para formar o produto turístico, aumentando o fluxo de visitantes).
- **O (proprietários):** as comunidades, as entidades públicas e privadas e as associações envolvidas com o desenvolvimento dos municípios.
- **E (limitações ambientais):** divergências no âmbito legislativo e executivo entre municípios/estados; restrições quanto ao uso das áreas pertencentes às unidades de conservação protegidas por lei e sua zona de amortecimento; limitações quanto ao acesso às propriedades onde parte dos atrativos está localizada (processo de regularização fundiária não finalizada) e aversão da comunidade em relação aos visitantes e à atividade agroecoturística.

Baseado nos elementos do CATWOE, a definição essencial do sistema relevante pode ser formulada nos seguintes termos:

Um sistema desenvolvido em conjunto pelo IBAMA, Secretarias de Turismo, Meio-Ambiente e Planejamento, tanto de Praia Grande como dos municípios do entorno e suas respectivas Prefeituras Municipais, assim como demais associações relacionadas (EPAGRI, AMESC, ACEVAM e APCE), para beneficiar os visitantes e as comunidades envolvidas, através da integração dos atrativos naturais, estabelecimentos comerciais e serviços turísticos atualmente isolados em roteiros ‘agroecoturísticos’ integrados, promovendo acomodação entre os conflitos de interesse existentes quanto ao uso da terra e, assim, criando alternativas para a geração de renda e emprego às propriedades familiares rurais por meio da pluriatividade rural e multifuncionalidade agrícola.

4.4 ELABORANDO O MODELO CONCEITUAL (ESTÁGIO 4 DA SSM)

Considerando a definição essencial do sistema relevante selecionado, o modelo conceitual deve conter uma seqüência lógica de ações que, uma vez realizadas, promoveriam o processo de transformação proposto na definição essencial: *definir, divulgar e manter os roteiros agroecoturísticos regionais integrados*. Para isso, o Modelo Conceitual do Sistema Relevante para Desenvolvimento de Roteiros Agroecoturísticos Regionais Integrados foi construído a partir de 17 ações, e está representado na Figura 21. Apesar de Checkland (1981a) sugerir que não se utilize mais do que meia dúzia de verbos principais na elaboração do modelo conceitual, na aplicação da metodologia na situação-problema de Praia Grande buscou-se elaborar um modelo conceitual mais detalhado a partir da definição essencial do sistema relevante considerado.

A partir da definição essencial do *Sistema para o Desenvolvimento de Roteiros Agroecoturísticos Regionais Integrados*, buscou-se delinear o propósito deste sistema relevante em atividades mais detalhadas do processo de transformação, desmembrando a ação principal ‘desenvolvimento de roteiros’ em ações secundárias, isto é, definir, divulgar e manter os roteiros. Por este motivo o modelo conceitual apresentado a seguir contempla 17 ações, sendo que as primeiras 14 ações são monitoradas pelas demais 3, e nestas é importante destacar a definição de medidas de eficácia (E1), eficiência (E2) e efetividade (E3), representadas respectivamente pelos questionamentos:

E1: a integração das ações para o desenvolvimento dos roteiros agroecoturísticos ocorreu?;

E2: o processo de desenvolvimento dos roteiros agroecoturísticos ultrapassou o custo previsto/recursos disponíveis? O número de pessoas envolvidas foi suficiente para alcançar a integração das ações para o desenvolvimento dos roteiros?; e

E3: observou-se alteração na percepção/satisfação do visitante? Observou-se alteração na qualidade de vida das famílias envolvidas?

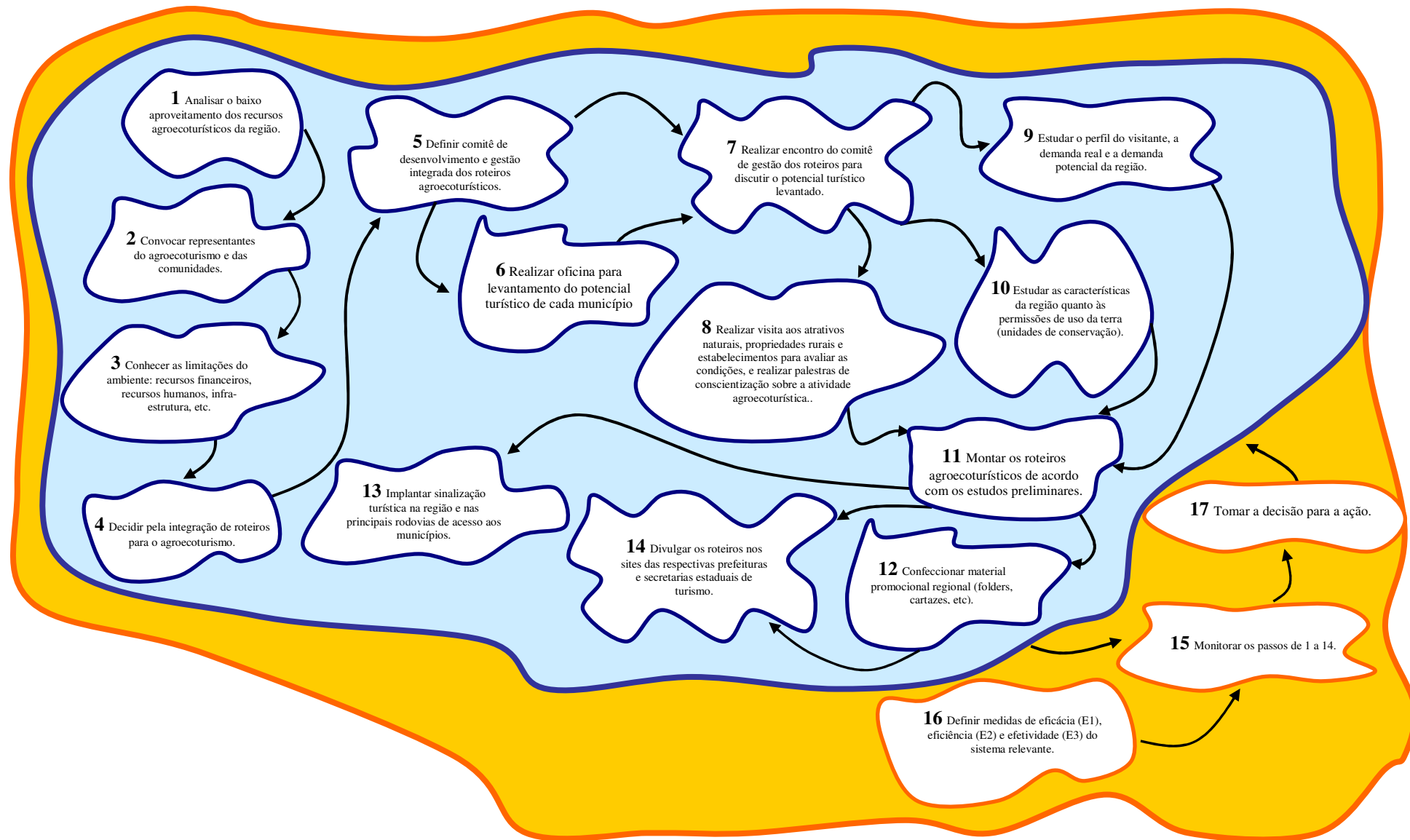


Figura 21 - Modelo conceitual do *Sistema para o desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos regionais integrados*.

4.5 COMPARANDO A SITUAÇÃO-PROBLEMA COM O MODELO CONCEITUAL (ESTÁGIO 5 DA *SSM*)

Com o intuito de melhor instruir este estágio da aplicação da *SSM* foi desenvolvido um questionário para comparar o modelo conceitual com a situação-problema (mundo-real) do município de Praia Grande. Como foi discutido no Capítulo 3 sobre os estágios da metodologia, a utilização de questionários nesta fase da aplicação da metodologia tem se mostrado muito apropriada. O questionário foi elaborado de forma que as perguntas (semi-estruturadas) pudessem desencadear um debate comparativo entre as ações definidas no modelo conceitual (descritas anteriormente) e as ações que já vem sendo realizadas no desenvolvimento dos roteiros agroecoturísticos desenvolvidos pela ACEVAM (projeto descrito anteriormente). Foram consideradas para as entrevistas tanto as pessoas envolvidas com o desenvolvimento dos roteiros propriamente ditos (representante da ACEVAM), como também proprietários de estabelecimentos que já colhem alguns resultados destas iniciativas, e demais representantes da atividade turística local e da comunidade em geral, num total de 06 pessoas. Buscou-se entrevistar também outras pessoas além das responsáveis pelo desenvolvimento dos roteiros, pois se pretendia conhecer o grau de conhecimento que estes envolvidos tinham do processo realizado pela ACEVAM.

Vale lembrar, porém, que não foi explicitada aos entrevistados que estava sendo utilizada a metodologia *SSM*, buscando dirigir a aplicação do questionário para exposição de opiniões e relatos, e colhendo sugestões. Ao contrário dos trabalhos realizados por Bunch (2003) e Lockett, Ngubane & Memela (2001), na aplicação da metodologia *SSM* em Praia Grande os entrevistados participaram mais efetivamente somente nos estágios 2 e 5 de sua aplicação, e por este motivo não foi empregada a nomenclatura característica utilizada para descrever os princípios e as técnicas da metodologia.

Para melhor descrever e apresentar os resultados da aplicação do questionário utilizado foi elaborada uma matriz com um conjunto de ações baseado nas atividades principais²¹ do modelo conceitual, para comparação com as ações praticadas na situação-problema de Praia Grande (Quadro 4).

Quadro 4 - Matriz para comparação entre a situação-problema presente no mundo-real e o modelo conceitual elaborado para o desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos regionais integrados.

Atividades baseadas no modelo conceitual:	Presente no mundo-real?	Comentários
Convocar representantes do turismo e da comunidade.		
Definir comitê de gestão dos roteiros agroecoturísticos integrados.		
Realizar oficina para levantamento do potencial turístico de cada região, discutir no comitê e realizar visitas aos atrativos e propriedades.		
Estudar o perfil do visitante, a demanda real e potencial e as características da região quanto às restrições de uso da terra.		
Elaborar os roteiros agroecoturísticos integrados.		
Confeccionar material promocional regional, divulgar os roteiros em estabelecimentos comerciais e nos sites das prefeituras e Secretaria de Estadual de Turismo (SC/RS).		
Monitorar a execução destes passos, definir medidas para avaliação dos procedimentos adotados (eficácia, eficiência e efetividade).		
Tomar decisões sobre possíveis mudanças a serem realizadas no processo (correções).		

Foram entrevistados os seguintes atores envolvidos no desenvolvimento do turismo em Praia Grande:

- AT1 – Representante e assessor técnico da ACEVAM, condutor para o ecoturismo da APCE e técnico em turismo rural;
- AT2 – Café Colonial (Rio do Boi – Itaimbezinho);

²¹ Como descrito no Estágio 4 da aplicação da metodologia SSM – Elaboração do Modelo Conceitual, são consideradas as atividades principais do sistema relevante selecionado os verbos principais responsáveis pelo processo de transformação pretendido para este sistema. É com base nestes verbos principais que se elaborou a matriz para comparação entre a situação-problema presente no mundo-real e o modelo conceitual elaborado para o desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos regionais integrados.

- AT3 – Casa Nossa Restaurante Rural (Vila Rosa – Malacara).
- AT4 – Secretaria Municipal de Turismo;
- AT5 – Pousada Cabana Magia das Águas; e
- AT6 – Representante da comunidade.

A partir de uma rápida contextualização sobre a atividade turística no município e entorno, as perguntas iniciais foram dirigidas para discussão sobre a iniciativa local (projeto PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS DE AGROECOTURISMO NO CONTEXTO DA MATA ATLÂNTICA) de desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos. O resultado da comparação está expresso em duas matrizes (Quadros 5 e 6), sendo a primeira o resultado da entrevista realizada com AT1, representante da ACEVAM (responsável pelo desenvolvimento dos roteiros), e a segunda resultado dos questionários aplicados com os demais atores envolvidos na atividade.

Quadro 5 - Resultados do questionário aplicado com AT1 sobre a comparação entre a situação-problema presente no mundo-real e o modelo conceitual elaborado para o desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos regionais integrados.

Atividades Principais do Modelo Conceitual	Mundo-Real	Comentários – AT1
Convocar representantes do turismo e da comunidade.	Sim	Afirma que é fundamental a participação dos representantes e da comunidade no projeto “PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS DE AGROECOTURISMO NO CONTEXTO DA MATA ATLÂNTICA”. Entretanto, o convite realizado no início dos trabalhos não resultou em grande participação, que o entrevistado relaciona à falta de credibilidade do turismo no município.
Definir comitê de gestão dos roteiros agroecoturísticos integrados.	Não	Acredita ser muito importante, e relatou que a ACEVAM deseja montar uma equipe para este trabalho, que no momento está sendo realizado somente pelo entrevistado. Há escassez de recursos financeiros para contratação de outros técnicos para auxiliá-lo nesta tarefa.
Realizar oficina para levantamento do potencial turístico de cada região, discutir no comitê e realizar visitas aos atrativos e propriedades.	Sim	As reuniões iniciaram no final de 2006. Foram realizados inúmeros encontros para debater sobre o potencial. Algumas visitas foram realizadas na região. Porém o entrevistado percebeu que o número de participantes diminuía constantemente, e incluiu no projeto visitas a outros destinos turísticos similares a Praia Grande, como é o caso de Alto Uruguai e a Estrada Bonita, em Joinville.
Estudar o perfil do visitante, a demanda real e potencial e as características da região quanto às restrições de	Não	Apesar de não realizar qualquer tipo de estudo sobre o perfil do visitante e de sua demanda, o entrevistado reconhece a importância destas informações, e pretende levar para discussão na ACEVAM a confecção de um pequeno questionário/formulário para este fim. Quanto às características da região e às restrições quanto ao uso da

uso da terra.		terra, tais estudos e levantamentos foram realizados recentemente pelo IBAMA (Plano de Manejo dos Parques Nacionais). O trabalho de desenvolvimento de roteiros encontra-se de acordo com as atividades previstas no plano de manejo.
Elaborar os roteiros agroecoturísticos integrados.	Sim	No entanto, como o número de atrativos prontos para receber o visitante ainda é pequeno, atualmente os roteiros consistem apenas na oferta de alguns serviços, sem ter atingido o objetivo de contemplar uma opção mais completa de lazer, que pudesse envolver tantos os atrativos naturais e as ofertas das propriedades rurais da região.
Confeccionar material promocional regional, divulgar os roteiros em estabelecimentos comerciais e nos <i>sites</i> das prefeituras e Secretaria de Estadual de Turismo (SC/RS).	Sim	Atualmente o material de divulgação do roteiro estabelecido constitui um folder com imagens e informações sobre os estabelecimentos. Há muita dificuldade em manter tal divulgação, pois os recursos atualmente utilizados são do projeto “PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS DE AGROECOTURISMO NO CONTEXTO DA MATA ATLÂNTICA”, cujo prazo é 2008/2009, e as propriedades e estabelecimentos envolvidos dispõem de poucos recursos para investir na confecção deste material. Quanto à divulgação em <i>sites</i> , nem na prefeitura municipal, nem mesmo nas secretarias de turismo há qualquer informação sobre o roteiro.
Monitorar a execução destes passos, definir medidas para avaliação dos procedimentos adotados (eficácia, eficiência e efetividade).	Não	Ainda que conste nos objetivos do projeto de desenvolvimento de roteiros da ACEVAM, as ações de monitoramento e controle das atividades não têm recebido a atenção necessária. O entrevistado diz não conseguir realizar todas as tarefas de acompanhamento das propriedades, participação em reuniões e encontros com os envolvidos e com os parceiros, e ainda finalizar todos os relatórios e avaliações aos quais se comprometeu no início do projeto. Percebe-se a necessidade de apoio pessoal, reforçando a necessidade de constituição de um comitê gestor para isso.
Tomar decisões sobre possíveis mudanças a serem realizadas no processo (correções).	Sim	Informalmente, esta é uma ação que tem sido realizada durante a execução do projeto, sem qualquer rejeição por parte dos responsáveis pelo desenvolvimento dos roteiros. Tanto para conseguir atrair a atenção dos envolvidos e mobilizar os proprietários para alcançar este objetivo, o entrevistado afirma buscar outros recursos, muitas vezes não previstos no projeto “PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS DE AGROECOTURISMO NO CONTEXTO DA MATA ATLÂNTICA”, convidando outras pessoas para compartilhar conhecimentos, por exemplo, para alcançar os objetivos propostos no início do projeto.

Quadro 6 - Resultados dos questionários aplicados com demais envolvidos na atividade turística de Praia Grande sobre a comparação entre a situação-problema presente no mundo-real e o modelo conceitual para o desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos regionais integrados.

Atividades Principais do Modelo Conceitual	Mundo-Real	Comentários – demais envolvidos na atividade turística de Praia Grande
Convocar representantes do turismo e da comunidade.	Em parte	Nem todos os entrevistados participaram deste momento inicial do projeto “PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS DE AGROECOTURISMO NO CONTEXTO DA MATA ATLÂNTICA”, no entanto reconhecem a importância deste envolvimento, inclusive vêm desenvolvendo atividades paralelas, como é o caso da 1ª Oficina de Planejamento Turístico, que tem contribuído para restabelecer o contato entre os atores do turismo na região. Relatam ainda ser possível divulgar mais as convocações para contar com a participação efetiva da comunidade, que não tem comparecido às discussões.
Definir comitê de gestão dos roteiros agroecoturísticos integrados.	Não	Reconhecem e prestigiam o trabalho realizado pelo AT1, porém acreditam que a existência de um comitê seja essencial para a continuidade dos trabalhos. No entanto, para parte dos entrevistados, que estão trabalhando com o turismo há mais tempo, há ainda muito

		receio quanto aos representantes que formariam este comitê.
Realizar oficina para levantamento do potencial turístico de cada região, discutir no comitê e realizar visitas aos atrativos e propriedades.	Em parte	Foram realizadas diversas oficinas e reuniões posteriores para discutir as ações a fim de preparar e incluir as propriedades nos roteiros. No entanto, todos os entrevistados relatam que são necessárias visitas aos atrativos locais para que a própria comunidade, os proprietários de espaços rurais e demais estabelecimentos conheçam o potencial existente no município e na região, e sejam conscientizados quanto aos benefícios que o agroecoturismo planejado poderá render à comunidade.
Estudar o perfil do visitante, a demanda real e potencial e as características da região quanto às restrições de uso da terra.	Não	Demonstraram bastante interesse em conhecer o perfil do visitante assim como de suas demandas, sugerindo a utilização de questionários/formulários. De posse destas informações acreditam ter subsídios para adequar a oferta, e até mesmo descobrir novas oportunidades para comercialização.
Elaborar os roteiros agroecoturísticos integrados.	Em parte	Apesar do projeto já estar colhendo seus primeiros resultados quanto ao desenvolvimento de roteiros, percebe-se a necessidade de uma maior integração entre atrativos naturais e propriedades rurais.
Confeccionar material promocional regional, divulgar os roteiros em estabelecimentos comerciais e nos sites das prefeituras e Secretaria de Estadual de Turismo (SC/RS).	Em parte	Apesar do folder do roteiro contribuir para a divulgação dos atrativos e propriedades rurais os entrevistados concordam com a necessidade de divulgar tal iniciativa também em sites na internet, tanto na prefeitura municipal, quanto em demais órgãos relacionados ao turismo. Recentemente, como resultado da 1ª Oficina de Planejamento Turístico, os proprietários de estabelecimentos (rurais e urbanos) tanto do ramo de hospedagem quanto de alimentação uniram-se e elaboraram dois grandes <i>banners</i> com as informações sobre as opções para estes tipos de serviços. Estes <i>banners</i> estão na sede da APCE e na sede do Parque Nacional de Aparados da Serra, locais de bastante fluxo de visitantes.
Monitorar a execução destes passos, definir medidas para avaliação dos procedimentos adotados (eficácia, eficiência e efetividade).	Não	Os entrevistados concordam com a importância deste procedimento. Porém, dizem não perceber explicitamente ações de monitoramento nem debate sobre as medidas de desempenho das ações realizadas. Sugerem que se abra espaço nas reuniões regulares para debate sobre o desempenho das ações, a fim de que estejam sempre norteando os próximos passos.
Tomar decisões sobre possíveis mudanças a serem realizadas no processo (correções).	Sim	Apesar de não perceberem ações de monitoramento e avaliação de desempenho, os entrevistados percebem, ao participar das dinâmicas, reuniões e viagens, as alterações realizadas durante a execução do projeto “PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS DE AGROECOTURISMO NO CONTEXTO DA MATA ATLÂNTICA”, e que o representante da ACEVAM está engajado na execução das tarefas, buscando, quando necessário, adaptar ações, propondo mudanças e correções.

A disposição de duas matrizes, separando as percepções do ator responsável pela ação de desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos na situação-problema do mundo-real de Praia Grande, e a dos demais atores envolvidos na atividade turística, tem como objetivo promover uma comparação sobre a forma como estes atores vivenciam uma mesma situação-problema.

Assim como o modelo conceitual, produzido no estágio anterior e que, ao ser comparado com a situação-problema do mundo-real, auxilia no debate estruturado sobre o

sistema relevante (CHECKLAND & SCHOLLES, 1990), a comparação entre estas duas matrizes pretende promover uma reflexão ainda mais aprofundada sobre a situação-problema, principalmente ao expor divergências de percepções quanto às atividades turísticas atualmente desenvolvidas no município.

Algumas das divergências apontadas, e que acabaram sendo traduzidas nas sugestões do estágio seguinte, estão relacionadas às atividades de convocação de representantes do turismo e da comunidade; à realização de oficinas para levantamento do potencial turístico, à discussão e realização de visitas aos atrativos e propriedades; à elaboração de roteiros agroecoturísticos integrados; e à confecção de material promocional (divulgação dos roteiros). A partir do relato de cada um dos atores envolvidos pode-se perceber que a participação dos atores no processo ao longo do desenvolvimento do Projeto “PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS DE AGROECOTURISMO NO CONTEXTO DA MATA ATLÂNTICA” ocorreu de diferentes maneiras, o que não se constitui uma dificuldade exclusiva do município de Praia Grande. Os obstáculos e as resistências existentes para promover a participação de todos os envolvidos na atividade são aspectos de grande relevância. Questões como confiança naqueles que estão à frente do projeto, escolhas político-partidárias, grau de instrução, incapacidade de compreensão das propostas apresentadas e até mesmo dificuldades de acesso aos locais onde são realizadas as discussões entre os envolvidos com a atividade, são alguns dos aspectos que demandam atenção por também serem capazes de influenciar diretamente o alcance das melhorias propostas.

4.6 IDENTIFICAÇÃO DAS MUDANÇAS SISTEMICAMENTE DESEJÁVEIS E CULTURALMENTE VIÁVEIS (ESTÁGIO 6 DA SSM)

A partir das comparações realizadas entre o modelo conceitual para o desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos integrados e a situação-problema do mundo-real de Praia Grande durante as entrevistas, foram expostas algumas sugestões pelos entrevistados. Esta etapa da metodologia *SSM* irá destacar as ações que representem uma acomodação entre diferentes visões de mundo. As mudanças propostas serão colocadas em prática no estágio seguinte somente se representarem relevância para a melhoria do processo (transformação) e não ferirem princípios da cultura local, como valores, costumes, e até mesmo questões relacionadas ao poder sobre a tomada de decisão.

As sugestões surgiram da percepção dos entrevistados de que algumas ações (indicadas pelo modelo conceitual) não contempladas na situação-problema do mundo-real, realmente poderiam auxiliar no desenvolvimento dos roteiros agroecoturísticos desenvolvidos pela ACEVAM, e com isso indicar possibilidades para o processo de melhoria da situação-problema de Praia Grande, ou seja, contribuir para o planejamento turístico, a partir do estabelecimento de diretrizes para o desenvolvimento da atividade (aproveitamento racional da região e dos atrativos), e como consequência influenciar as questões pertinentes ao uso da terra e seus conflitos de interesse apresentados no Capítulo 3 desta dissertação.

A percepção dos entrevistados quanto seu envolvimento com o desenvolvimento dos roteiros agroecoturísticos integrados destaca duas questões importantes abordadas no início deste trabalho. As sugestões apresentadas a seguir buscam estruturar, de maneira geral, questões referentes à pluriatividade rural e multifuncionalidade agrícola, traduzidas respectivamente pelas preocupações que estes atores demonstram com a sua permanência no espaço rural e novas atividades incorporadas a partir da potencialidade turística do local; e a manutenção da biodiversidade existente, incorporando a preserva/conservação do ambiente natural e sua exploração turística como novas funções deste espaço.

A partir do debate gerado pela realização das entrevistas foi possível identificar nas sugestões apontadas, mudanças sistemicamente desejáveis e culturalmente viáveis para complementar o processo de desenvolvimento dos roteiros agroecoturísticos integrados de Praia Grande.

As sugestões relatadas pelos entrevistados estão dispostas na Quadro 7, e são parte do estágio 6 da aplicação da metodologia.

Quadro 7 - Sugestões dos entrevistados a partir das comparações entre a situação-problema presente no mundo-real e o modelo conceitual elaborado para o desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos regionais integrados.

Atividades Principais do Modelo Conceitual	Sugestões
Convocar representantes do turismo e da comunidade.	Apesar de realizada no início do projeto, foram sugeridas reuniões constantes para que novas pessoas possam conhecer e envolver-se no projeto, contribuindo para o desenvolvimento do mesmo. Além disso, foram sugeridas atividades que envolvam a comunidade e a atividade turística como forma de envolvê-los com a atividade, a fim de que aprendam sobre os impactos que a mesma gera tanto no ambiente econômico, social como natural.
Definir comitê de gestão dos roteiros agroecoturísticos integrados.	Atualmente uma pessoa realiza este trabalho (AT1), pois não há recursos financeiros para manter outros profissionais contratados para a realização do mesmo. Porém, os demais entrevistados sugerem a criação de um pequeno grupo para discussões mais específicas sobre o comitê. Este grupo seria formado por pessoas que estão diretamente envolvidas com a atividade (os próprios entrevistados mencionaram ter interesse), com a possibilidade de constantes rodízios para que todos participem.
Realizar oficina para levantamento do potencial turístico de cada região, discutir no comitê e realizar visitas aos atrativos e propriedades.	Apesar de realizar visitas a atrativos turísticos similares ao roteiro proposto em Praia Grande, foram sugeridas visitas às propriedades do município, para que todos possam conhecer as opções de entretenimento, alimentação e hospedagem que existe em Praia Grande e entorno. Essas visitas podem, inclusive, serem realizadas através de uma prática metodológica que possibilite a discussão sobre o potencial turístico da região e entorno enquanto o deslocamento é realizado.
Estudar o perfil do visitante, a demanda real e potencial e as características da região quanto às restrições de uso da terra.	Foi sugerida, por todos os entrevistados, a elaboração de um pequeno questionário/formulário para conhecer o perfil do visitante e sua demanda. Quanto ao estudo sobre as características da região sugere-se a divulgação a toda a comunidade, nas reuniões mencionadas anteriormente, das restrições quanto ao uso da terra, de forma que se possa educar a população que a utiliza para o sustento, transformando-a num agente importante para a preservação/conservação do ambiente natural.
Elaborar os roteiros agroecoturísticos integrados.	Sugestão de elaborar roteiros que combinem os atrativos naturais e as propriedades, uma vez que o roteiro existente divulga (<i>folder</i>) as propriedades. O desenvolvimento dos roteiros deve ser realizado de forma que ofereça opções ao visitante, e que o motive a realizar o passeio.
Confeccionar material promocional	Confeccionar pequenos <i>folders</i> que divulguem os atrativos e as

regional, divulgar os roteiros em estabelecimentos comerciais e nos sites das prefeituras e Secretaria de Estadual de Turismo (SC/RS).	propriedades. Deve constar neste material, informações como tempo de deslocamento e distâncias. Além disso, disponibilizar todas as informações possíveis sobre os diferentes atrativos à disposição do visitante nos sites das prefeituras municipais de Praia Grande e entorno, assim como das Secretarias Estaduais de Turismo, tanto de SC quanto do RS.
Monitorar a execução destes passos, definir medidas para avaliação dos procedimentos adotados (eficácia, eficiência e efetividade).	Por em prática as ações de monitoramento e controle de todas as atividades conforme previamente determinado no próprio projeto “PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS DE AGROECOTURISMO NO CONTEXTO DA MATA ATLÂNTICA” da ACEVAM, mas que conforme relato das entrevistas não têm recebido a atenção necessária. Percebe-se a necessidade de um número maior de colaboradores para execução do projeto, pois atualmente o AT1 realiza as visitas às propriedades sendo também responsável por algumas demandas burocráticas como relatórios e avaliações sobre as atividades, para as quais diz não ter tempo suficiente.

Assim como relatado na aplicação da metodologia por COTA JÚNIOR, FREITAS & CHENG (2007), as entrevistas individuais mostraram-se bastante eficientes para levantar e avaliar as propostas de melhorias. Esta dinâmica auxiliou na confrontação e complementação das visões dos diferentes atores, e colaborou para o surgimento das sugestões aqui relatadas.

Para estes autores, a formalização da aplicação da metodologia para os envolvidos na situação-problema pode potencializar ainda mais o processo de intervenção (COTA JÚNIOR, FREITAS & CHENG, 2007, p. 14):

(...) aumentando a aprendizagem entre os envolvidos e possibilitando a emergência de conflitos entre as diferentes visões existentes e, conseqüentemente, discussões mais energéticas, importantes para se chegar a mudanças que sejam significantes.

Na aplicação realizada na situação-problema de Praia Grande pode-se observar um interesse por parte dos entrevistados quanto à metodologia/modelo de pesquisa que estava sendo realizada, e acredita-se que a disseminação desta metodologia como ferramenta para compreender a situação-problema diagnosticada pelos envolvidos poderá se refletir ainda mais sobre os ciclos de aprendizagem proporcionados pela SSM, e encontrar possibilidades adequadas para as mudanças pretendidas.

Além disso, analisando as sugestões que os atores entrevistados fizeram quando tomaram conhecimento das ações previstas pelo modelo conceitual, pode-se perceber a demonstração da intenção de desenvolver roteiros agroecoturísticos integrados e a

compreensão quanto aos impactos que estes roteiros teriam sobre a comunidade e o entorno. Porém, demonstraram também que teriam dificuldade para realizar as ações de definição, divulgação e manutenção dos roteiros agroecoturísticos integrados preconizados pelo modelo conceitual. A integração destas ações compreende o que se procurou propor como desenvolvimento de roteiros, e é a esta integração necessária que as sugestões fazem referência.

A discussão proposta nesta dissertação, sobre a atividade de desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos integrados (integração das ações de definição, divulgação e manutenção dos roteiros) mostra-se bastante pertinente, pois busca entender os processos de transformação das estruturas econômicas, sociais e ambientais, enquanto grande parte da literatura atual sobre turismo tem seu foco principal na análise dos resultados do desenvolvimento turístico (CARLSEN, 1999). Neste sentido, a aplicação da *SSM* demonstra que a metodologia é uma importante ferramenta para a compreensão das diversas relações e impactos proporcionados pelo turismo, e que pode ser utilizada por pesquisadores, planejadores e administradores de destinos turísticos, tanto na gestão pública quanto privada.

CAPÍTULO 5

“(...) pode-se dizer que construímos o mundo e, ao mesmo tempo, somos construídos por ele (...) a idéia de que o mundo é construído por nós, num processo incessante e interativo, é um convite à participação ativa nesta construção.”
Maturana & Varela em A árvore do conhecimento (2001, p.10).

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Embora já tenha acumulado mais de 30 anos de estudos e aplicações, com publicação de diversos livros e artigos, a *SSM* não é uma metodologia muito difundida no Brasil. Uma das primeiras aplicações publicadas no país sobre esta metodologia ocorreu em 1999, realizada na entidade filantrópica porto-alegrense Pão dos Pobres de Santo Antônio, publicada por Bellini, Rech & Borenstein (2004), cujos objetivos eram divulgar esta metodologia sistêmica para lidar com situações de complexidade no Brasil, assim como sugerir alternativas para o enfrentamento da situação-problema enfrentada na entidade.

Outra iniciativa tem divulgado diferentes aplicações da *SSM* nos últimos três anos. A realização anual dos Congressos Brasileiros de Sistemas tem proporcionado o encontro de diversos praticantes, estudiosos, pesquisadores, alunos e profissionais das mais diversas áreas, interessados nos aspectos teóricos e práticos da abordagem sistêmica. De 2005, na primeira versão do congresso, até o último realizado em 2007, em Florianópolis, 10% dos artigos apresentados relatavam aplicações da *SSM*, em diferentes contextos, desde casos empresariais locais até a reflexão sobre processos agropecuários em empresa pública de pesquisa.

Em um destes relevantes trabalhos apresentados em 2007, já relatado nesta dissertação, Sperb, Seleme & Moutinho (2007) apresentam uma estrutura arquetípica elaborada a partir da identificação de padrões sistêmicos sobre a exploração econômica dos recursos ambientais (vide Capítulo 1). Apesar de não se referir a uma aplicação da *SSM*, mas uma prática sistêmica, este estudo contempla uma série de inter-relações também hoje

vivenciadas no município de Praia Grande, e que foram detalhadas nos capítulos anteriores desta dissertação. Tanto nos *feedbacks* de reforço ou de equilíbrio deste arquétipo representado na Figura 1, é possível perceber uma forte relação com as ações organizadas no modelo conceitual do sistema relevante selecionado. Como exemplo pode-se citar o conflito existente entre ‘as restrições impostas pelo Governo Federal ao uso dos recursos’ e o ‘investimento privado em exploração econômica do recurso’, que irão impactar de formas diferentes no ‘fluxo turístico’, retraindo-o ou incentivando-o. Este último, além de ser influenciado por outras inúmeras ações, será também fator que determinará os impactos gerados pela atividade, contribuindo para encurtar ou não seu ciclo de vida.

Tanto no trabalho de Sperb, Seleme & Moutinho (2007), como em Nunes (2004) e nas entrevistas realizadas com os atores envolvidos na atividade turística da situação-problema de Praia Grande, percebe-se a forte inter-relação existente entre o turismo e duas questões vitais para o desenvolvimento sustentável do município: as transformações sociais ocorridas no espaço rural (pluriatividade rural e multifuncionalidade agrícola), e ações de educação ambiental e manutenção da biodiversidade do ambiente natural dos parques nacionais. No contexto do município de Praia Grande, o agroecoturismo, como descrito detalhadamente no Capítulo 2, apresenta características suficientes para compor com destaque o processo de desenvolvimento de uma comunidade ou região, tanto na geração de renda e empregos alternativos para a realidade rural quanto para a conscientização quanto à necessidade de preservação/conservação destes espaços naturais, essenciais para que a atividade turística continue se desenvolvendo.

Entretanto, esta atividade agroecoturística (assim como todas as demais modalidades de turismo) precisa ser planejada de forma que os conflitos de interesse existentes contribuam para aumentar as possibilidades de seu desenvolvimento. O planejamento consiste na definição de estratégias e meios para sair de uma situação atual visando alcançar uma situação

futura desejada, tratando assim de um processo dinâmico e contínuo de definição de objetivos, metas e ações, de forma integrada entre os diversos atores sociais de interesse. É importante considerar que o planejamento, como forma de aplicação do conhecimento, é produto da interação entre sujeito e objeto, conforme Maturana & Varela (2001), e seu processo dinâmico e contínuo possibilita o estabelecimento de ciclos de aprendizagem, assim como ilustrado anteriormente na ‘roda de aprendizado’ da Figura 10.

Como apresentado no Capítulo 3, a *SSM*, como metodologia para uma abordagem sistêmica em situações de complexidade, permite aprendizagem através da aplicação de seus princípios. Como destacado na Figura 22, no entanto, podem ser identificados dois ciclos distintos de aprendizagem vinculados à *SSM*²². A contribuição da metodologia não está apenas nas possíveis melhorias alcançadas para a situação-problema após debate e acomodação de conflitos de interesses divergentes, o que é aqui denominado de Ciclo de Aprendizagem 1 ou Ciclo de Aprendizagem da Situação-problema, mas sobretudo na reflexão crítica pelo modo como as atividades são executadas durante o processo completo. Este segundo processo de aprendizagem será denominado aqui de Ciclo de Aprendizagem 2 ou o Ciclo de Aprendizagem do(s) Observador(es).

As quatro primeiras ações indicadas por Checkland & Poulter (2006) representadas na Figura 22 acabam constituindo o Ciclo de Aprendizagem da Situação-problema (1), por apresentarem duas características fundamentais: (a) a complexidade das situações-problema da vida real tem origem no fato de que estas situações nunca serão “estáticas”, elas sempre irão conter percepções múltiplas da realidade, pois as pessoas têm diferentes visões de mundo; e (b) o fato destas situações-problemas serem caracterizadas pela existência de pessoas agindo intencionalmente para melhoria da realidade percebida.

²² Os dois ciclos mencionados – Ciclo de Aprendizagem 1 e 2 – não são construções explícitas dos autores aqui abordados. Trata-se de uma construção da autora desta dissertação decorrente do processo de reflexão sobre a aplicação da metodologia.

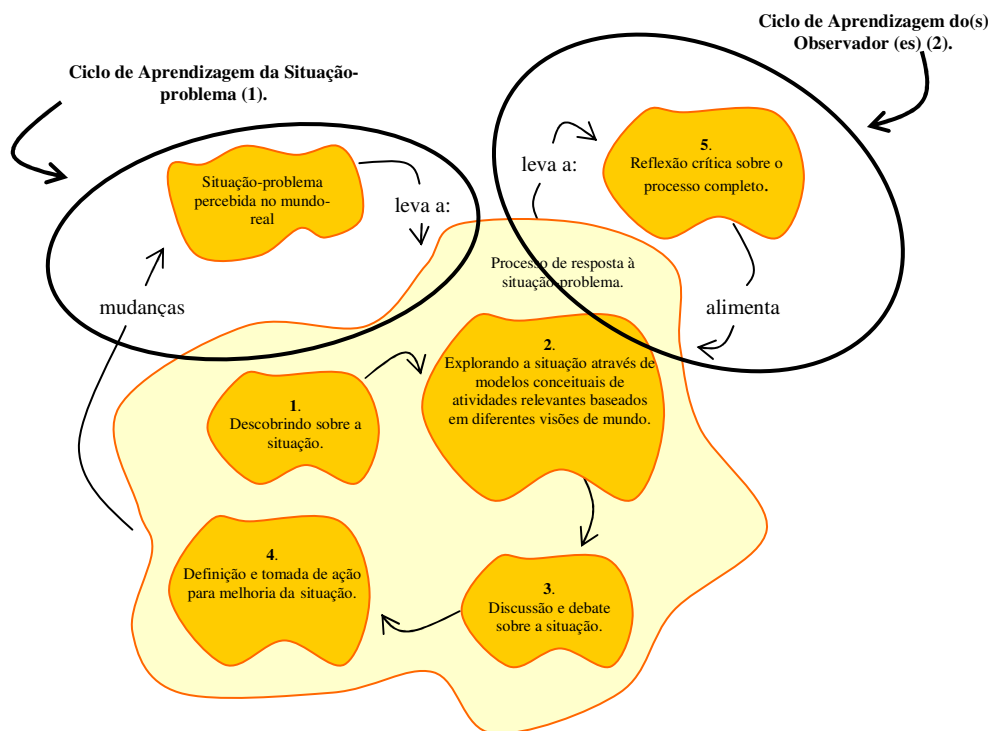


Figura 22 – Ciclos de aprendizagem da SSM.

Ao agir intencionalmente para a melhoria da situação-problema, certamente esta situação irá modificar-se, dando início a um novo ciclo de aprendizagem. Ao propor estas mudanças na situação-problema, as alterações nos “fluxos da vida cotidiana” irão proporcionar novos eventos e novas idéias (recursos para reflexões), de forma que nenhuma situação humana (observada pelo indivíduo inserido nela) tornar-se-á estática, dada a reflexão crítica conduzida sobre as atividades realizadas intencionalmente para a melhoria da situação-problema (CHECKLAND & POULTER, 2006), o que irá constituir o Ciclo de Aprendizagem do(s) Observador(es) (2).

Ao permitir a manifestação destes dois ciclos de aprendizagem sistêmica, é importante destacar que o pensamento e a metodologia sistêmicos aqui aplicados não são somente importantes para “compreender as relações setoriais do turismo” – Ciclo de Aprendizagem da Situação-problema (1), mas também para “refletir sobre os processos desenvolvidos ao longo

tempo associados ao planejamento/desenvolvimento turístico” – Ciclo de Aprendizagem do (s) Observador (es) (2).

É possível realizar aqui uma referência entre os Ciclos de Aprendizagem da Situação-Problema e do (s) Observador (es) e a teoria de Argyris e Donald Schön (CUNHA, 2007) quanto ao *Single Loop Learning* e o *Double Loop Learning* (Figura 11). Como apresentado na construção da Figura 23, o Ciclo de Aprendizagem da Situação-problema, assim como o *Single Loop Learning*, consistem na aprendizagem através da modificação do comportamento; já o Ciclo de Aprendizagem do (s) Observador (es), assim como o *Double Loop Learning*, consistem na modificação de modelos mentais, que irão determinar os comportamentos.

Na reflexão quanto à aplicação da *SSM* para a situação-problema de Praia Grande, foi possível claramente observar a presença dos dois processos de aprendizagem sistêmica, ilustrados na Figura 23. No entanto, mais importante do que aprender sobre a situação-problema ao comparar o modelo conceitual elaborado com a mesma, pode-se dizer que foi o aprendizado proporcionado pela reflexão crítica sobre as ações para o desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos integrados, a serem executadas para a melhoria da situação-problema, que se apresentou como um importante resultado deste trabalho. Ainda que as ações sugeridas para integrar os roteiros agroecoturísticos venham a causar mudanças na situação-problema de Praia Grande, é o Ciclo de Aprendizagem do (s) Observador (es) (2) que se revelou o mais importante para aumentar as possibilidades para o desenvolvimento turístico de Praia Grande, a partir das mudanças de modelos mentais, que irão determinar comportamentos.

A Figura 23 busca ilustrar os dois ciclos de aprendizagem proporcionados pelo processo. O Ciclo de Aprendizagem da Situação-problema é composto pelo processo de resposta à situação-problema, a partir do reconhecimento sobre a situação-problema (e os conflitos de interesse existentes quanto ao uso da terra para as diversas atividades, seja

agricultura convencional ou a preservação/conservação dos recursos naturais), o desenvolvimento dos roteiros agroecoturísticos integrados, seguidos de uma avaliação dos resultados, para que, ao fim deste processo possam ser sugeridas tomadas de decisão para melhoria da situação-problema.

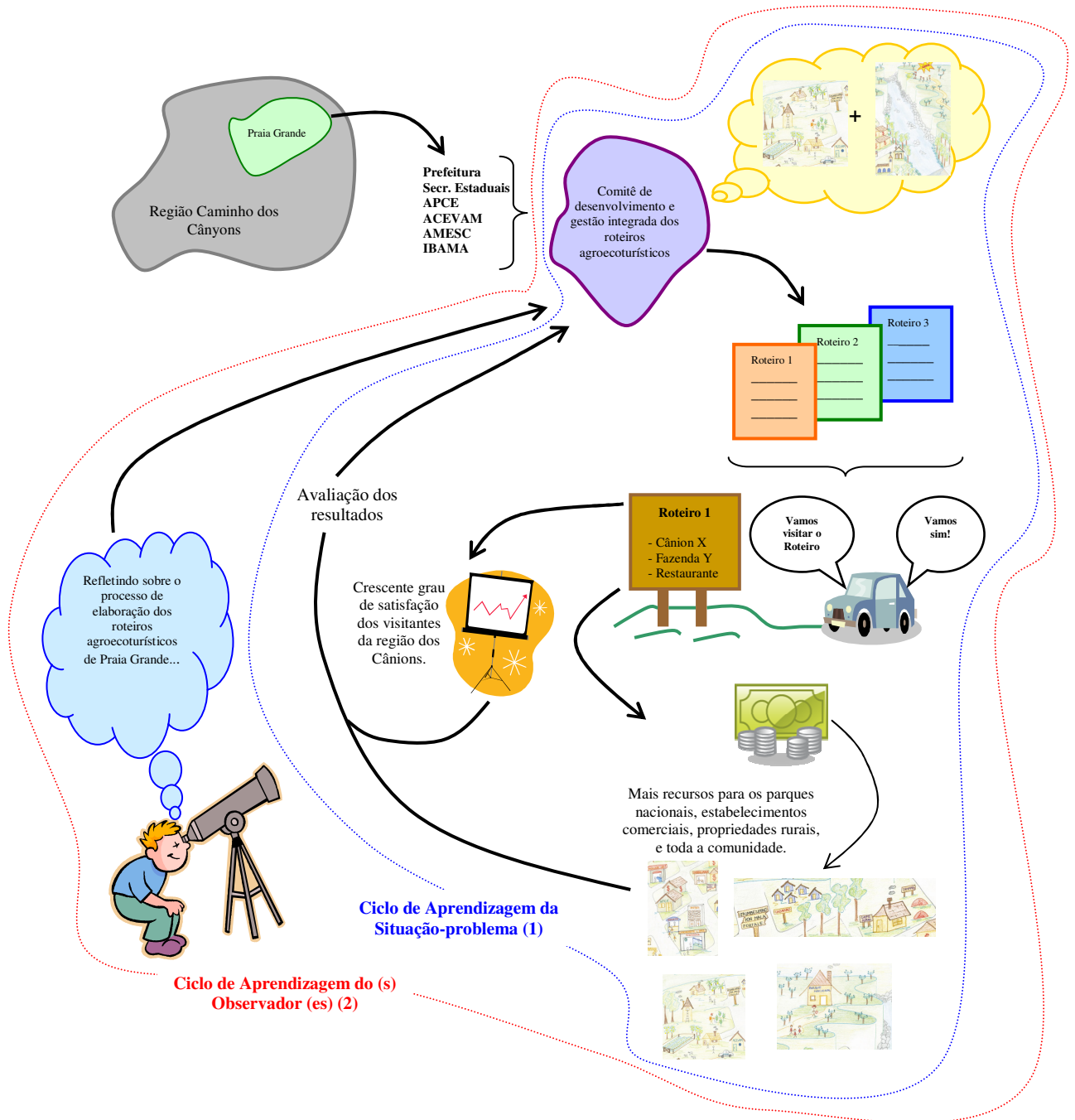


Figura 23 – Ciclo de Aprendizagem da Situação-problema (1) e Ciclo de Aprendizagem do(s) Observador(es) (2) decorrentes da aplicação da SSM na situação-problema de Praia Grande.

A partir das considerações feitas neste capítulo, assume-se neste trabalho que a aprendizagem sistêmica para o desenvolvimento turístico, representada aqui pelas atividades de definição, divulgação e manutenção de roteiros agroecoturísticos regionais integrados, acontece quando o(s) observador (es) deste desenvolvimento – atores da atividade turística e da aplicação da metodologia – mostra(m)-se capaz(es) de refletir sobre a situação-problema, encontrando pontos de convergências entre conflitos de interesse, descobrindo meios adaptados (sistemicamente desejáveis e culturalmente viáveis) de realizar as ações, de modo que estas mudanças não sejam passageiras, mas decorrente de uma transformação em seus modelos (estruturas) mentais.

CAPITULO 6

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento turístico é um assunto que a cada ano vem ganhando mais espaço nas discussões locais, regionais, nacionais e internacionais. Segundo dados da OMT, em 2003 o turismo representou 30% do total de serviços exportados no mundo. Os primeiros relatórios publicados em 2008 destacaram um crescimento médio da atividade turística nos últimos 17 anos de 7% nos países em desenvolvimento, ocupando lugar de destaque frente às demais atividades econômicas (WTO, 2008).

Apesar do crescimento do turismo não ter apresentado regularidade nos últimos anos, dadas questões de segurança e ameaças naturais ao redor do mundo, a OMT registrou em 2007 mais um recorde em crescimento, chegando a 898 milhões de pessoas viajando pelo mundo. Num trabalho realizado em 2004 (WTO, 2008), a organização previa para 2010 a marca de 1 bilhão de pessoas, e para 2020, 1,6 bilhões (o dobro de viagens realizadas em 2007). A região das Américas será o terceiro pólo receptor deste fluxo turístico em números, com destaque para os países em desenvolvimento, com potencial em atrativos naturais e culturais, como o Brasil.

Neste contexto, a atividade turística representa atualmente uma oportunidade concreta para o desenvolvimento do país, tanto na escala local, regional e estadual. Para torná-lo vetor do desenvolvimento do Brasil, o turismo precisa ser observado, estudado e principalmente planejado, para que seus efeitos indesejados, como aqueles destacados no trabalho de Sperb, Seleme & Moutinho (2007), sejam controlados e minimizados, gerando conhecimento e aprendizado para os atores envolvidos.

No campo do agroecoturismo, e no contexto do município de Praia Grande, como abordado nesta dissertação, não há dúvidas de que se trata de uma atividade que poderá promover acomodações entre os conflitos de interesse quanto o uso da terra presentes nesta tão complexa situação-problema. A riqueza paisagística natural, a biodiversidade protegida pelos parques nacionais, e as atividades características da nova ruralidade nas propriedades agrícolas, representadas nas discussões anteriores através da pluriatividade rural dos agricultores e multifuncionalidade agrícola, concedem espaço propício para refletir e organizar um segmento diferenciado de turismo. Denominado de agroecoturismo, esta segmentação é caracterizada por sua contribuição para a valorização e preservação dos recursos naturais, assim como para a manutenção das famílias agricultoras que residem na região, e que sofrem com as crises da produção agropecuária.

Em função da complexidade do contexto de Praia Grande, descrito em detalhes no Capítulo 3, utilizou-se uma metodologia sistêmica que permitisse lidar com a situação-problema, na intenção de lhe propor melhorias. A opção pela utilização da *SSM* deve-se pelo fato de que esta permite uma exploração de percepções sistêmicas, fundamentada na aprendizagem, e não na otimização de resultados (o que é mais comum quando se adota uma metodologia sistêmica baseada no que se convencionou denominar de abordagem *hard*). Conforme CHECKLAND (1981b) é importante mencionar que a *SSM*, isoladamente considerada, não se constitui em uma metodologia boa ou ruim. São as características da situação-problema percebida no sistema de atividade humana considerado (e a percepção dos envolvidos de que melhorias são necessárias) que a tornará mais adequada ou não.

Embora não realizado em sua totalidade (sete estágios), o Modo 1 de aplicação da *SSM* mostrou ser uma ferramenta adequada para lidar com a situação-problema de Praia Grande, por desencadear discussão estruturada e qualificada na busca por melhorias para o

sistema de desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos regionais integrados, destacado neste trabalho. Ao realizar o debate individualmente com cada um dos envolvidos na situação-problema (estágio 5), a experiência da aplicação da *SSM* revelou que as características de uma situação social demandam uma abordagem interpretativa (reconhecimento da pluralidade de visões de mundo), capaz de satisfazer a natureza específica de cada situação em que é usada.

Ainda que, segundo Russel & Ison (2000), a geração de um sistema é determinada pelas questões que são relevantes a um interessado, tem-se consciência de que a aplicação da metodologia não envolveu a participação de todos os atores nos estágios iniciais. Isto ocorreu porque as informações necessárias para estruturação e definição da situação-problema (apresentadas no desenho rico) foram reunidas ao longo dos últimos anos, no relacionamento mantido entre a autora desta dissertação e os diversos atores envolvidos com a atividade turística do município de Praia Grande. Este relacionamento possibilitou um aprendizado quanto às características do município, principalmente quanto à inclusão da variável ruralidade, fundamentais para lidar adequadamente com o contexto do município quanto às transformações sociais que seu espaço rural tem vivenciado (pluriatividade rural e multifuncionalidade agrícola).

A existência de algumas divergências sobre o que pensam os atores entrevistados na aplicação da *SSM* (estágio 5), constituíram, ao mesmo tempo, ameaça e oportunidade para a sua aplicação. Apesar de encarado inicialmente como um dificultador (geralmente as aplicações da metodologia realizam o estágio 5 com debate em grupo), o debate individualizado proporcionou maior liberdade às avaliações e criatividade às sugestões. As entrevistas proporcionaram um debate estruturado (pela utilização do modelo conceitual como base), recheadas de percepções, opiniões, e muito propícia às sugestões. Para Challender *apud* Checkland (2000), na essência a aplicação da *SSM* resulta na

criação e adoção de novas perspectivas em uma determinada situação-problema, por aqueles atores que são familiares com ela. É preciso destacar, assim como relatado em algumas aplicações da *SSM*, que a familiaridade existente entre a autora-praticante da metodologia e os demais envolvidos na situação foi bastante relevante para a qualidade e profundidade das informações compartilhadas nos momentos de debate com os atores de Praia Grande.

A forma como o debate foi proposto na comparação do modelo conceitual com a situação-problema do mundo-real (estágio 5) foi bastante positiva, pois valorizou características por parte dos envolvidos, como a aceitação e flexibilidade às mudanças, propondo sugestões para futuras ações (o que caracterizaria o estágio 7 da *SSM*). Considerando o modelo conceitual, duas ações foram relatadas pela grande maioria dos entrevistados como ações essenciais para o desenvolvimento dos roteiros agroecoturísticos integrados e que não estão sendo consideradas no projeto atual da ACEVAM: (a) a realização de oficina para levantamento do potencial turístico de cada região, discussão no comitê e realização de visitas aos atrativos e propriedades; e (b) o estudo do perfil do visitante, das demandas real e potencial e das características da região quanto às restrições de uso da terra. Os argumentos apresentados pelos atores durante as entrevistas reforçam o fato de que estas duas ações sejam sistemicamente desejáveis para o sistema relevante, assim como culturalmente viáveis àqueles envolvidos no processo, permitindo melhorias à situação-problema inicial. Praticamente todos os entrevistados entendem como primordial a conscientização da comunidade em geral para conhecer a atividade (referente ao item ‘a’) e o perfil do visitante (referente ao item ‘b’), a fim de que esta esteja preparada para recebê-lo. Foram estas as sugestões levantadas pelos próprios entrevistados a partir do debate estruturado que a *SSM* permitiu, e que deverão ser consideradas muito em breve para implementação, tanto no projeto “PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS DE

AGROECOTURISMO NO CONTEXTO DA MATA ATLÂNTICA” discutido na aplicação da metodologia, como em ações individuais nos empreendimentos turísticos de Praia Grande, através da distribuição de pequenos formulários aos visitantes para conhecer melhor suas características e sua percepção quanto aos serviços e produtos consumidos.

Mesmo não tendo sido a *SSM* finalizada com a realização do estágio 7, ao identificar algumas sugestões resultantes do debate entre a autora e cada um dos atores envolvidos, e ao refletir (a autora) criticamente sobre o modo como as ações são realizadas, pode-se afirmar que os dois processos de aprendizagem observados – Ciclo de Aprendizagem da Situação-Problema (1) e o Ciclo de Aprendizagem do (s) Observador (es) (2) (vide Figura 22, p.116) – levaram a uma avaliação positiva da forma de condução e do potencial da metodologia em atingir os objetivos almejados. As duas formas de aprendizagem sistêmicas aqui descritas representam resultado deste processo cíclico e contínuo de proposição de melhorias. Para os atores envolvidos, participantes dos estágios 2 e 5 da *SSM*, o debate realizado no estágio 5 permitiu a refletir sobre a necessidade, a partir das sugestões propostas, de modificar o comportamento com relação ao desenvolvimento dos roteiros agroecoturísticos hoje realizado pelo projeto da ACEVAM, o que caracteriza o Ciclo de Aprendizagem da Situação-problema. Já para a autora desta dissertação, responsável pela reflexão e construção dos estágios 1, 3, 4 e 6 da *SSM*, a aplicação permitiu refletir sobre a possibilidade de ir além da mudança de comportamento, contemplando uma aprendizagem ainda mais consistente, permitindo a modificação de modelos mentais, que determinarão o comportamento (CUNHA, 2007).

Apresentados na Tabela 1 (p. 22), diversos são os aspectos em que o turismo tem contribuído para o desenvolvimento do turismo no município de Praia Grande, conforme o estudo de Nunes (2004). As sugestões propostas nesta dissertação pelos próprios atores

envolvidos com a atividade turística reforçam a relevância destas para a melhoria da situação-problema do município, através de questões como geração de emprego e renda, qualidade de vida, entre outros. O desenvolvimento do agroecoturismo está inter-relacionado com grande parte das demais atividades econômicas realizadas no município, assim como também o está com as atividades de preservação e conservação realizadas pelos parques nacionais. Aprender com o desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos integrados, e com o planejamento turístico de uma forma mais ampla, são possibilidades para que o desenvolvimento turístico ocorra no município, sendo este baseado nos aspectos da sustentabilidade quanto à exploração dos recursos existentes (sejam naturais ou humanos), refletindo e agindo sobre as questões que determinam o ciclo de vida de Praia Grande como um destino turístico.

Mesmo sem que os entrevistados conhecessem detalhadamente os procedimentos da metodologia (as entrevistas foram intencionalmente realizadas sem que os atores envolvidos tivessem conhecimento sobre os estágios da *SSM*), os debates realizados levaram a uma discussão maior entre os interessados em promover melhorias ao processo de desenvolvimento de roteiros agroecoturísticos, inclusive demonstrando interesse em conhecer a metodologia para aplicá-la. Por isso, a intenção é apresentar a metodologia para que ela possa auxiliar hoje ações do projeto “PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS DE AGROECOTURISMO NO CONTEXTO DA MATA ATLÂNTICA”, principalmente como ferramenta para refletir sobre as ações realizadas e os ciclos de aprendizagem proporcionados, de forma contínua.

CAPÍTULO 7

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBIENTEBRASIL. *Bio-construção cresce como modelo de construção civil baseado na responsabilidade ambiental*. 08/2006. Disponível em < <http://www.ambientebrasil.com.br/noticias/index.php3?action=ler&id=26221>> . Acesso em 01/05/2008.

ANDRADE, Aurélio L. , et al. 2006 *Pensamento Sistêmico: Caderno de Campo – O desafio da mudança sustentada nas organizações e na sociedade*. Porto Alegre: Bookman.

ANDRADE, Maria M. *Introdução à Metodologia do Trabalho Científico*. 3ª Edição. São Paulo: Editora Atlas, 1998.

ACERENZA, Miguel Angel. *Administración del turismo Volume 1: Conceptualización y organización*. 2ª Edición. México, D.F.: Editorial Trilhas, 1986, 292 p.

BAHL, Miguel. 2006. Planejamento Turístico por meio da elaboração de roteiros. In: RUSCHMANN, Doris; SOLHA, Karina Toledo (Org.) *Planejamento Turístico*. Barueri, SP: Editora Manole.

BARRETO, Margarita. *O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo*. *Horiz. antropol.*, Oct. 2003, vol.9, no.20, p.15-29. ISSN 0104-7183.

BELLINI, Carlo Gabriel Porto; RECH, Ionara & BORENSTEIN, Denis. *Soft Systems Methodology: uma aplicação no "Pão dos Pobres" de Porto Alegre*. *RAE-eletrônica*, v.3, n.1, Art. 3, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.rae.com.br/electronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=1790&Secao=INFORMACAO&Volume=3&Numero=1&Ano=2004>>. Acesso em 15/10/2007.

BERTALANFFY, Ludwig von. *Teoria Geral dos Sistemas*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1975.

BOLSON, Jaisa Gontijo & FERREIRA, Marta Araújo Tavares. Os Impactos do Turismo em Tiradentes: uma Análise da Percepção do Setor Público Local. In: *IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Universidade de Caxias de Sul – Caxias do Sul/RS – de 7 a 8 de julho de 2006*.

BOULLON, Roberto C. 2002. *Planejamento do Espaço Turístico*. Tradução de Josely Vianna Baptista, Bauru/SP: EDUSC.

BUNCH, Martin J. Soft Systems Methodology and the Ecosystem Approach: a system study of the Cooum River and Environs in Chennai, Índia. In: *Environmental Management*. Vol. 31, Nº 2, p. 182-197. 2003.

BUTLER, R.W. The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources. In: *The Canadian Geographer/Le Géographe canadien*. Vol. 24 (1), 5–12, 1980.

CARLSEN, Jack. A systems approach to island tourism destination management. In.: *Systems Research and Behavioral Science*. Jul/Ago 1999, V. 16, p. 321-327, 1999.

CAZELLA, Ademir e MATTEI, Lauro (2002). Multifuncionalidade agrícola e pluriatividade das famílias rurais: complementaridades e distinções conceituais. In: *Congresso de la Asociación Latinoamericana de Sociología Rural*, VI, Porto Alegre, 2002. Anais... Buenos Aires: ALARSU, 2002. 1 CD-ROM.

CHECKLAND, Peter. *Systems Thinking, Systems Practice*. Chichester: John Wiley. 1981a.

_____, Peter. *Rethinking a Systems Approach*. Journal os Applied Systems Analysis. Vol. 8. p. 3-14. 1981b.

_____, Peter & SHOLES, Jim. *Soft Systems Methodology in Action*. Chichester: Wiley. 1990.

_____, Peter & POULTER, John. *Learning for Action: a short definitive account of Soft Systems Methodology and its use for practitioners, teachers and students*. Chichester: Wiley. 2006.

_____, Peter & HOLWELL, Sue. Action Research: its nature and validity. In.: *Systemic Practice and Action Research*. Vol. 11, Nº 1, p. 9-21, 1998.

_____, Peter. The emergent properties os SSM in use: a symposium by reflective practitioners. In: *Systemic Practice and Action Research*. Vol. 13. Nº 6. 2000.

COSTA, Patrícia Côrtes. *Unidades de Conservação: matéria-prima do ecoturismo*. Série Turismo. São Paulo: Editora Aleph, 2002.

COTA JÚNIOR, Márcio Barbosa Guimarães; FREITAS, Jonathan Simões; CHENG, Lin Chih. *Uma análise da Soft Systems Methodology e sua utilização para melhoria do Processo de Desenvolvimento de Cultivares em uma instituição de pesquisa agropecuária*. In: 3º CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS, 2007, Florianópolis. Prática Sistêmica em Situações de Complexidade (Anais). Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas – CCA/UFSC. Florianópolis, 24 e 25 de outubro de 2007.

CUNHA, Ana Paula. *Aprendizagem Sistêmica e Cobrança no Uso da Água*. 2007. 98 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas) – Centro de Ciências Agrárias/CCA - UFSC, Florianópolis, 2007.

DEL GROSSI, Mauro & SILVA, José Graziano da. *As novas relações cidade e campo*. Disponível em: < www.congressocidades.com.br/images/Artigo4.doc>. Acesso em: 10 de junho de 2006.

EMBRATUR. *Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo*. Grupo de Trabalho Interministerial – MICT/MMA. Brasília. 1994.

ESTEVEZ DE VASCONCELLOS, Maria José. *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. 5ª Edição. Campinas: Papirus, 2002.

GEORGIU, Ion. Making decisions in the absence of clear facts. In: *European Journal of Operational Research*. Vol. 185, Nº 1, p. 299-321, 2008.

HALL, Colin Michael. *Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos*. São Paulo: Contexto, 2001.

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2003. *Plano de Manejo dos Parques Nacionais de Aparados da Serra e Serra Geral*. Brasília – DF.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2007. *Cidades@ - o Brasil município por município*. 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 25/11/2007.

_____ – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2008. *Levantamento Sistemático da Produção Agrícola*. 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 05/01/2008.

KINKER, Sônia. *Ecoturismo e Conservação da Natureza em Parques Nacionais*. Campinas, SP: Editora Papirus, 2002.

KRIPPENDORF Jost. *Sociologia do Turismo*. São Paulo: Editora Aleph, 1985.

LEMOZ, Leandro de. *O valor turístico na economia da sustentabilidade*. Série Turismo. São Paulo: Editora Aleph, 2005.

LUCKETT, Sidney; NGUBANE, Steven & MEMELA, Bhekathina. Designing a management system for a rural community development organization using a systemic action research process. In: *Journal of Systemic Practice and Action Research*. Vol. 14, Nº 4, p. 517-542, 2001.

MARIOTTI, Humberto. *Organizações de Aprendizagem: educação continuada e a empresa do futuro*. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1999.

MATTEI, Lauro. 2006. *Agricultura familiar e turismo rural: evidências empíricas e perspectivas*. NEAD – Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. Disponível em: <<http://www.nead.org.br>>. Acesso em: 15 de junho de 2006.

MATURANA, Humberto & VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas para a compreensão humana*. Tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athenas, 2001.

MCINTOSH, Robert & GUPTA, Shashikant. *Turismo, Planeación, Administración y Perspectivas*. 1ª edição. México D.F.: Editorial Limusa S. A. 1983.

MITRAUD, Sylvia (org). *Manual de Ecoturismo com Base Comunitária: ferramentas para um planejamento responsável*. Brasília: WWF Brasil, 2003, 470 p.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. 2007. *PDA – Projetos Demonstrativos: Comunidades Construindo sua Sustentabilidade*. Disponível em: < <http://www.mma.gov.br>> Acesso em: 05/01/2007.

MOLINA, Sérgio. *O pós-turismo*. Tradução: Roberto Sperling. São Paulo: Aleph, 2003.

_____, Sérgio. *Turismo e ecologia*. Tradução: Josely Vianna Baptista. Bauru: EDUSC, 2001.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Tradução: Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1999.

Mtur – Ministério do Turismo. 2008. *Boletim de Desempenho Econômico do Turismo*. Janeiro/2008. Ano VI. Nº 17. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/>>. Acesso em: 05/03/2008.

_____. *Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil*. 2004. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>> Acesso em: 25/06/2006.

_____. *Segmentação do Turismo – Marcos Conceituais*. Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil. 2003. Disponível em: < <http://www.turismo.gov.br/>>. Acesso em 10/10/02007.

NUNES, Giane Karla Berticelli Nunes. *Oportunidades e possibilidades para o desenvolvimento do ecoturismo no município de Praia Grande/SC, região que compõe o entorno dos parques nacionais de aparados da serra e serra geral*. 2004. 234 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Administração com Habilitação em Turismo e Hotelaria) – Centro de Educação Superior UNICATUPY, Florianópolis, 2004.

O’CONNOR, Joseph & McDERMOTT, Ian. *The art of systems thinking: essential skills for creativity and problem solving*. London: Thorsons, 1997. 264 p.

OLIVEIRA, José A. Puppim. A variável socioambiental nos processos de planejamento do setor turístico. In: BARBOSA, Luiz Gustavo Medeiros & ZOUAIN, Deborah Morais (Orgs). *Gestão em Turismo e Hotelaria: experiências públicas e privadas*. São Paulo: Editora Aleph. P. 21-36, 2004.

ROSA, Zilma Rocha. *Do Fundo da Alma*. Praia Grande: Gráfica IMPRINT. 2002.

ROTA DOS CANYONS. Turismo. *1ª Oficina de Planejamento Turístico – Praia Grande* – 19/09/2007. Disponível em: <<http://www.rotadoscanyons.com.br/?acao=novidadesInterna&cdnovidade=22>>. Acesso em: 05/01/2008.

RUSSEL, D. B. & ISON, R. L. Designing R&D systems for mutual benefit. In: ISON, R. L. & RUSSEL, D. B.. *Agricultural extension and rural development. Breaking out of traditions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 208-218.

SANTUR – Santa Catarina Turismo S/A. *Demanda Turística 2007: Estatísticas*. Disponível em: <<http://www.sol.sc.gov.br/santur/FrameDemanda2007>>. Acesso em: 15/02/2008.

SCHLINDWEIN, Sandro Luis. *Prática sistêmica para lidar com situações de complexidade*. Anais do I Congresso Brasileiro de Sistemas (CD-ROM), Ribeirão Preto, 9 e 10 de novembro de 2005. 7 p.

SENGE, Peter M. *A quinta disciplina. Arte e Prática da organização que aprende*. São Paulo: Best Seller. 1994.

_____, Peter. et. al. *A Quinta Disciplina – Caderno de Campo: estratégias e ferramentas para construir uma organização que aprende*. Tradução: Antônio Roberto Maia da Silva. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 2000. 560 p.

SPERB, Matias Poli; SELEME, Acyr & MOUTINHO, Marcelo. *Exploração econômica de recursos ambientais: identificando padrões sistêmicos a partir do caso da Ilha do Mel – PR*. In: 3º CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS, 2007, Florianópolis. *Prática Sistêmica em Situações de Complexidade (Anais)*. Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas – CCA/UFSC. Florianópolis, 24 e 25 de outubro de 2007.

THE OPEN UNIVERSITY. *Systems Thinking and Practice: a primer*. Milton Keynes: The Open University, 2002. 78p.

THE WORLD COMMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT. *Our common future*. Oxford University Press: Geneva. 1987.

THIOLLENT, Michel & OLIVEIRA SILVA, Generosa. The Use of Action Research in the Management of Environmental Problems. In: *RECIIS Elect. J. Commun. Inf. Innov. Health*, v.1, n.1, p. 91-98, 2007. Disponível em <<http://www.reciis.iciict.fiocruz.br>>. Acesso em 15/03/2008.

TORESAN, Luiz; MATTEI, Lauro & GUZZATTI, Thaíse Costa. *Estudo do potencial do agroturismo em Santa Catarina: impactos e potencialidades para a agricultura familiar*. Florianópolis: Instituto CEPA/SC, 2002.

TORRE, Oscar de La. *El Turismo: fenómeno social*. México D.F.: Fondo de Cultura Economica. 1980.

VEIGA, José Eli da. *Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*. 2ª Edição. Campinas, SP. Autores Associados, 2003.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o ‘rural’ como espaço singular e ator coletivo. In.: *Estudos Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro: UFRJ/CPDA, n.º. 15, p. 87-145, 2000.

WTO – World Tourism Organization. *Tourism and the world economy*. Disponível em: <<http://www.unwto.org/facts/eng/economy>>. Acesso em: 05/03/2007.

____ – World Tourism Organization. *UNWTO NEWS. Magazine of the World Tourism Organization*. Year XXII, Issue 1/2008. Disponível em: <<http://www.unwto.org/media/mag/en/mag.php?op=1>>. Acesso em: 10/04/2008.

ZOUAIN, Deborah Moraes & CRUZ, Francisca de Oliveira. Gestão social no sistema turístico brasileiro: limites e possibilidades. In: BARBOSA, Luiz Gustavo Medeiros & ZOUAIN, Deborah Moraes (Orgs). *Gestão em Turismo e Hotelaria: experiências públicas e privadas*. São Paulo: Editora Aleph. p. 37-54, 2004.

Anexo 1 - Modelo Conceitual com principais atividades do Sistema para Desenvolvimento de Roteiros Agroecoturísticos Regionais Integrados.

